






# O caso do **Tipógrafo**



Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

Publicado por LIVRUS.  
Rua 24 de Maio, 77 - 10º andar - Sala 1002  
Centro - São Paulo - SP - 01041-001  
Website: [www.gizeditorial.com.br](http://www.gizeditorial.com.br)  
E-mail: [giz@gizeditorial.com.br](mailto:giz@gizeditorial.com.br)  
Tel/Fax: (11) 3333-3059

Emílio Figueira

O caso do  
**Tipógrafo**

crônicas das minhas memórias



São Paulo, 2009.

© 2009 de Emílio Figueira

**Título Original em Português:** O caso do tipógrafo

**Editor:** Ednei Procópio

**Assistente editorial:** Juliana Medeiros

**Comercial:** Simone Mateus

**Revisão:** Cláudio Donato

**Editoreção eletrônica e capa:** Equipe Giz Editorial

**Impressão:** ProL Gráfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Figueira, Emílio

O caso do tipógrafo : crônicas das minhas memórias / Emílio Figueira. – São Paulo : Giz Editorial, 2009.

ISBN 978-85-7855-039-4

I. Crônicas brasileiras I. Título.

09-07038

CDD-869.93

---

**Índice para Catálogo Sistemático**

I. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

**É PROIBIDA A REPRODUÇÃO**

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzida, sem a permissão, por escrito do autor. Os infratores serão punidos pela Lei nº 9.610/98

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

*“Percebi que o passado não faria mais diferença,  
então resolvi mudar o futuro. Quem olha para  
fora sonha, quem olha para dentro acorda!”*

**Carl Jung**

Se este enredo tem heroínas, certamente são quatro:  
Minha avó Lourdes, minha mãe Ivone e minhas irmãs  
Ana Paula e Ana Luíza. As duas primeiras estão  
desde o princípio e até agora me apoiando em tudo.  
As duas últimas, embora também sempre do meu lado,  
possivelmente assumirão um dia a tarefa de cuidar deste  
autor na velhice e enquanto durar a minha existência!  
Para elas, os recortes de minhas memórias...



# Sumário

## **PRIMEIRA PARTE.....13**

### **memórias em preto e branco de retalhos dos meus primeiros momentos**

Nascendo e já guerreando durante a ditadura .....15

Anos de isolamento na AACD-Central.....21

Lembranças do apartamento.....26

A chácara: primeiros momentos em terras guaraienses.....32

AACD Santana: o embrião do “eu-psicólogo”!.....38

## **SEGUNDA PARTE .....45**

### **Guaracá: anos de liberdade e grandes amizades**

Primeiros anos em Guaracá .....47

O nascimento do Tipógrafo.....53

Embriões do “eu-escritor”!.....60

O início das noites guaraienses .....66

1986: o ano que não acabou para mim.....72

Quando o verão chegar.....80

Ideias e realizações de 1988 .....87

Quando o trem apitou.....96

**TERCEIRA PARTE ..... 103**

**Bauru: dezesseis anos de solidão e  
profissionalização**

Rua primeiro de agosto.....	105
Anos literários e de militância.....	111
Editor-chefe da folha da cidade .....	117
Intensos anos científicos .....	122
Meus amigos gaúchos.....	127
Continuando no centrinho.....	133
Entre o científico e o literário .....	138
Três pilares na minha vida .....	143
Um primeiro encontro com a psicologia da arte .....	150
Um pouco sobre a morte do meu pai.....	157
Início da minha vida universitária.....	162
Um semestre em São Paulo.....	170
Volta à USC .....	175
Meu bacharelado .....	181

**QUARTA PARTE ..... 187**

**novamente São Paulo: um reencontro com a  
literatura e o nascimento do "eu-psicanalista"**

Uma férias de vinte e seis anos.....	189
A biblioteca com que sempre sonhei.....	194
Projetos de livros e correspondências com as editoras.....	198
Caminhando em silêncio: autor e personagem.....	203
Os faxineiros da USC.....	208
Resultados de um processo de individuação.....	212
Autobiografia ou memória de um eterno tipógrafo? .....	221

# *Prefácio*

**E**scriver crônicas é escrever sem razão. É apanhar o alimento intangível do tempo entre cascalhos quotidianos. A crônica é efêmera e descartável e o cronista é como um gato a brincar com o novelo de lã. Tudo se consome na própria leitura, como no desenrolar do novelo, nada ficando para a posteridade. No entanto, quando o cronista ama e sofre na sua narrativa, é como se soprasse a vida no seu texto, levando-o a imortalidade.

Emílio Figueira escreve crônicas. Escreveu a crônica de sua vida e nos deu este livro. Em sua narrativa, Emílio não se poupa, revelando-se nas mais diversas situações, de sucesso ou de fracasso, de sonho ou de desencanto. Daí surge um livro encorpado, sem artificialidades, porque nossa alma é assim mesmo, enigma que faz conviver o acontecido e o imaginado, tendo ambos o mesmo poder traumático e o mesmo pé de realidade..

Emílio protagonizou sua obra, vindo da idade mais tenra até os dias atuais, espalhando pelo caminho a sua coragem de viver. De algum modo, em muitos momentos, ele precisou de mais força para a superação das barreiras impostas pelo plano natural da ordem convencional do mundo, pouco habilitada para conviver com as despadronizações. Se em alguns momentos precisou vencer-se a si próprio, essas batalhas não se comparam às que ele

travou com o ambiente ao seu redor. Mas Emilio não escreveu para se lamentar, apenas para memorizar-se e nesse exercício cronológico de contar a sua vida, ele enche as páginas do livro de lições de amor e luta.

O Caso do Tipógrafo é uma historia de vida, que nos remete a uma viagem continua para dentro de nós mesmos e os passos do livro são, às vezes, nossos próprios passos nesse caminho longo que percorremos. É gratificante conhecer detalhes tão precisamente comentados pelo autor sobre situações embaraçosas contadas com prosaísmo como se fossem triviais. Mas, a bem da verdade, a trivialidade da vida é o que a torna grande. Pequenos momentos traspassam entre acontecimentos mais graves sem nem por isso perder seu significado. Emilio mostra claramente a grandeza desses momentos sobre os quais se edificou.

Aquela ideia que temos de que a nossa vida daria um romance ganha força quando lemos este livro. À luz da literatura este livro não é um romance, mas o emaranhado de acontecimentos relatados nos sucessivos episódios em que Emilio emerge no final de cada um deles como um lutador, nem sempre vitorioso, como ele mesmo se coloca, mas sempre a espera do momento seguinte, faz, sim, deste livro um belo romance descompromissado com o final feliz. Emilio nos ensina que a felicidade não é um bem acabado que recebemos como premio no fim de cada luta, mas algo que está ao nosso alcance, abstratamente envolvida nesse processo de viver. Leiam o livro e descubram isso!

*Ângelo Humberto Ancillotto*  
*Cronista*

# PRIMEIRA PARTE

**memórias em preto e branco  
de retalhos dos meus  
primeiros momentos**



# *Nascendo e já guerreando durate a ditadura*

Década de 1960, auge da Ditadura Militar no Brasil – período da política brasileira em que os militares governaram o país entre 1964 a 1985, caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. São Paulo, bairro do Bom Retiro, Avenida Rugde, esquina com a Rua Sérgio Thomas. Ali existia uma usina da Sabesp, uma subestação de tratamento de esgoto. Um terreno muito amplo com um extenso e profundo poço em forma de cone aberto ao centro onde o esgoto era tratado lá em baixo quando seus canais enchiam; descendo as escadarias, ainda mais profundo, ficava a casa das máquinas. Em volta muitas e enormes árvores, gramados, plantas rasteiras, partes de pedregulhos, calçadas de cimentos para caminhadas. Tudo muito bem cuidado e cercado por altas grades de ferro que nos permitiam visualizar o movimento da avenida.

Ao lado, com frente para a avenida, ficavam as quatro casas dos operários. Uma de frente para rua; entre ela e o muro da usina um enorme corredor de mais de trinta metros. No meio mais uma casa que ficava parede-meia com a da frente. Ao chegar ao fundo do corredor, o mesmo se expandia um pouco como se fosse um rol em forma de quadrado com dois portões de madeira

altos e lado a lado à esquerda de quem chegava e uma porta de sala bem em frente ao corredor. Portões, porta e famílias que começarei abrir.

Começando pela porta da sala, ali morava um dos funcionários da usina, meu avô João, minha avó Lourdes, os filhos (meus tios) Dolório, Ivone, Maria Aparecida e Tadeu, o sobrinho Edson criado como filho, mais as cunhadas, primas e minha bisavó Geralda. A casa era naquele estilo anexando puxados, o que formava praticamente um “u”, tendo ao centro um bom quintal cimentado, a lavanderia e um pequeno cômodo como se fosse uma dispensa, mas que acabou ficando como a casa do cachorro chamado Ringo. Esse quintal tinha um portão de acesso ao corredor externo, juntamente ao portão direito do rol já descrito. Quintal que sempre era coberto com uma lona para muitas festas. E uma dessas festas foi em 1967, casamento da filha Ivone, bancária, com um operário de fábrica têxtil, José Carlos, onze anos mais velho. Meus futuros pais!

Era o fim do governo Castello Branco, que estabeleceu eleições indiretas para presidente, além de dissolver os partidos políticos. Vários parlamentares federais e estaduais tiveram seus mandatos cassados, cidadãos tiveram seus direitos políticos e constitucionais cancelados e os sindicatos receberam intervenção do governo militar. Iniciava-se o governo do general Arthur da Costa e Silva, marcado por protestos e manifestações sociais. A oposição ao regime militar cresce no país. A UNE (União Nacional dos Estudantes) organiza, no Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil. Em Contagem (MG) e Osasco (SP), greves de operários paralisam fábricas em protesto ao regime militar. A guerrilha urbana começa a se organizar. Formada por jovens idealistas de esquerda, assaltam bancos e sequestram embaixadores para obterem fundos para o movimento de oposição armada. No dia 13 de dezembro de 1968, o governo decreta o Ato Institucional Número 5 (AI-5). Este foi o mais duro do governo militar, pois



aposentou juízes, cassou mandatos, acabou com as garantias do *habeas-corpus* e aumentou a repressão militar e policial.

Mas, indiferentes ao momento político, aquela família vivia os dias rotineiros, cumprindo seus deveres, trabalhando. O jovem casal atravessou todo o tumultuado e histórico ano de 1968. E minha mãe engravidou aos 22 anos em janeiro de 1969.

Por ser o primeiro filho, meus pais queriam dar o melhor para mim. Minha gestação foi acompanhada por um médico particular e ocorreu tudo normal durante os nove meses. Mas quando minha mãe entrou em trabalho de parto e foi para o hospital, esse médico estava viajando e não pode estar em São Paulo. Ela ficou por 16 horas sofrendo e nenhum outro médico queria atendê-la por se tratar de um caso particular. Quando não teve mais jeito e após minha mãe quase morrer de tanto sofrer, o parto foi feito à força e eu retirado de maneira fórceps com forma violenta, tive asfixia cerebral, nasci todo roxo, sem respiração e sinais vitais. Por instinto dos médicos, mas principalmente pela mão de Deus, fui colocado no balão de oxigênio e deixado lá, mesmo sendo considerado morto. Após cinco horas, comecei a chorar, dando sinal de vida. Mas os médicos não disseram nada aos meus pais sobre a possibilidade de eu ter consequências por isso.

Com o passar do tempo, minha bisavó Geralda percebeu que eu era diferente das outras crianças; quando alguém me dava uma bolacha, em vez de eu levar a mão à boca, levava a cabeça até a mão. Ao comentar que eu tinha algum problema, todos ficaram muito bravos com ela. Por volta dos três meses, minha mãe me levou ao posto de saúde para as vacinações de rotina. A médica comentou com ela que eu possivelmente tinha um retardo motor. Mas ela confundiu com retardo mental e chorou por três dias sem parar.

Após vários exames, constatou-se que eu tinha paralisia cerebral de forma mista: *espástica*, com rigidez e tensão muscular nos movimentos lentos e desejados: *atetóide*, movimentos arriti-

mados que concorrem com os movimentos voluntários, resultando em uma incoordenação global, falta de controle e inibição nos movimentos espontâneos. Praticamente fiquei com dificuldades nos movimentos de coordenação motora e de pronúncia, pois os músculos da fala foram afetados. O intelecto, graças a Deus, foi preservado.

Certa vez, minha bisavó e minha avó Lourdes fizeram a simpatia do ramo de batata e plantaram no quintal da usina. Geralmente quando brotam e começam a criar ramos rasteiras, a criança começa a andar. Mas a minha, em vez de criar ramos, cresceu para cima. Minha bisavó então comentou: “Lourdes, o Emílio vai demorar muito para andar, ou nem vai andar!”. E assim foi...

Logo no meu primeiro ano começaram os meus tratamentos. Primeiro foi no Centro de reabilitação do Sesi-Ipiranga. Depois em paralelo comecei a ser atendido na Associação de Assistência à Criança Defeituosa – AACD – no Ibirapuera. Foram anos de muito sacrifício para toda a família. Às vezes, meu pai me levava de carro, assim como a avó Lourdes que também dirigia na época. Mas na maioria das vezes, eu era levado de ônibus no colo da minha mãe ou de sua prima que chamo de tia Iracema. Quando ia para a AACD, a mãe me levava de manhã e ia buscar à tarde, tomando nove ônibus por dia. Era realmente uma heroína, uma mãe que não media esforços pela reabilitação de seu filho!

Vivíamos uma época que os estudos e técnicas de tratamentos ainda engatinhavam. Por quase cinco anos usei aparelhos em quase todo o corpo para ele endurecer – o que muitos especialistas de hoje dizem que não era necessário. Assim também fiz parte de muitos outros experimentos e pesquisas no início dos anos 1970. Recentemente comentei com o Lucas, um grande amigo fisioterapeuta, sobre muitos equipamentos e aparelhos que eu usava na minha reabilitação; fiquei surpreso quando ele me disse que a maioria deles foram abolidos, pois a fisioterapia

moderna entende que não eram eficazes. Mas para mim, tudo isso era fundamental para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das ciências que envolvem o processo de reabilitação. E, de certo modo, mesmo de forma modesta, dei uma pequena contribuição para isso, sendo “objeto” de alguns experimentos.

Por outro lado, muitas adaptações foram fundamentais para mim: na hora das refeições usava uma prancha fixada à mesa onde tinha o encaixe do prato, do copo e da tigela de sobremesa; minha colher era com um cabo grosso de madeira e torta, pois eu ainda não fazia a curva para chegar à boca; o lápis era engrossado e eu usava uma pulseira de meio quilo de chumbo no pulso, visando diminuir a frequência dos movimentos involuntários e conseguir rabiscar, pintar o papel. Por muito tempo usei pesadas botas ortopédicas, fora inúmeros outros recursos que já fugiram de minha memória. E assim minha vida foi sempre de adaptações que permitiram cada vez mais a minha autonomia...

Dentre as poucas lembranças da minha infância estão as brincadeiras no quintal de meus avós, tantos brinquedos que tive, assim como uma bicicleta azul de quatro rodas e uma tonka. Esse mesmo quintal que foi palco de tantas grandes festas. Desde bebê eu tomava sol na usina onde o avô João trabalhava, sempre vigiado por seu cachorro, o Ringo. Vizinho da casa morava um casal, Seu Antônio e Dona Eugênia, aos quais eu chamava de avô e avó e brincava muito na casa deles. No meio do extenso corredor morava um casal com muitos filhos; eles eram membros da Congregação Cristã no Brasil e anunciaram a graça aos meus avós que se converteram a essa doutrina em meados da década de 1970. Lembro-me que por várias vezes passei no colo do avô João pelas ruas do bairro e também fui congregar com ele no Bom Retiro.

Perto dos meus três anos, minha mãe engravidou da Ana Paula. Por conta disso, a avó Lourdes passou a me levar e buscar na AACD. Com meus pais, mudamos para um apartamento.

Durante a minha infância, paralelo ao tratamento, eu frequentava os primeiros anos da educação infantil na EMEI “Raul Tabajara”, na Barra Funda, normalmente entre as demais crianças do meu bairro – o que hoje chamam de Inclusão Escolar. Mas ao atingir a idade escolar de alfabetização, fui efetivado na AACD como aluno semi-interno e passei a ter direito a perua de transporte escolar.

Voltando ao meu parto, como disse certa vez uma psicóloga muito minha amiga, eu nasci vencendo a morte. Acredito que nasci já guerreando por um ideal: o de viver! E esse espírito guerreiro tem me acompanhado por toda a minha caminhada em todas as áreas. Sempre com muito otimismo e uma fé inabalável em Deus. Sempre digo com convicção que acho que Ele já me deu muito mais do que uma pessoa na minha condição poderia alcançar. Mas, ao mesmo tempo, sei que Ele ainda tem muito mais coisas para realizar em minha vida do que posso imaginar. E faço desse otimismo o meu combustível para lutar. Claro, após o meu parto, por algumas vezes já passei perto da morte e ainda passarei por vários motivos e ocasiões. Mas tenho certeza absoluta que chegará o dia que serei definitivamente vencido por ela. E partirei com uma sensação de na minha pequena existência ter feito a diferença. Ou pelo menos, tentado...

## *Anos de isolamento na AACD-Central*

**L**embro-me que quando fui efetivado como aluno da AACD Central (como sempre chamei a unidade do Ibirapuera!), no dia em que fui com minha mãe fazer a documentação, lá no salão principal de festas um grupo no palco vestido de papel prata e capacete dançava aquela música “Tomo banho de Lua...”. O local estava lotado, era a festa de fim de ano. Minha mãe e eu ficamos bem no fundo e na nossa frente havia um cinegrafista com uma câmara de televisão. Logo mais à noite, vi a cena da dança no “Jornal Nacional”.

Nos anos 1970 o frio era muito intenso, cinzento e durava exatamente três meses. Eu levantava muito cedo, tinha que colocar muita roupa, indo com meu pai no fusquinha café-com-leite. Todos os dias passava pelo “Monumento às Bandeiras” (o popular “Deixa que eu empurro”) de Vitor Brecheret, no Ibirapuera, e me admirava por ele. Meu pai me deixava na portaria da AACD antes da sete horas da manhã e eu esperava dar o momento de entrar. Ali via muitos funcionários bater o ponto, inclusive minha primeira professora que se chamava Therezinha. Quando as peruas começavam a chegar, os porteiros me liberavam e eu ia ajudar a pegar as cadeiras e carrinhos de rodas, andadores, levar para os motoristas retirar o pessoal das conduções e lavar os colegas para suas classes.

Não me lembro exatamente do que estudávamos em sala de aula, mas eram as séries iniciais, embora eu já viesse alfabetizado de casa. Um fato marcante; muitos dos meus amigos moravam ali mesmo no terceiro andar da AACD; eles eram oriundos das regiões norte, nordeste do país, pessoas muitos pobres que passavam o ano todo dentro da instituição, muitos sem qualquer contato com suas famílias. Hoje fico me perguntado o que deve ter acontecido com as vidas deles? Acho que muitos voltaram para a realidade de suas regiões sem qualquer recurso financeiro ou estrutural e acabaram em nada, passando os dias dentro de suas residências. Alguns já devem ter falecido.

Nos dois primeiros anos, a instituição era administrada por freiras e elas viviam entre a gente naquela velha e cultural política assistencialista. Depois não me lembro o motivo, as irmãs deixaram a AACD.

No ano 1976 uma equipe de televisão veio nos filmar. Enormes câmaras estáticas foram posicionadas na sala de aula. Muitos fios e gente operando esses equipamentos. Nesse dia eu estava com uma camiseta regata cheia de estrelas. Mais à frente, comentarei sobre essas gravações... Nesse mesmo ano ensaiávamos uma grande festa junina que tomaria toda a área externa com barracas e uma quadrilha que pegaria toda a quadra. Mas na manhã do dia 06 de junho, quando chegamos à portaria, fomos surpreendidos pela notícia de que o Dr. Renato Bonfim, idealizador e fundador da AACD, havia falecido e todas as atividades seriam suspensas por três dias. Meu pai teve que me levar de volta para casa. E toda aquela festividade foi cancelada naquele ano. O falecimento do Dr. Bonfim marcou-me como a primeira vez que ouvi falar de morte de alguém que conheci pessoalmente.

Voltando à rotina: perto do meio-dia éramos liberados para o almoço. Subíamos a rampa larga e extensa de mármore branco. Após o grande salão de mármore onde havia um lindo aquário de peixes, entrávamos no refeitório (o mesmo salão

principal de festas) para almoçar. Depois ficávamos até as duas horas no pátio aberto do piso de baixo. Era um enorme gramado. À direita tinha uma piscina cercada, uma quadra de cimento; à esquerda, os brinquedos, lá no fundo uma casinha de madeira onde os jardineiros guardavam as ferramentas. Toda essa área era cercada de uma grande grade xadrez verde, árvores e plantas. Por elas víamos as pessoas na rua, os carros em movimento, a vida acontecendo do lado de fora. Mas também lembro de muitas pessoas olhando para dentro, observando-nos com curiosidade, espanto e piedade.

Após as duas horas, começava outra maratona. Íamos para terapias ocupacionais, fonoaudióloga, fisioterapia, atendimento psicológico, avaliações médicas, tudo novamente no segundo piso. Ou éramos encaminhados às salas de atividades artísticas, pintávamos, desenhávamos, recortes e colagens, enrolar balinhas de papel, atividades com jornais e madeiras, crochê e tricô – tudo visando o nosso desenvolvimento psicomotor. Tínhamos também aulas de culinárias. Teve uma época em que fui encaminhado para a natação duas vezes por semana; descia mais uma rampa para o subsolo onde ficavam as oficinas de aparelhos ortopédicos e, após contorná-la, chegava à piscina e me trocava no vestiário; dentre outros treinamentos, lembro-me do professor tentando me ensinar a mergulhar; houve uma vez que ele estava atendendo um menino dentro da água e eu estava ao seu lado segurando na barra e fazendo batimento de perna, escapei e me afoguei por tempo até que ele percebeu e me pegou; acho que por isso fiquei com medo e não aprendi a nadar até hoje; mas no dia 09 de dezembro de 1977, participei de uma gincana nessa piscina e recebi um “Diploma de Natação”, o qual guardo até hoje com carinho como o meu primeiro certificado conquistado. Todas as terapias e demais afazeres tinham por objetivo nos tornar os mais independentes possíveis nas atividades da vida diária.

Aqueles anos tinham sim, um quê de militarismo. É hi-

lário lembrar que às sextas-feiras, durante o culto às bandeiras – do Brasil, de São Paulo e da AACD –, um monte de gente em cadeiras de rodas, muletas, outros aparelhos e limitações, todos marchando. À nossa maneira, também louvávamos a Pátria amada, idolatrada, salve, salve...

No final do dia, após quase dez horas por dia na instituição, estudando, fazendo terapias, almoços coletivos no refeitório, horas de lazer na área externa e muitas atividades, peruas kombis beges com logotipo da AACD, inconfundíveis na época nas ruas paulistanas, partiam cheias para entregar cada um em seus respectivos lares. Às vezes, eu ficava até duas horas balançando no trajeto. Mal chegava em casa por volta das sete horas da noite, jantava e já ia dormir para no outro dia, seis horas da manhã, levantar e ir com meu pai, que, no velho fusquinha, deixava-me na instituição antes de ir para o seu trabalho. Rotina de quase onze anos!

Nesse trajeto de volta para casa, na Avenida São João, em baixo do Minhocão, havia um prédio onde morava uma colega da AACD. Éramos alunos semi-internos e não me lembro corretamente qual era a sua deficiência. Sei que não andava, era carregada e retirada no colo de dentro da perua. Também não me recordo sua fisionomia, mas nunca esqueci o seu nome: Andréia! Vestia-se bem, era filha de um homem que tinha um alto cargo no Exército. (Aliás, é interessante notar que estávamos no auge da Ditadura. Será que ele era um torturador e eu corria o risco em querer namorar a filha dele? Eu, na época, pequeno projeto de marxista, hoje amigo de Boteco de Marx, Vygotsky e Wallon... Bem, deixemos isso pra lá).

Eu não era o único que me interessava por ela. Na mesma perua, havia vários outros meninos a fim da Andréia. Um menino chamado João, nem ligava para ela; mas era justamente o único que ela declarava gostar. Na vida infantil já há dessas ironias drummondianas. Não que ela tenha sido o meu primeiro amor.



Mesmo porque, éramos crianças em torno dos seis anos. Nem sequer sabíamos o que significava gostar, namorar. De qualquer forma, foi a primeira vez que fui despertado para uma menina.

Certa vez fui transferido para a unidade que a AACD mantinha dentro de uma escola estadual na Mooca. Estudávamos nas classes especiais, mas na entrada e no recreio nos misturávamos aos demais alunos. Lembro que estudava no período da tarde e minha mãe me dava dinheiro para comprar salgado e refrigerante na hora do recreio. Mas assim que chegava, ia direto à cantina, gastava tudo e no recreio ficava com fome. Nesse colégio na parte de trás mais rebaixada que a frente, havia um buraco de entrada para todo o porão. Os meninos comentavam que todos que ali entravam sumiam para sempre, que ali morava a mulher de branco. E na inocência da infância, eu acreditava e temia essa e outras lendas urbanas. Não sei o motivo, mas após um ano voltei transferido novamente para a Central. Até que em 1978, fui para a unidade AACD-Santana.

# *Lembranças do apartamento*

**E**sse prédio para onde meus pais, minha irmãzinha Ana Paula e eu nos mudamos, chamava-se Edifício Guerra. Ficava na Sérgio Thomaz, a dois quarteirões da usina. Era uma construção fina, mas comprida, de nove apartamentos – três na frente e seis na parte de trás. Não havia elevadores, na porta da frente um alto lance de escadas dando acesso ao longo corredor – tudo de mármore; ao caminhar por ele, um segundo lance de escada nos levava aos três primeiros apartamentos – um por andar – e, continuando pelo extenso corredor daríamos na porta do quatinho onde morava o zelador, seu Mário. Ao lado de sua porta, uma outra dava para uma área de serviço coletiva, onde muitos estendiam roupas, guardavam coisas. E ao lado dessa porta, outro lance de escada dava acesso aos demais seis apartamentos – dois por andar.

Voltando ao primeiro andar, no apartamento *um* residia dona Encarnação e Seu Guerra, casal de portugueses que construíram o edifício. Três detalhes lembro desse apartamento; era o único que tinha um quintal, eram as únicas pessoas que tinham telefone na época e um casal muito bom – meu pai já era conhecido de Seu Guerra que sempre montou bares pelo Bom Retiro e depois os comercializava. Inclusive, abaixo do prédio ao lado da

porta de entrada havia um enorme galpão comercial que me pai me contava ter sido um dos bares de Seu Guerra, mas não peguei essa fase. No apartamento três, morava o Jorge, filho único do casal, sua esposa Ilda e seus filhos Andréia e André, da faixa etária de minha irmã e eu.

Entre esses dois apartamentos, fomos morar no número *dois*. De dimensões pequenas, entrávamos diretamente na sala, sofá de couro marrom e uma televisão em preto e branco. Em seguida a cozinha de azulejos amarelos, piso vermelho, pia de mármore, uma mesa ao canto, geladeira, fogão e armários suspensos azuis, uma mesa com cadeiras encostada à parede. Ao lado do fogão a porta da pequenina área de serviço com tanque. Da cozinha se iniciava um corredor. A primeira porta era o banheiro de azulejos azuis e louças amarelas, a segunda o quarto de minha irmã e eu e o quarto da frente de meus pais com janela para a rua movimentada. Com exceção da cozinha e do banheiro, tudo era de taco marrom, móveis, roupas tudo bem ao estilo anos 1970.

Dos meus primeiros momentos no apartamento, tenho algumas recordações que valem a pena. Nos primeiros cinco anos de vida eu não andava. Às vezes, minha mãe me deixava na cama de casal no quarto dela assistindo à pequena televisão portátil branca em cima da penteadeira. Vi muitos desenhos da Disney e de Hanna Barbera – os clássicos mesmo! Nas tardes de sábado víamos os filmes da Disney; meu pai contava que quando um animalzinho ou criança se perdia da mãe – essa era a ação dramática do filme -, eu chorava muito, até o reencontro no final. São das tardes de sábado também as minhas belas recordações do seriado “A ilha da Fantasia”. Por volta das sete horas, passavam os desenhos da “Turma da Mônica”. Eu era muito ligado à televisão, talvez por ficar muito preso no apartamento; eu hoje posso dizer que pertenço a uma geração formatada por ela.

Nesses meus primeiros anos eu ganhava muito papel sulfite do meu tio Zezinho. Minha família me dava muitas caneti-

nhas, lápis coloridos, tintas infantis. Eu desenhava muito e sem parar em cima da cama de meus pais. Lembro-me muito bem que um dos meus desenhos preferidos e constantes era o fundo do mar, sempre com a figura do mergulhador de máscara, tubo de oxigênio nas costas e pés de pato. Desenhos esses que hoje, enquanto psicólogo, tem um grande significado para mim! Sempre ganhei muitos brinquedos que visavam a minha estimulação; jogos de memória, tijolinhos de madeira para montar casas, castelos. Lembro de sempre gostar de variar, ser criativo, simular em minhas brincadeiras situações que eu observava no cotidiano e nas ruas (coisas que Vygotsky explica!).

Por volta dos cinco anos, meu pai apareceu em casa com uma cartilha “Caminho Suave”. À noite, ele me explicava uma lição para eu estudar no dia seguinte e quando ele chegava do serviço, tomava-me a mesma e me passava à próxima. Esse foi o meu ritual de iniciação no mundo das letras. Recordo-me perfeitamente que essa cartilha ficava em cima da geladeira azul na cozinha.

Mais tarde, minha irmã e eu ganhamos uma minimesa com duas cadeirinhas. No início ficava na cozinha para fazermos as refeições; mas depois ela foi transferida para o nosso quarto, tornando-se o meu canto preferido. Por volta dos seis, sete anos, eu já dizia querer ser um cientista. Na minha mezinha, folheava livros e revistas sobre astronomia. Em cartolinas azuis, desenhava e pintava todo o sistema solar, escrevia resumos de cada planeta. Além de outros desenhos, já rascunhava alguns textos ficcionais. Foi também por volta dessa idade, pensando no meu principal amigo de escola, o Serginho, que escrevi o meu primeiro poema rimado.

Gostava muito de peças de rádio desmontados, alto-falantes, meu pai me trazia muitas peças estragadas da fábrica – principalmente botões. Minha coordenação motora não permitia, mas com a ajuda da minha mãe, recortava caixas de papelões, co-

locava os botões, relógios, fios, como quem estivesse construindo máquinas futuristas que sempre funcionavam perfeitamente no meu imaginário. Época que eu não perdia um episódio da primeira fase do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, tendo profunda admiração pelo Visconde de Sabugosa, sua inteligência, inventos, sempre com livros nas mãos. Fora ele a minha primeira inspiração para querer ser um cientista. Posso dizer agora que, indiretamente, também fui influenciado por Monteiro Lobato.

Tínhamos uma rotina. Meu pai levantava cedo, ia à padaria, fazia o café e partia para o trabalho em uma fábrica no bairro do Cambuci. Às vezes, quando ele saía, minha irmã e eu íamos para a cama da minha mãe. Depois que nos levantávamos, Ana Paula ia para o parquinho. Nessa época, eu não estudava mais no AACD Central e sim na unidade do bairro de Santana no período da tarde. De manhã brincava, assistia televisão ou fazia as lições da escola – praticamente diárias. Fato marcante, todos os dias, minha mãe, enquanto fazia os deveres domésticos, ouvia o rádio que ficava em cima da geladeira. Primeiro era o programa policial do Gil Gomes. Em seguida, o programa do Silvio Santos junto com Nelson Rubens. Todas as emissoras de rádio tocavam muitas músicas do Roberto Carlos – o motivo eu só saberia depois de muitos anos no curso de História da Música. Minha mãe tinha muitos discos de músicas italianas, os quais ela tocava na vitrola e, graças a isso, tornei-me um apreciador desse estilo musical. Uma vez, ganhei um daqueles grandes gravadores de fita cassete com o qual meu pai gravava várias fitas para mim. Minha família também me estimulou muito a gostar de música.

Mas voltando à rotina, por volta das onze horas, tomava banho, colocava o uniforme, almoçava para esperar a perua Kombi da escola. Aos sábados, a única irmã de meu pai em São Paulo, tia Cleunice, uma solteirona chata (com o devido respeito!), vinha passar o dia em casa. Toda a família do meu pai morava no Rio de Janeiro. Ele, um fluminense, não era muito de estar

ligado à sua família, poucas vezes fomos passear lá, ver meu avô Emílio, minha avó Luiza, meus tios e primos. A última vez que estive no Rio foi em 1987. Gostaria realmente de ter tido muito mais convivência com eles, mas não foi possível. Interessante que quando o meu avô faleceu em 1982, a tia Cleunice apareceu ao velório, dizendo: “Agora que meu pai faleceu, a minha família acabou!” E nunca mais tivemos notícias dela, embora houvesse algumas pistas de seu paradeiro.

Ana Paula e eu brincávamos com os netos da dona Encarnação, a Andréia e o André pelos corredores do prédio. Havia do outro lado da rua uma transportadora onde trabalhavam conhecidos do meu avô e do meu pai; às vezes íamos brincar lá. De frente, quase na esquina, morava uma menina em um sobrado também chamada Andréia, amiga de minha irmã. E a gente brincava dizendo que ela era minha namorada, de vez em quando, enviava-me bilhetinhos. No fundo, eu acreditava naquela ilusão!

Meu pai era um homem muito individualista que gostava que tudo girasse em torno dele. Aos sábados só saía com a gente por ali perto do apartamento, algumas vezes para comer feijoada em um bar a dois quarteirões. E depois ele ia dormir e não podíamos fazer barulho para atrapalhar. Aos domingos pela manhã, ele ia jogar bola no “Raul Tabajara” e levava minha irmã e eu. Lembro-me que eu passava a semana toda com medo desse dia chegar, pois aquela caminhada me cansava devido a muita dificuldade que eu ainda tinha para andar. Às vezes eu caía e ele em vez de me ajudar, ficava bravo e gritava comigo. Houve momentos que estranhos passavam e me ajudavam a me levantar.

Nas tardes de domingo, ficávamos presos no apartamento, ele descansava a tarde toda assistindo ao Sílvio Santos com minha mãe. Enquanto minha irmã e eu brincávamos no quarto, meus amigos do prédio e meus primos Danielle e Denis iam aos mais variados passeios. Meu pai raramente nos levou para passear. Mas minha alegria começava a surgir com a aproximação das férias!

Isso porque meu pai comprou uma chácara de parentes em um município paulista chamado Guaraçai já perto de Mato Grosso do Sul. A usina da Sabesp onde meu avô João trabalhava iria ser fechada e os funcionários públicos estaduais transferidos para outros departamentos. Em comum acordo, meus avós concordaram em morar lá, cuidar da chácara e, ao mesmo tempo, cumprir na delegacia daquela cidade os cinco anos que faltavam para sua aposentadoria...

Mas uma recordação bonita e fundamental para mim tenho fortemente desse apartamento. Quando com nove anos de idade, meu pai me chamou em seu quarto, sentamos em sua cama e abraçados ele me disse: “Sabe filho, tudo que a ciência e a medicina poderiam ter feito por você foi feito. Claro que nós estaremos sempre ao seu lado lhe apoiando. Mas a partir de agora sua vida está nas suas mãos. Você tem todas as condições de fazer e ser o que quiser. Só dependerá de você acreditar e ir buscar seus sonhos e objetivos. Condições para isso não lhe faltará...” Hoje vejo que naquele momento, meu pai estava dando o norte da minha vida!!!

## *A chácara: primeiros momentos em terras guaraçaienses*

**A** chácara ficava no encontro de duas ruas sem saída. Com uma frente de oitenta metros com cerca de madeiras, arames, plantas e uma enorme porteira de acesso. Ao entrarmos pelo terreno em declínio, bem de frente havia um grande terreirão onde eram secados os mantimentos colhidos. Anexo a ele, um grande barraco de tábuas chamado de tuia, ali se guardava ferramentas, mantimentos, dentre outras coisas. Entrando pela porteira, à esquerda, tinha um grande pomar de pés de laranja; à direita, a casa. Em sua frente uma varanda cercada de flores e árvores; a porta de entrada que permitia entrar na primeira sala, quase nunca usada, ficando mesmo para receber visitas ou para reuniões que o pessoal da Congregação Cristã no Brasil vinha fazer às vezes. Nela ficavam as portas do quarto da frente (dos meus avós) e do quarto do meio (do meu tio Tadeu). Em seguida a segunda sala com a televisão, sofás e a porta do terceiro quarto de minha bisavó Geralda. Descendo dois degraus, uma cozinha, o banheiro e a saída para uma pequena varanda de serviço, por onde, aliás, todos entravam. Essa casa era de tijolos, muitos vidros, piso de vermelhão e toda sem forro.

Atrás da casa tinha um pomar com pés de mexerica, coqueiros, um enorme abacateiro, bananeiras, romã e outras plantas e um



formo coberto para assar pão caseiro. Saindo pela varanda de serviço e descendo, passávamos por um enorme pé de jaca, uma alta goiabeira com chiqueiro de porcos à sua sombra e um pequeno portão de acesso à pequena roça cuidada pelo meu avô. Lá embaixo um pequeno córrego cortava todo o nosso terreno e, após ele, em uma faixa de terra, minha bisavó cultivava sua horta. Havia um pequeno poço de onde ela tirava água com baldes e regador. Ainda perto da tuia, tinha o poleiro para as galinhas dormirem.

As ruas eram de terra. Ao lado esquerdo, vizinho da chácara, morava o seu Pascal e sua filha caçula Sônia. Em frente, em uma casa de esquina, morava o Seu Amadeu, sua esposa dona Ionor, seus filhos Nelson, Giba, Dito e alguns de seus sobrinhos. Eu gostava muito deles e de brincar em seu galpão no antigo jipe, que eles tinham para ir todos os dias para a roça. Lembrome bem da imagem deles todos sujos chegando ao final de tarde, tomando banho de balde em um pequeno cercado de madeira fora da casa. O banheiro também era assim, uma fossa com um buraco no chão para se fazer as necessidades. No mesmo terreno do Seu Amadeu (que na verdade era uma chácara), morava em outra casa o seu único filho casado, o Tíão e a Lourdes, filha do seu Pascal. Vizinho a eles, a simples casa de dona Pina que morava com a sua filha e o filho que chamávamos de Gordo. Em seu terreno um enorme pé de manga e junto a ele uma casinha bem simples onde vivia dona Isaura, uma senhora que dona Pina tinha como sua irmã. Vizinho a elas, já na esquina, havia uma família bem numerosa e humilde, cuja história contarei mais tarde. Na esquina de cima, vivia o Postigo, seus pais e duas irmãs; não me lembro bem a data, mas foi na morte do seu pai a primeira vez em que vi um velório e um corpo dentro de um caixão ao centro de uma sala de uma casa simples do interior. Nessa mesma rua, mais pra frente, morava o Negão, muito amigo de minha família e vizinho a ele, um menino chamado Perna Dura, cuja história ainda vou contar muito.

Descendo a outra rua de frente a chácara e fazendo divisa com a mesma, morava uma família com a qual eu ainda não tinha contato. Mas lembro que todas as manhãs, minha avó ou minha bisavó ia até lá buscar leite. Aliás, pela cerca eu via muita gente buscando litros de leite. Do mesmo jeito que na rua passava um carroceiro vendendo pão caseiro, outro vendendo carne e partes de boi que o pessoal chamava de bucheiro e vinha tocando uma corneta, além de outros vendedores. Continuando a rua a baixada era um extenso areião.

Durante as férias eram intensas as brincadeiras na chácara, principalmente na terra, com caminhõezinhos, tratores e outros brinquedos. Era a melhor época do ano para mim. Gostava de cuidar das plantas, plantá-las em latinhas, regá-las. Minha bisavó me ensinava a fazer canteiros, adubar a terra, cultivar. Eu já gostava do processo de ver as coisas nascerem, ganharem vida, se desenvolverem. Às vezes, brincava com o pessoal na rua no começo da noite, todos os amigos do meu tio Tadeu; outras vezes eles vinham ouvir músicas dos LPs dele na vitrola de casa ou gravar fitas cassetes na varanda.

Foi em uma dessas férias, aos sete anos, em um dia de muita chuva. Eu estava brincando com o João, irmão da Mira, um homem muito forte. Ele me jogava pra cima quando, de repente, tudo começou a rodar e eu desmaiei. Correram para chamar o filho de Seu Amadeu que começou a chorar por mim. No jipe me levaram para o hospital. Era o início de uma convulsão cerebral, sendo depois constatado uma disritmia. Foram anos de forte tratamento, tomando medicamentos diários. Lembro que todos os dias no final da tarde eu tinha fortes dores de cabeça. Anualmente ia para Ribeirão Preto fazer eletros e outros exames com uma equipe altamente especializada. Até que, graças ao bom Deus, o problema foi resolvido, o medicamento cortado e a doença nunca mais voltou.

Avó Lourdes alugava a charrete do popular “Mané Charreteiro” e nos lavava a passear no centro da cidade, tomar sorvete,

brincar na pracinha ou em algum parque ou circo que eventualmente estava de passagem por Guaraçai. Algumas vezes, lavavamos aos cultos de domingo à tarde na Congregação Cristã no Brasil. Tudo era um grande acontecimento para mim.

Mas o nosso principal passeio mesmo era passar as tardes no Guaraçai Tênis Clube, o qual chamávamos carinhosamente de Piscina. Quem tomava conta era a dona Nair e o zelador, o seu João. Havia duas piscinas, uma semiolímpica com raias de competições e trampolim e a infantil com uma parte rasiinha, onde eu ficava, e uma média. O clube era cercado de muros altos e de pinheiros, dos quais ainda lembro o aroma. Um parquinho gramado, com brinquedos. Na parte de baixo um campo de futebol com arquibancadas. Do lado da entrada, tudo cimentado, dois vestiários - masculino e feminino -, trocávamos-nos, tomávamos duchas obrigatórias para entrar na piscina. Em seguida, um salão coberto, mesas de pingue-pongue e o pessoal jogava à tarde toda. Ali também estava o bar onde comíamos muitos salgadinhos de camarão com refrigerante. Lembro-me que esse seu João tinha um filho com deficiência e por indicação de minha mãe, ele se mudou com a família para São Paulo para tratá-lo na AACD. Aquelas tardes no clube eram esperadas com muita ansiedade. Mal sabia ali que no futuro, ainda iria passar momentos memoráveis na minha adolescência.

Em 1978, meu pai chegou a dizer que quando eu crescesse, ele me daria a chácara de presente. Na minha inocência infantil, imaginei fazer dali uma grande fazenda. No alto da tulha colocaria o nome que escolhi: “Fazenda Dois Irmãos” – fazendo menção à Ana Paula. Uma vez meu pai planejou construir uma casa para irmos morar onde tinha o pomar de laranja. Na mesa da cozinha do apartamento ele desenhou a planta da casa que nunca existiu. Mas ao ver desenhá-lo, achei legal e a partir daquele momento, passei a riscar muitas plantas de futuras casas e prédios e sempre com as medidas, locais de portas e janelas. Outra

vez eu quis ser maestro, outra médico e assim por diante. Minha infância sempre foi marcada por inúmeras ideias e fantasias de melhorar o mundo!

Dois outros fatos me marcaram nessa época. Meu avô ia cedo carpir a roça. Por volta das nove horas, ela gritava “Água”. Minha avó pegava uma garrafa de plástico bem gelada, colocava em um embornal de pano, pendurava em mim com uma caneca de alumínio e me pedia para levar. Lá ia eu todo feliz. Mas ao chegar lá embaixo, não entrava no meio da plantação, ficando à beira. Ele vinha ao meu encontro, pegava a garrafa, primeiro molhava os punhos e a nuca e depois tomava. Por volta das onze, ele deixava a roça, trocava-se na tulha, tomava banho, almoçava, descansava um pouco e ia para a Delegacia onde trabalhava como emplacador de carros. Algumas vezes, ele me lavava para ficar com ele, mas junto ia uma mamadeira pronta – o meu tradicional café da tarde até hoje. Lá eu brincava, não havia presos, andava pelas celas vazias. O investigador colocava papel na máquina de escrever e me deixava ficar tentando datilografar. Esses foram certamente os meus primeiros contatos com aquela que futuramente seria minha grande ferramenta de trabalho.

Em uma tarde, fui à casa de Seu Amadeu e vi no despertador que ainda eram três horas da tarde; pensei que dava tempo de pegar meu avô na Delegacia. Sem falar para ninguém e sujo de tanto brincar, atirei-me pelas ruas e subidas, passei por cachorros bravos e sete quarteirões depois cheguei de surpresa lá. Meu avô não entendeu nada, ficou bravo com a minha fuga. Tempos mais tarde, o tio Edson apareceu lá dizendo que estavam todos desesperados à minha procura. Mas eu fiquei feliz por estar perto do meu avô.

Eu tinha um caixote de madeira cheio de vidros vazios de remédios, seringas de plásticos, vidros e mangueiras de soros que ganhava do hospital, algumas peças de um antigo jogo de experiências do Tadeu, dentre muitas coisas. Dizia que aquilo era

o meu laboratório. Com água me imaginava fazendo experiências. Que realmente eu era um cientista. E quando as férias iam terminando, queria esconder aquele caixote ou enterrá-lo para ninguém jogar fora ou mexer nas minhas coisas. Aqueles objetos eram muito importantes para mim. E queria tê-los de volta nas próximas férias!

## *AACD Santana: o embrião do “eu-psicólogo”!*

Depois do banho, colocar o uniforme e almoçar, minha mãe preparava minha lancheira com pão de forma com frios, uma garrafinha com suco ou guaraná. Íamos para a portaria do prédio esperar a perua bege e com o logotipo vermelho da AACD. Depois de embarcar, rodava por um bom tempo por outros bairros pegando meus colegas. Haviam motoristas muitos bons que batiam papos, colocavam músicas, mas também haviam os carancudos, mal-humorados que nem permitiam conversarmos.

Ao chegar na AACD-Santana, a perua entrava pelo corredor estreito até o pátio central. Lá, as atendentes iam nos tirando das conduções, quem usava cadeiras ou carrinhos de madeiras com rodas e iam levando direto para cada sala. A gente que andava ajudava a emburrar os colegas. Ao entrarmos pela porta de vidro, à direita nos dirigíamos à secretaria, salas de aulas e terapias, enfim, a ala em que ficávamos; à esquerda havia os banheiros, mais pra frente o refeitório que nunca frequentávamos e um enorme salão com palco onde lembro que no começo era uma oficina profissionalizante, depois foi desativada. Bem em frente dessa porta de vidro havia outra com um corredor sem cobertura que, contornando o lado esquerdo do prédio, dava para um enorme pátio aberto e gramado paralelo ao salão da

oficina profissionalizante. Essa unidade era anexa ao colégio estadual “Buenos Aires”, mas totalmente isolada por um alto muro e portão de ferro. Não tínhamos nenhum contato com os demais alunos. O isolamento era total. Lembro-me uma das raras vezes que esse portão foi aberto e fomos participar de um evento deles, mas ficamos em um canto separados e vigiados. Ou quando eles vinham em algumas de nossas festividades também não havia um contato direto. (Interessante que após muitos anos, na década de 1990, fui visitar a AACD-Santana e no lugar do portão de ferro havia uma enorme rampa e a unidade e o colégio estavam completamente integrados).

Estava iniciando o ano de 1978. Minha primeira professora nessa unidade foi a tia Beatriz. A classe era mista com colegas com os mais variados tipos de deficiências físicas, amputados com próteses, usuários de cadeiras de rodas, muletas, bengalas canadenses, paralisados cerebrais, dentre outros. O ensino também era individualizado, pois a professora trabalha e ensinava conforme a capacidade e desenvolvimento pessoal. Serginho, um menino com paralisia cerebral, tornou-se o meu grande e melhor amigo. Estávamos no mesmo nível (para não dizer sériel!). Estudávamos em uma cartilha chamada “Davi”, muitos textos e primeiras noções e regras de Língua Portuguesa. Muitas cópias de textos e ditados feitos pela tia Beatriz – os quais me apavoravam pelo medo de errar. Lembro que devido a minha deficiência, eu trocava muito o “f” por “v”, “p” por “b”, “t” por “d” dentre outros errinhos sem perceber. Foram muitos anos para corrigir isso, embora algumas vezes ainda deixo passar sem perceber.

Além do Português e redação, tínhamos muitas aulas de contas, pintura com tinta, desenho com lápis coloridos, giz de cera, enfim, muitas atividades artísticas. Fora os cadernos quadriculados com muitos desenhos geométricos para treinarmos a coordenação motora. Em todas as datas comemorativas desenvolvíamos atividades como estimulação física e intelectual. Uma

das comemorações que me marcou muito foi na festa junina de 1980. Dramatizamos aquela música “Com a filha de João, Antônio queria se casar...”. A apresentação foi no palco da antiga oficina profissionalizante aberta a toda família e comunidade. Eu fiz o papel do padre com uma longa batina preta, um chapéu redondo e um bigodinho a carvão; Márcia, uma grande amiga da época, foi a noiva; José Carlos, um colega bem peralta e bagunceiro, foi o noivo e o Serginho o xerife.

Alguns fatos importantes marcaram os dois anos que estudei com a tia Beatriz. Ela era uma mulher muito espiritualizada. Falava muito de anjos, espíritos, comunicação metafísica. Posso dizer que foi com ela que comecei a perceber a existência além da matéria, digamos a iniciação de minha espiritualidade. Como uma mulher de cabeça aberta, resolveu nos dar aulas de sexualidade. Mandou bilhetes aos pais e todos autorizaram. A partir daí com figuras ilustrativas nos ensinos sobre a reprodução humana, fecundação e gestação dentre outros detalhes. Mas não me lembro dela ter explicado sobre excitação, ereção e penetração – coisas que eu só vim aprender após muitos anos.

Tia Beatriz conversava muito conosco sobre os mais variados assuntos. Certa vez, ela falou muito sobre a morte, dirigindo-se muito a mim. Naquela semana outras pessoas da minha família também tocaram muito nesse assunto. Até que no domingo, logo após o almoço, meu pai me levou para o seu quarto, sentamos na cama e com muito jeito me contou que o avô Antônio havia falecido em Americana. Houve uma preocupação muito grande por parte de todos em me preparar para essa notícia. Talvez seja por isto que trato o tema *morte* e aceito com tanta naturalidade até hoje!

Na hora do lanche não saíamos da sala. Talvez pela dificuldade de locomover tantas pessoas com cadeiras de rodas, aparelhos e outras complicações. Fazíamos nossas refeições ali mesmo nas carteiras. Além do que tínhamos as lancheiras; a escola forne-



cia uma merenda, dentre elas uma sopa que eu detestava. E sobre isso tenho uma história engraçada.

Bem no início de 1979, estava na cozinha quando vi minha mãe na área de serviço conversando com dona Encarnação no quintal de seu apartamento. Atento, percebi uma grande novidade na conversa. Ela estava grávida e naquela noite contaria para o meu pai. Uma novidade que mexeu com toda a família, lembro que depois de dois meses, meu pai começou a trazer roupinhas de neném da fábrica onde ele trabalhava, minha mãe preparando o enxoval, o berço foi colocado no quarto deles. Em 11 de setembro, dois dias após o meu aniversário, minha mãe foi logo cedo para a maternidade. A tia Cleunice veio para casa ficar comigo e a Ana Paula. Arrumou-me e pôs na perua da AACD. Eu estava muito tenso, preocupado com minha mãe. Na hora do lanche, enquanto comia aquela sopa ruim, tia Beatriz foi até a secretaria, telefonou para minha casa e voltou com a notícia que a Ana Luiza havia nascido e estava tudo bem com ela e minha mãe. Pegou o meu prato de sopa, dizendo que eu não precisava comer mais. Minha irmãzinha me salvou da sopa. Anos mais tarde, fiquei sabendo que ela era para nascer no dia do meu aniversário e eu não quis. Hoje vejo que por um ato infantil, deixei de ter esse privilégio!

O final de 1979 ainda me reservava uma experiência. Era o segundo ano que eu estudava com a tia Beatriz e no próximo iria para uma sala mais adiantada. Mas ela resolveu me aplicar algumas provas de português, redação, ditados, várias continhas. Foram dois dias de testes e fui aprovado. No próximo ano eu seria aluno da tia Hideco.

Essa professora era descendente de japoneses. Lembro que tínhamos um grande respeito por ela, talvez por também ser a diretora da escola. Mas era só mito, pois foi uma educadora fundamental para mim. Com ela aprendi a conjugar verbos, regras de gramática, primeiros contatos com leituras e trabalhos de in-

interpretação de livros, a resolver problemas matemáticos e contas mais avançadas, geografia e história.

Sempre lhe mostrava meus escritos, poesias de um menino que começava a engatinhar nas letras. Ao voltar das férias, contava-lhe as minhas aventuras em Guaraçaí e escrevia muitas redações sobre isso. Até que no ano de 1980 eu comecei a regressar. Passei por vários médicos, psicólogos e outros profissionais. Chegaram à conclusão que eu sentia muita falta das minhas vivências naquela cidade e principalmente do meu avô João. Em um consenso entre toda a família e os especialistas, decidiram que eu deveria ir morar com minhas avós.



Após muito tempo, em 2002, estive no apartamento da tia Beatriz aqui em São Paulo para uma visita e para matar as saudades. Entre uma conversa e outra, quando lhe contei que cursaria Psicologia a partir do próximo ano, ela começou a lembrar de como eu era prestativo e estava sempre pronto para apoiar meus colegas. Foram inúmeras as vezes que, ao perceber que um amiguinho estava com problemas, chateado, eu o puxava para um canto da sala e conversava, aconselhava até ele ficar sorrindo de novo. Auxiliava tanto a professora, quanto os colegas. Esse meu perfil pude comprovar recentemente quando achei no meu antigo álbum de fotos da infância uma cartinha que certamente foi colada por minha mãe. Em um papel azul envelhecido pelo tempo, a bela caligrafia em tinta esferográfica da tia Beatriz dizia:

12 de outubro de 1978.

**DIA DA CRIANÇA!**

**Querido Emílio:**

Parabéns pelo dia de hoje!

É o seu dia!

Você é um menino bonito, educado, muito bom e inteligente.

Seja sempre assim! Continue alegre e prestativo para com todos.

É muito bom ser criança!

Que Deus dê a você muita Saúde, Paz e Harmonia e Felicidade.

*Beijos*  
*Tia Beatriz*

Eu tinha de sete para oito anos. Mas essas linhas já demonstravam traços de um comportamento que sempre adotei na minha conduta. Mais do que isto, já era indícios de um futuro Psicólogo!



**SEGUNDA PARTE**  
**Guaracaí: anos de liberdade**  
**e grandes amizades**



## *Primeiros anos em Guaraçai*

**A**quelas viagens de ônibus para Guaraçai eram muito demoradas, levavam uma noite inteira. Na manhãzinha do dia 15 de abril de 1981, uma sexta-feira, eu chegava com a avó Lourdes para morar e estudar na cidade. Na chácara fiquei no quarto do meio com o meu tio Tadeu. Depois do primeiro fim-de-semana, na manhã de segunda-feira, estava indo com minha avó para o primeiro dia de aula, quando outro menino aproximou na garupa de seu irmão. Era o José Renato, conhecido por todos como Ferrugem. Disse que era da minha classe e como o professor disse que um novo aluno começaria aquele dia e ele morava a um quarteirão da chácara veio me acompanhar. Realmente nos próximos dias e anos, passei a ir para escola com Ferrugem. Nascia ali a minha primeira e grande amizade!

Em Guaraçai fui matriculado no Grupo Escolar Estadual de Primeiro Grau “Valeriano Fonseca”. Como eu estava sendo transferido de uma Escola Especial (onde eu estava em um grau correspondente à quarta série) para uma regular, os especialistas decidiram me retroceder para a segunda série para ver se eu acompanhava a turma. Era uma classe de trinta o quatro alunos comigo. O professor Seu Mário, era conhecido na cidade como Maroca. Por também ser farmacêutico na cidade, o professor não

tinha dificuldades com a minha caligrafia. Minha carteira era encostada na dele que sempre fixava minhas folhas de atividades com fita colante na carteira. Dentre outras adaptações.

Lembro-me do primeiro recreio. Fiquei sentado em um banco perto da saída da Diretoria para comer minha merenda. Quase todos os alunos da escola ficaram me observando com curiosidade, uns disfarçadamente, outros diretamente mesmo. Ferrugem ficou comigo. Também outro colega de classe chamado Odair, conhecido com Jiló, outro grande amigo até os dias de hoje. Odair morava na minha região e os três íamos juntos para a escola. Um fato que marcou Odair é que ele chorava muito na sala de aula e o apelidamos de “Manteiga”. Com o tempo fui me soltando e participando de todas as brincadeiras da hora do recreio.

Na semana seguinte, tarde de terça-feira, eu caminhava pelo pomar, ao olhar pela cerca de arame farpado, haviam dois meninos brincando de bola no campinho da chácara que fazia divisa. Timidamente saí pela porteira caminhei pela rua, cheguei à porteira deles, entrei e me aproximei. Uma senhora que os observava, disse-lhes: “Brinca com ele, Rogério...”. Ela chamava dona Iraci, casada com seu Ágide. Rogério era o filho caçula e tinha duas irmãs mais velhas, Cida e Ermida. O outro menino era o Helton, filho do irmão de seu Ágide, o Paulo Tavoni que morava vizinho do Grupo Escolar e naquele dia veio brincar durante a tarde com o primo. Naturalmente me aceitaram no bate-bola. Depois acabamos descendo para perto da casa para brincar de outra coisa que não me lembro. Os dias foram passando e àquelas tardes juntos foram se tornando rotineiras.

Por morar perto da escola, Helton quase não vinha ainda frequentemente à chácara. Embora sendo três ou quatro anos mais velho, Rogério estava na terceira série, eu na segunda série e o Helton na primeira série. Nossas tardes era brincar de carrinhos na terra onde traçávamos estradinhas, cercas, propriedades de cada um, funções de policiais, fazendeiros, prefeitos e



outras que as imaginações permitiam. Com pedaços de madeiras e tampas de latas de tintas fazíamos carros fictícios. Certa vez, no lugar de um grande pé de Tamarindo, o pai de Rogério construiu um galpão para guardar máquinas agrícolas, pois eles eram sitiantes. Ali também brincamos muito, lembro de uma comprida máquina amarela de prensar feno que a chamávamos de nosso submarino. A família do Helton passou a trazê-lo com mais frequência para brincar. Além das inúmeras ideias, criações e fantasias, passávamos muitas tardes no campinho do Rogério onde muitos outros meninos vinham jogar, formar times e até campeonatos. Esses fins de tardes sempre acabavam da mesma forma: com a minha avó gritando da chácara ao lado para eu ir tomar banho.

Finais de semana. No sábado de manhã, meu avô me arrumava para ir passear com ele no centro da cidade. Caminhava, via como ele era simpático e comunicativo com todos. O nosso ponto principal era o bar do famoso Zé Domingo. Ali eu comia muitos pastéis com tubaína. Havia um amigo de classe que nesses dias ganhava uns trocados como engraxate e que comia pastéis comigo a convite do meu avô. Ali naquele bar presenciei a muitas conversas de avô João e seus amigos, regadas a cervejas... Quase perto da hora do almoço, ele me colocava na charrete do Manê-Charreteiro que me levava para a chácara.

Aos domingos meu avô me levava para as Reuniões de Jovens e Menores da Congregação Cristã no Brasil que nessa época ficava do outro lado da cidade na Vila Operária, que tinha o apelido de “Lasca Bode”. A cidade era dividida pela linha ferroviária e esse bairro ficava do outro lado. A Congregação ainda não tinha um prédio oficial construído em Guaraçaí, mas já estava em construção. Nesse período o cooperador irmão Antônio morava em uma casa de madeira onde ele cedeu uma parte para serem realizadas as reuniões e cultos oficiais, nos quais meus avós iam à tarde. Nos domingos à tarde, junto com eles e minha bisavó

Geralda, assistíamos aos “Trabalhões” e depois ao “Viola minha viola” da TV Cultura e eu ficava admirado quando eles me contavam que o Robertinho do Acordeon que fazia parte do programa havia morado na cidade.

Minhas manhãs começavam por volta das seis e meia, quando o avô João me chamava: “Fazendeiro, está na hora!”. Ele me dava o café, vestia-me e lá ia eu para a escola.

A tulha era dividida em uma parte grande e uma menor a qual ficou para mim e eu a chamava de meu laboratório. Ali tinha minha mesinha para fazer lição, escrever minhas estorinhas, desenhar e pintar, fazer minhas experiências dos livros que trouxe de São Paulo. Era muito criativo, mas minha coordenação motora não me permitia executar meus inventos; o Ferrugem e o Rogério passaram a ser meus auxiliares. Eu ia dando as coordenadas e eles cortando, pregando, colando, pintando. Naquele ano haveria uma feira de ciência na minha escola. Além de desenhar em cartolinas o sistema solar e dentre outras ideias, com sucatas e a ajuda deles, construir um enorme foguete que batizei de X-500. Toda essa produção foi exposta na feira científica. No final daquele ano, o professor Mário nos levou à outra escola da cidade “Juventino Nogueira Ramos”, onde também havia uma feira de ciências; mas lá os experimentos foram desenvolvidos por alunos do segundo grau baseados nos livros de física e biologia – realmente científicos. Olhei tudo com muita admiração, o que ajudou a fortalecer ainda mais o meu espírito de cientista.

Aquele final de 1981 ainda me reservava uma surpresa. Ao acordar na manhã de Natal, havia na cozinha uma linda bicicleta azul tamanho médio de marca Monark. Ela foi adaptada com duas rodas laterais, um encanto! A princípio eu andava no terreirão da chácara. Depois na areia entre as árvores do pomar. E foi em uma dessas terdes, 19 de janeiro de 1982, que minha mãe me parou para com jeito me contar que meu avô Emílio havia falecido no Rio de Janeiro.

Agora nos passeios de sábados, avô João empurrava minha bicicleta quatro quarteirões até o asfalto e eu aí pedalando até o centro da cidade. Aquela bicicleta adaptada era uma sensação e novidade para todos na cidade. Comecei a cursar a terceira série no período da manhã com a professora Dona Antonieta. A turma era praticamente a mesma do ano anterior. Nas tardes, meu avô me levava com ele para a Delegacia. Na esquina havia uma grande sombra de árvore. Era perto da casa do Helton. Ali eu me encontrava com ele e sua bicicletinha verde, além de outros amigos, e passávamos a tarde toda dando volta de bicicleta.

Quando eu não ia com meu avô, aí brincar com Rogério e Ferrugem – quando ele não precisava ir para roça ajudar sua família nas colheitas. Naquele momento começamos a andar pelos pastos, ir ao bambuzal cortar varas para fazer traves para o campinho; começamos a fazer arapucas para pegar e prender em gaiola passarinhos – o que depois assimilamos ser errado e paramos. Descobrimos os pés de mamonas e com seus galhos e folhas fazíamos muitas esculturas, inventos, muitas vazões às nossas imaginações.

Gostávamos de jogar Roba-Montes e Burro no baralho. Nos cômodos onde seu Ágide guardava as ferramentas agrícolas, sacas de colheita e adubo, brincamos muito de esconde-esconde, polícia-e-ladrão. Ali tinha uma balança de sacas e debaixo de sua bandeja havia quatro bolinhas de aço, as quais pegávamos e durante toda à tarde debaixo do grande pé de manga ficávamos jogando-as como bolinhas-de-gude. O pai do Rogério criava carneiros e ficou para nós a tarefa de todo final de tarde subir o pasto, cercá-los e prendê-los na casinha; entre eles tinha um bode bravo que o Ferrugem provocava e tomava muitas cabeçadas. Outras vezes nós provocávamos os quero-queros no meio do pasto que, para proteger seus ninhos, davam vôos rasantes sobre nós. Pareciam coisas simples, mas aquelas caminhadas pelos pastos tinham um significado muito grande para mim, um gosto de liberdade e desafio.

Perto do hospital existia um enorme galpão de madeira com muitos salões de sigla Plimec (Plano de Integração do Menor na Comunidade). Ali funcionava o que hoje se chama de projeto social para criançada. Frequentei-o durante um tempo, lembro-me das atividades de dança, música, de ir com o monitor e a molecada cortar bambus para fazer um campeonato de pipas. Na hora da merenda, no refeitório, entrava pela porta da cozinha um grupo de rapazes e se sentavam todos juntos em volta da mesma mesa. Eu sabia que eles vinham de um prédio de alvenaria ao lado do barracão no mesmo terreno, mas não sabia ainda quem eram eles e o que funcionava naquele prédio.

Dois fatos de 1982 ainda estão bem presentes na minha memória. No meu “laboratório” descobri a eletricidade; comprava fios, soquetes, tomadas, chaves elétricas, lâmpadas e com ajuda do Ferrugem e do Rogério fazia vários experimentos sempre dando as coordenadas para eles. Uma vez até tivemos uma explosão na tua, minha avó Lourdes jogou o prato da janta para o alto e saiu correndo.

Na escola, uma menina da classe do Rogério passou a chamar minha atenção. Do nada, nem sequer nos cumprimentávamos, não sabia o seu nome. Mas ela me encantava. Nascia ali o embrião de um importante capítulo da minha história.

# *O nascimento do Tipógrafo*

Vários fatos marcaram 1983 para mim. Meus avós quando mudaram para Guaraçai, compraram uma casa de madeira perto do hospital. Resolveram construir uma edícula no fundo desse terreno para minha bisavó morar. Com isso o quarto dela na chácara ficou só para mim. Ali tinha minha mesinha para estudar, escrever e gostava de fazer isso só com a luz de iluminação. Com o tempo ganhei uma escrivaninha maior e com gavetas. Sempre gostei de ter o meu canto solitário para produzir.

A família do Helton o deixou entrar como sócio do Guaraçai Tênis Clube e frequentar as aulas de natação que eram ministradas na piscina semiolímpica. Ele aprendeu a nadar rapidamente, eu até hoje não. Quando não havia aulas, ficávamos na piscina pequena. Aquelas tardes no Clube eram para nós uma fascinação. Tanto que antes do portão abrir depois do almoço, nós já estávamos lá esperando. Até que ganhei de meus pais um colete de natação oficial da Marinha brasileira. Com ele pude passar para a piscina grande que no fundo chegava a cinco metros de profundidade por causa do trampolim. Aquelas tardes eram muito felizes, toda uma geração se encontrava e se divertia ali. Mas quando não íamos nadar, ficávamos na casa de Helton assistindo à sessão da tarde, jogando Atari, Detetive, Banco Imo-

bilário, Imagem & Ação e outros jogos no chão da varanda, ouvindo músicas das muitas fitas cassetes que colecionávamos.

Na escola eu estava na quarta série, aluno do respeitado professor Irineu Búzio. Grande mestre. Foi nas aulas dele que comecei a ter dificuldades com os problemas de matemática. Tirei a minha primeira nota vermelha em uma prova. Lembro que passei muito medo de contar isso aos meus avós.

Foi em uma dessas aulas que olhando através do vidro para o pátio coberto, vi aquela menina da classe do Rogério chegar atrasada e observei o seu nome gravado em sua camisa. Não vou dizê-lo aqui por uma questão de ética e respeito, mas fato era que ela me encantava. Durante o recreio ficava observando-a. Era o momento que íamos para o portão fechado comprar coxinhas de uma senhora que ficava do lado de fora. Havia um campo de terra e no fim dele uma enorme árvore e um gramado inclinado. Ali sentávamos para conversar, mas ela ficava do outro lado da escola com sua melhor amiga. Elas moravam na zona rural e depois da aula, esperavam o ônibus escolar da Prefeitura. Por várias vezes conversei sobre ela com o Rogério, principalmente quando íamos prender os carneiros ou bezerros. Lá no mangueirão gostávamos de chupar mangas, mexericas com sal grosso para dar para o gado. Essa moça despertava em mim desejos antes não conhecidos, o gostar de alguém do sexo oposto. Considero-a como o meu primeiro amor!

No mês de setembro houve um grande acontecimento na minha família; o casamento do meu tio Tadeu. A chácara ficou lotada de convidados e todos os meus parentes vieram de São Paulo. Meus pais me trouxeram um grande presente, a minha primeira máquina de escrever. Ela era portátil, marrom-escuro. Fiquei fascinado. Com o tempo aprendi a pôr papel no carro, a decorar as letras, embora tivesse dificuldade de datilografar, apenas com dois dedos da mão direita, mesmo assim com muitos erros e retrocessos de correções. Devagar fui me adaptando e conseguindo usá-

la. Ia ao centro da cidade comprar papel sulfite, carbono, pastas de arames. Organizava meus rascunhos e primeiras letras e ideias maltraçadas. Na época estava no ar pela Rede Globo no horário das oito a novela “Louco Amor”, na qual a Glória Pires fazia o papel de uma jornalista e o Fábio Junior um jovem aspirante a escritor. Inspirei-me e fui muito influenciado por esses dois personagens a almejar essas duas carreiras. Foi nessa ocasião que escrevi uma pequena peça teatral montada por minha classe com direção do Seu Irineu em homenagem ao Dia dos Professores. Foi a minha primeira experiência como dramaturgo.

No mês de junho, fiquei sabendo que o Robertinho do Acordeon iria tocar um baile no Guaraçaí Clube. Fiquei fascinado em conhecer aquela personagem que eu admirava pela televisão. Meus avós concordaram e minha prima Mira me levou ao Clube. Fui levado ao palco e o conheci. Ele começou a brincar comigo, dizendo: “Viola, minha, viola...” E eu respondia: “Éta programa que eu gosto...!” – chavão esse do apresentador Moraes Sarmiento. Durante toda a noite, fiquei sentado em um canto do palco vendo ele tocar. Após anos, recebi um cartão de natal dele dizendo que era meu fã pelas coisas que escrevia na “Folha de Guaraçaí”! Contei-lhe que eu era aquele garoto do baile. Ficamos muito amigos, trocamos muitas correspondências. No livro de memórias dele me fez duas homenagens. Escrevi várias matérias sobre a biografia e carreira dele. Até que Robertinho se calou. No início de 2005, minha mãe estava assistindo ao Jornal Nacional e eu no computador da sala, quando a Fátima Bernardes anunciou: “Faleceu hoje em São Paulo por motivo de câncer, o músico Robertinho do Acordeon.” Foi quando entendi o seu silêncio, pois por seis meses, ele lutou contra a doença.

Eu sempre caminhava pelas casas da vizinhança. Certo dia, chegando à casa de dona Pina, havia um enorme e velho balcão de mercearia em seu quintal. Seu filho Juscelino, o Gordo, era marceneiro e iria reformar aquele móvel ali. Comecei a observá-

lo. Com alguns dias, ele me deu uma lixa e me explicou como usá-la. Passei a colaborar com ele. Vi todo o processo de reforma do balcão até a pintura final. O Gordo era instrutor de uma marcenaria-escola lá na Vila Operária, a qual ele havia arrendado. E me convidou a ir passar as manhãs de férias lá com ele. Na primeira manhã eu estava todo entusiasmado. Eram muitas máquinas de cortes, planadeiras e tornos de madeiras, bancadas com morsas, quadros de ferramentas. Na época, o Gordo estava fabricando o seu próprio jogo de quarto para o seu futuro casamento. Fascinava-me vê-lo pegar madeiras, riscar, cortar, aplainar, colar, pregar, esculpir, ver nascer peças lindas e trabalhadas.

Na chácara comecei a juntar madeiras e também a querer ser um marceneiro. Mas minha coordenação motora não permitia e novamente o Rogério e o Ferrugem executavam as minhas ideias por mim. Também queria fazer um jogo de casal para mim, mas usava umas madeiras muito velhas e quase nunca davam certo as minhas intenções. Comecei a juntar muitas ferramentas e inventar outras. A certa altura, eu quis fabricar carroça e outra caixa de som com a ajuda do Dito, filho do Seu Amadeu. Uma época o Dito e eu queríamos ser pescadores e morar no litoral! Ele também foi um grande auxiliar nas minhas criações, mesmo nas ilusórias...

Teve o momento em que a antiga varanda de serviço da chácara foi transformada em uma grande cozinha. Um extenso muro de blocos de cimento com calçada foi construído em toda a frente da propriedade. Eu ficava observando os pedreiros trabalharem e depois tentava imitá-los, imaginava-me construindo a minha própria casa. Como sempre, fiquei observando o meu pai e outras pessoas a fazerem consertos, construírem algo. Esse sentimento de pegar algo, transformar, desenvolver, criar, recriar, ver coisas nascerem, enfim, um grande amor por qualquer tipo de produção sempre esteve presente em minha personalidade.

E foi esse mesmo sentimento que no primeiro semestre de 1983 me despertou um enorme desejo de arrumar um trabalho.



Lembro-me que cheguei à Prefeitura, onde minha prima Mira trabalhava e comentei com o pessoal que queria trabalhar. O tesoureiro, Seu Armando, presidente de uma associação chamada “Centro de Estudos e Promoção do Bem-Estar do Menor – CEPBEM”, dias após me comunicou que eu deveria me apresentar lá na sede no sábado pela manhã.

Foi o que fiz. Ainda era cedo e só quem estava lá era o João, encarregado que já sabia que eu iria aparecer. Ele, em uma postura de durão, deu-me várias explicações e foi para o banheiro terminar de se barbear. Sentado em um banco comecei a observar tudo. Na verdade, o CEPBEM era uma escola-gráfica tipográfica. No único salão havia vários cavaletes com inúmeras gavetas finas. Em cima pedaços de barrinhas de aços e de metais que serviam como entrelinhas ou fios nas chapas compostas. Em outros eram colocadas bandejas de aços onde eram montadas as chapas das impressões. Uma mesa ao centro para o pessoal colocar as gavetas dos tipos móveis; essas gavetas eram divididas em centenas de quadradinhos, cada um correspondendo a uma letra maiúscula ou minúscula, sinais, pontuação, espaços para separar palavras, dentre outros caracteres. Ainda no centro dessa mesa ficava um rolo pesado onde o pessoal tirava as primeiras provas das chapas compostas para correções.

Do outro lado do salão ficava logo na entrada uma guilhotina manual de cortar papel, uma mesa com as chapas a serem postas nas ramas e impressas; no canto, duas máquinas de impressão (uma do João e outra do Jair) onde o impressor ia pondo o papel com a mão direita e retirando com a esquerda. E no canto uma bancada com as chapas já impressas a serem distribuídas novamente nas caixas de tipos.

Em seguida, um pequeno corredor de um metro quadrado. Para quem estava entrando à esquerda havia um balcão para o escritório da gráfica onde ficavam a secretária e o Seu Armando quando ele vinha coordenar tudo. A porta do banheiro e à direita

o quartinho com altas prateleiras de ramas de papel, máquinas de grampear e refilar e uma velha escrivadinha ao centro. Interessante que em cima dessas prateleiras ficavam abandonados os velhos instrumentos de uma antiga banda que existira em Guaraçaí.

Devagar chegou o pessoal. Os monitores Jair, Jaime e o Tonho, quem me deu as primeiras explicações. Ali era impressa a “Folha de Guaraçaí”, na época um semanário de quatro páginas e aquele dia era o fechamento. Fora eles também haviam vários meninos aprendizes. Assisti pela primeira vez a finalização e impressão da primeira página do jornal. Depois os meninos saíam um a um com um maço a ser distribuído nas residências das mais diferentes regiões da cidade.

Nos primeiros dias, o Tonho me colocou para decorar cada quadrinho da caixa de tipo. Depois os fios e espessuras. Achei aquilo muito difícil e quis desistir. Fiquei alguns dias sem aparecer, mas achei que deveria dar uma satisfação. Ao entrar, o João me olhou com cara brava e me perguntou por que eu havia sumido. Fiquei com medo, disse que andei doente e não tive coragem de pedir as contas. E hoje dou graças a Deus!

Fui decorando tudo diretinho, mas devido a minha falta de coordenação eu não conseguia compor e montar chapas, somente conseguia com os tipos bem grandes e com o componedor apoiado em cima da caixa de tipos. Lembro-me que o dia que pela primeira vez o Tonho me pediu para compor o título para uma matéria do jornal e ele foi impresso, tive uma emoção muito grande para mim, praticamente uma realização! Do mesmo jeito que após um mês todos estavam recebendo e o João chegou com um cheque dizendo ser o meu; era o primeiro pagamento da minha vida!

Como sempre, fui me adaptando às situações e achando minhas possibilidades, devagar fui me especializando em distribuir as chapas já impressas. Não cheguei oficialmente a ser um tipógrafo, mas vivi entre eles por oito meses e não me lembro exatamente porque deixei à gráfica.

Eram constantes as nossas conversas e brincadeiras depois do expediente lá no quartinho de papel. Foi em um desses momentos que comentei com o Jair o meu desejo de escrever para o jornal, mas minha letra era muito ruim; sugeriu-me ditar que ele anotaria. Lembrei de um texto que li quando eu ainda era aluno na AACD-Santana. Ditei-lhe o que dei como título “A lenda do milho”. Foi colocado na pasta das matérias a serem compostas. Assim que teve espaço, o João achou muito legal e mandou publicar na edição do dia 03 de julho de 1983. Era a primeira vez que meu nome fora impresso em um jornal como autor. E passei a adotar essa data como o início oficial de minha carreira.

## *Embriões do “eu-escritor”!*

**A** minha bicicleta ficou pequena, pois cresci. Meus pais me deram uma outra de adulto adaptada. Rogério e Helton também ganharam novas bicicletas. Todos os sábados pela manhã saíamos pela cidade inteira. Um dos nossos pontos preferidos em que passávamos todas as vezes, era em uma casa simples na chácara à beira da antiga estrada boiadeira. Ali morava um casal já de idade, tio Quile e tia Ema, que realmente eram tios deles e eu também passei a chamá-los assim. Eram muito carinhosos conosco. Tio Quile contava muitas histórias, tinha uma imaginação fantástica! Esse casal teve só uma filha, a Lúcia, que foi uma amiga muito querida. Ela casou-se com um homem muito bom, um comerciante conhecido por Leitão. Tiveram um filho e anos depois Lúcia faleceu com um câncer. Leitão e seu filho com o tempo vieram para a Congregação Cristã, tornaram-se meus irmãos na fé, são músicos e meus amigos até hoje. Mas o que mais me fascinou, foi que após o falecimento da Lúcia, o Leitão continuou cuidando com muito carinho e amor do tio Quile e da tia Ema até a morte dos dois. Mesmo depois que ele constituiu outra família.

Às vezes, minha bisavó Geralda arrumava uma cesta de frutas, eu a colocava na garupa e ia vender. Também tenho forte

a imagem das vezes em que ela enchia uma carriola de verduras de sua horta e saía para vender. Houve uma época em que eu também quis cultivar minha horta; o avô João separou um cantinho em sua roça e fez um canteiro para mim; ali eu limpava, adubava, plantava pés de cebolinhas e outras hortaliças, regava, amava aquele contato com a terra.

Minhas tardes eram variadas. Rogério, Helton e eu fazíamos com enxadas e rastelos estradinhas no pomar e ali ficávamos brincando de bicicletas, trânsito, uma cidade imaginária. Outras vezes, eu ia para a farmácia que o professor Maroca tomava conta no período da tarde, ali ficava conversando com ele, tamanho era o amor e o carinho que sempre tive por esse mestre; Maroca me mandava fazer serviço de banco, correio, entregas, dentre outros, sempre estimulando minha independência e capacidade.

Quando eu não ia para o Clube nadar com o Helton, ficava na chácara escrevendo. Tinha uma antiga mesa de televisão que eu levava para debaixo das árvores com a minha máquina portátil. Foi nessa época que planejei uma coluna infantil para a “Folha de Guaraçaí”, voltando a ser publicado por mais três vezes.

Ocasão em que escrevi o meu primeiro texto longo. Depois de ter feito o primeiro rascunho, o Rogério trazia a máquina dele e juntos passávamos tudo a limpo. Na verdade, baseado em minha experiência com o colete de natação, a prancha das aulas de surf, criei um método, mesmo sem nunca ainda ter ouvido a expressão “esporte adaptado”. E para descrever esse método elaborei essa estória que intitulei de “Nadar! Um direito do deficiente”. Claro que a personagem principal foi inspirada naquela moça da classe do Rogério. Ele contou para ela, que pediu para ler. Levei uma cópia na escola e ela veio pegar comigo, dando-me um lindo sorriso. Tentei algumas formas de publicar o meu trabalho em forma de livro. Mas se tratava de uma narrativa defeituosa, cheia de defeitos em uma linguagem que a minha pouca

idade permitia. Mas hoje posso notar nela os embriões de dois eixos que pautaria a minha carreira até aqui: o ato de escrever (o escritor) e a temática *peessoas com deficiência* (militância e atuação científica)! Esse texto, mesmo sem qualquer condição de ser publicado, ainda o guardo com muito carinho...

Nesse ano tive vários outros projetos, sempre auxiliado pelo Rogério. Um deles era escrever um livro sobre a história de Guaraçáí. Chegamos a fazer dois ofícios dizendo: “*Eu, Sr. EUCLIDES CESTARI, prefeito desta ilustre cidade, dou autorização para o jovem EMÍLIO CARLOS FIGUEIRA DA SILVA [o outro com o nome do Rogério], a pesquisar todo o passado de GUARAÇÁÍ*”. Datado de 17 de fevereiro de 1984, pegamos nossas bicicletas e fomos à Prefeitura pedir para ser recebido pelo prefeito. Quando ele viu os ofícios, gostou tanto que até mandou pôr o carimbo oficial. De fato reunimos algum material, em uma cartolina branca desenhamos todo o mapa da cidade, mas ainda éramos muito novos para uma empreitada dessa natureza.

Na escola cursava a quinta série. Era tudo diferente o fato de ter um professor para cada matéria, cinquenta minutos para cada disciplina. Dois fatos marcaram esse ano escolar, uma boa e uma ruim. A boa foi que, como sempre participei de todas as atividades extracurriculares, naquele ano haveria uma grande gincana entre grupos. Uma moça de nome Raquel planejou montar um grupo só feminino, mas depois cedeu e deixou o Odair e eu entrarmos no grupo. Nós, como os únicos homens, tínhamos de correr a cidade toda em busca das coisas, das atrações, cortar bambus, etc. Participamos de várias apresentações, chegamos a colocar uma moto em cima do palco da escola. Nosso grupo acabou ficando em segundo lugar.

A ruim é que minha letra piorou muito. Talvez por estar alguns anos sem as terapias. Mas os professores foram muito compreensíveis, muitos me davam provas orais, algumas vezes até em frente dos colegas para ficar claro que eu havia tirado real-

mente aquela nota; o professor de geografia Seu José Hamilton, dava-me livros com o conteúdo de suas aulas; a professora de educação artística me deixava fazer meus trabalhos na máquina de escrever; uma vez até levei a máquina para fazer a prova de ciências da Dona Glória, só que diante dos olhares de todos não consegui datilografar. No primeiro semestre tínhamos um professor de português chamado Darci, era mestrado e por isso idolatrado na escola. Só que ele não foi com a minha cara e se rejeitava a me dar provas orais. Esse problema se estendeu por dois trimestres entre a Direção, a Delegacia de Ensino e ele. Ao final do semestre, ele foi embora da cidade me deixando covardemente com dois “E” de média, os quais não tirei, pois sempre estive ali para fazer as provas que ele do alto de sua arrogância se recusou a me aplicar!

No próximo semestre, o novo professor honrou esse título. Foi compreensível, juntos descobrimos formas de avaliação. Cheguei a fazer provas sozinho na sala dos professores com a minha máquina de escrever. Tive que me dedicar muito para recuperar os dois primeiros “E” e não perder o ano.

No início do próximo ano letivo, sexta série, minha letra realmente estava muito ruim. Por uma decisão dos pedagogos e família deixei de estudar. Muitos acreditavam que eu já havia chegado longe demais. Naquele momento fiquei contente, pois quando somos novos temos a tendência de não gostar da escola. Só bem mais tarde senti a falta dos estudos (o que contarei mais pra frente!).

Mas em 1985 tiveram muitos acontecimentos. Depois de fazer uma visita aos presos da Delegacia, escrevi um longo poema que foi publicado na “Folha de Guaraçai”, assim como outras poesias e contos ao longo do ano. Comecei a fazer exercícios de fonoaudióloga na residência de uma moça chamada Mônica. Mas para voltar mesmo às terapias, fui admitido como aluno na APAE de Andradina duas vezes por semana. Em Guaraçai

tinha uma perua municipal que reunia os alunos especiais e levava para aquela cidade vizinha no período da tarde. Lá eu fazia fisioterapia, fototerapia e terapia ocupacional. Como não tinha necessidades pedagógicas especiais, depois ficava o resto da tarde sentado sozinho no salão de festa esperando a hora da perua voltar para minha cidade.

Geralmente eu levava um livro retirado da Biblioteca Municipal e ficava lendo. Foi num desses momentos que percebi a APAE preparando as festas dos dias dos pais e eu gostaria de participar daquela ocasião. Em casa escrevi um texto fictício de uma pessoa especial agradecendo ao seu pai. Levei para o pessoal ler e decidiram apresentá-lo durante a festa. O salão estava lotado de alunos e familiares, e eu sentado ao fundo. Quando uma professora começou a lê-lo de repente todos estavam chorando comovidos. Tamanho foi o meu susto perguntando a mim mesmo: “O que foi que eu fiz?” Esse texto com o título “PAI” foi publicado em um jornal regional, comentado com elogios por toda a parte, a própria APAE o publicou em forma de folheto. Na época eu fazia tratamento dentário em um centro especial da UNESP de Araçatuba, onde esse texto foi reproduzido e distribuído na “Primeira Jornada Odontológica Brasileira de Estudo Sobre Pacientes Especiais”. Um ano depois, esse texto foi publicado no meu primeiro livro com o título “Lembranças de um passado...”. Hoje, na minha atual concepção, acho-o tão piegas e melodramático!

Meu pai resolveu vender a chácara para aplicar na revenda de automóvel em São Paulo. Foi um golpe muito duro para mim, pois eu gostava muito dela. Fomos morar na casa dos meus avós perto ou quase em frente da gráfica e perto do hospital. Era uma casa simples de madeira e sem forro; dois quartos, uma sala, cozinha e o banheiro era o único cômodo de alvenaria. Da parte de fora um puxado com o tanque. Foi construído um barracão no quintal para acomodar algumas coisas. No fundo do quin-





tal já morava a avó Geralda que ficou famosa fazendo coxinhas de mandioca e vendendo pela cidade. Vô João estava aposentado. Conseguiu autorização do hospital e colocou uma barraca de doces e salgados. Ali passaram a ser vendidas as coxinhas de mandioca. O volume era tanto que o barracão do quintal virou o lugar de fabricação e fritura das mesmas.

Meu pai mandou como agradecimento aos meus avós por terem cuidado da chácara um fusca branco de presente. E dentro dele veio outro presente para mim: uma grande máquina de escrever profissional que permaneceu como minha companheira de trabalho por onze anos.



## *O início das noites guaraçaienses*

**N**essa época comecei a sair à noite. Durante a semana, à noite, ficávamos na praça pública batendo papo em rodinhas. De sábado havia uma lanchonete chamada “Sal Doce” ao lado de Guaraçaí Clube, onde íamos tomar guaraná com uma dose de vodka, comer lanches. Em um domingo, estava assistindo televisão na chácara quando meu tio Edson que estava morando com a gente, convidou-me para dar uma volta, pois meus avós estavam no culto da Congregação Cristã e eu iria ficar sozinho. Fomos. A praça estava lotada. Era interessante observar todos dando volta na praça, os moços de um lado e as moças em direção contrária. Era muita gente mesmo.

O Guaraçaí Clube promovia as Domingueiras até as onze horas. Estávamos bem no meio dos anos 1980 e toda sua alegria. Era a década do “Rock in Rio”, a “Armação Ilimitada” era a sensação na televisão, como a novela “Brega e Chique”. No cinema estourava “Namorada de Aluguel” e o filme brasileiro “A menina do Lado”. As bandas nacionais traziam muita alegria e cores em letras que mais pareciam crônicas do cotidiano. Surgiram os grupos de uma música só: ABG, Afrodite se Quiser, Conexão Javari, Dr Silvana e CIA, Grafite, Heróis da Resistência, Inimigos do Rei, Jão Penca e seus Miquinhos Amestrados, Magazine. E muitas bandas

que permaneceram por muito tempo. Barão Vermelho, Biquíni Cavadao, Blitz, Camisa de Vênus, Capital Inicial, Engenheiros do Hawái, Ira, Kid Abelha e os Abóboras Selvagens, Legião Urbana, Nenhum de Nós, Paralamas do Sucesso, Plebe Rude, RPM, Titãs, Ultrage a Rigor. As moças usavam vestidos trapézios, saia bambolê, calça baggy e semi-baggy, blusa manga morango, polainas de lá, faixas na testa com cores berrantes, tiara, cortes de cabelos em formato “v”, rabinhos da Babi, baton boka-loka roxo ou preto. Os rapazes de camisa hang-ten nas cores cristal grafite, moda surfwear, tênis de lona-iate, relógio-calculadora.

Tio Edson e eu entramos no Clube. Fiquei à beira da pista e, de repente, estava balançando o corpo. Meu tio me incentivou a entrar na pista, fui e não parei mais de dançar por uns bons anos. Naquela noite o Edson teve que resolver um problema e fiquei sozinho ali dançando e pela primeira vez, só, voltei à noite para casa.

Com o tempo passei a sair também nas noites de sábado, ir às Brincadeiras Dançantes ou em bailes. Época em que eu usava tênis cano alto, calça jeans, camisão para fora com o peito à mostra, com uma correntinha de ouro, cabelo todo penteado para traz e o rosto cheio de espinha. Eu escrevia muita poesia e contos que eram publicados pela “Folha de Guaraçai”, lidos nas comemorações das escolas. Por conta disso, já era conhecido e admirado na cidade. Rogério e Helton, por serem mais novos ainda não saíam na noitada monótona guaraçaiense. Foi em uma dessas madrugadas que encontrei o Serginho Boca saindo do Clube e o convidei para ir ao “Sal Doce”. Lá ele comentou sobre a admiração pelo meu trabalho. Saindo da lanchonete, apareceu uma moça de estatura alta, muito bonita e elegante. Brinquei com o Serginho que eu estava a fim dela. Ele me disse ser sua amiga e que iria conversar com ela.

Talvez pela minha ingenuidade de um adolescente de quatorze anos, acreditei que ela também poderia gostar de mim e

querer namorar. Passei toda a semana pensando nisso. Quando dei por mim, estava escrevendo poesias pensando nela. Sabia que ela cursava a oitava série na minha ex-escola e que pouco mais do meio-dia passava pela praça. Por algumas vezes fiquei sentado lá com uma prancheta e ao vê-la passar, escrevia poesia. Não me lembro ao certo se foi pelo Serginho ou não, mas ela ficou sabendo e nunca tivemos uma conversa. Realmente tive um sentimento forte e intenso por ela, foi a primeira vez que realmente senti o peso da minha deficiência, pois, mesmo de forma ainda inconsciente, senti que teria dificuldades nos relacionamentos interpessoais. Muitos de meus amigos sabiam dessa minha paixão e eu percebia no olhar e comentários deles que ninguém acreditava naquela possibilidade. Mesmo aqueles que incentivavam estavam apenas sendo cordiais. Hoje julgo que o que senti por essa moça foi puramente uma atração física, pois nada ficou desse sentimento!

Minha amizade com Serginho aumentava cada vez mais. Talvez por estarmos em um estágio em que os meus melhores amigos Rogério, Helton e Ferrugem ainda não estavam, de sair à noite. Todo fim de tarde eu ia à casa dele em um conjunto habitacional do outro lado da linha do trem. Ele, após um dia de trabalho na roça ou de servente de pedreiro, ia para escola ou para a praça e eu o acompanhava. O Boca também começou a escrever poesias. Eu andava com caneta e papel no bolso e juntos escrevemos muita coisa. Até que chegou o dia em que ele teve que ir trabalhar em uma fazenda no Mato Grosso e nos separamos por vários meses.

A Congregação Cristã no Brasil construiu um grande cômodo no fundo do terreno onde seria construída a igreja oficial. Ali passaram a ser celebrados os cultos oficiais e as Reuniões de Jovens e Menores nas manhãs de domingo. Durante um bom tempo fui em companhia do Ferrugem. Mas devido a começar a sair à noite e chegar de madrugada, acabei deixando a igreja

aos quatorze anos mesmo sem saber que meu destino já estava traçado por Deus.

Antes de mudarmos para casa de madeira na volta da madrugada eu dormia na casa de minha bisavó Geralda. Sempre fomos muito amigos e conversávamos muito. Ela me contava inúmeras histórias, casos...

Dentre os personagens históricos de Guaraçaí, um eu preciso destacar: o popular Perna-Dura. Era um menino magro e comprido que tinha por hábito roubar por toda cidade, odiado por muitos. Nunca era pego na “carreira”, daí o motivo de seu apelido! Sua mãe lhe passava a mão na cabeça e acobertava seus roubos. Teve várias passagens pela polícia, mas era menor de idade. Na adolescência ele se apaixonou por uma moça e sofreu demais por ela. Não sei se foi por isso ou se ele já tinha tendências homossexuais, tornou-se um travesti e assim passou a viver e andar como uma mulher.

Fato é que Perna-Dura morava perto da chácara e tínhamos certa amizade de rua. Em 1985, eu ouvia falar muito da zona de meretrício, que lá era um lugar muito bom e gostoso. Despertou-me uma vontade de conhecer o lugar, mas ninguém queria levar um garoto de quinze anos. Em uma noite de domingo, encontrei o Perna-Dura na praça e o convidei para ir ao “Sal Doce”. Lá lhe contei essa minha vontade e ele me prometeu levar lá durante a semana. No dia combinado fomos. Chegamos a uma das casas, entramos e ficamos na sala com algumas moças e uma me pediu até para lhe pagar uma bebida, mas estava duro. Realmente eu era muito inocente e nem sabia o que era pra fazer ali.

A dona da casa arrastou o Perna-Dura para um quarto. Lembro-me de ver por debaixo da porta a sombra deles correndo. Minutos depois saíram, pois ela não conseguiu nada com um homossexual. Depois de um tempo chegou uma viatura da polícia com dois policiais conhecidos meus por trabalharem com meu avô. Depois de conversarem na cozinha com a dona da casa,

voltaram à sala e levaram o Perna-Dura preso acusado de ter me levado lá. Ainda me ofereceram uma carona, mas fiquei. Um outro conhecido me levou até em casa. Lá meu avô João assistia a um filme e, mesmo com muito medo, resolvi eu mesmo contar tudo para ele. Só me disse: “Vá dormir, amanhã a gente conversa.” Aquela noite passei em claro, temendo ele e minha avó e ao mesmo tempo pensando no que estaria acontecendo com Perna-Dura; mas para ele ser preso já era uma rotina semanal. Na manhã seguinte, vi os policiais na barraca contando tudo para o avô João. Mas a única coisa que ele me disse foi: “Vê se agora você espera ter a idade certa para voltar lá!” E nunca mais tocou no assunto.

Realmente voltei lá mais algumas vezes, mas nunca tive relação com alguma moça. Gostava de conversar com elas como amigo. Algumas vezes cheguei até a ser conselheiro. Quando em um baile no CESE via uma delas, eu nunca tive vergonha de cumprimentá-la como qualquer outra amiga. Cheguei até a escrever um romance (embora muito mal-escrito!) sobre elas tendo como base um conto meu publicado no ano anterior. Com o título “O Grande Golpe”, o mesmo não foi publicado e nunca será, pois queimei-o!

Como também nunca tive vergonha de ser amigo do Perna-Dura e de outros homossexuais, tais como um primo meu, o Toninho, um moço altamente culto com quem sentei por várias vezes no banco da praça ou em mesas de bar e tivemos altos papos. Minha natureza sempre foi esta de nunca julgar e nem discriminar ninguém. Muito pelo contrário, sempre estive disposto a ajudar e ser carinhoso com quem precisar de mim. Nem se for apenas para receber um sorriso amigo. Não é e nunca será do meu feitio emitir julgamentos sobre postura e opção de ninguém. São nestes momentos que lembro daquele mandamento que Deus deixou na Bíblia e quase ninguém se recorda: “Com a mesma medida que você julgar o seu semelhante, você será



julgado por mim.” Aliás, o segundo principal mandamento deixado pelo nosso salvador Jesus Cristo foi: “Ama o seu semelhante como a ti mesmo!” E entendo como meu semelhante todas as pessoas que Deus coloca neste mundo...



## *1986: o ano que não acabou para mim*

O ano de 1986 foi de fundamentais acontecimentos para minha vida. Com a virada do ano, outra moça começou a despertar minha atenção. No início só a via nos bailes e brincadeiras, mas já era o suficiente para eu escrever poesias. Quando voltaram as aulas, embora eu não estudasse mais, ia todos os dias na hora do recreio conversar com os amigos. Foi quando descobri que ela era da classe do Rogério. E uma segunda coincidência, ela era prima da outra moça da classe dele que gostei nos anos anteriores. Rogério e eu passamos a conversar sobre ela, ter as minhas fantasias e a compor.

Na primeira visita que fiz à escola, os alunos realizavam um debate no palco do pátio sobre as diferenças entre homens e mulheres. Após assistir, redigi uma matéria sobre aquele evento que foi publicada na “Folha de Guaraçaí” na edição do dia 22 de março. Considero-a a primeira reportagem da minha carreira. A partir dela e ao longo daquele ano escrevi para o jornal tantas outras sobre eventos escolares, esportes, bailes e brincadeiras dançantes e, paralelamente, continuei publicando poesias e artigos de opinião.

Graças a essas visitas ao “Valeriano Fonseca”, o Dr. Mucci, o professor Maroca, dentre outras pessoas, resolveram me ajudar



a publicar o meu primeiro livro. Eu havia preparado um original com todas as minhas poesias. Eles iniciaram uma pesquisa de como isso seria possível. O Dr. Mucci era advogado e assistente de direção da escola cuja diretora era sua esposa, Dona Lígia. Por ele tomar conta do turno da noite, passei a frequentar lá todos os dias e bater papo, ficar sentado na Diretoria com ele. Descobrimos que na Delegacia Regional de Ensino de Araçatuba havia um professor com dois livros publicados. Era o Álvaro Galinari que pegou os meus originais para corrigir a gramática e fazer o que chamávamos de “boneco” do livro.

Nesse meio-tempo, a classe do Rogério montou uma peça de teatro chamada “A formiguinha fofoqueira”, apresentada no palco do Guaraçaí Clube para toda a comunidade. Ele fez o papel principal. Fiquei tão impressionado em ver um dos meus melhores amigos com tanta capacidade cênica que ali mesmo no palco lhe disse: “Rogério, vou escrever uma peça para você!” Acho que ele não acreditou muito. Mas nos próximos dias escrevi uma pequena comédia sertaneja que intitulei “O Desajeitado”. Dias depois, em uma manhã de sol, eu estava sentado na varanda de casa, quando o Rogério apareceu de bicicleta. Chamei-o para entrar, sentar e dei o texto para ele ler. Achou graça, mas minha sacanagem seria ainda maior. Levei o texto para Dona Lígia e pedi para a classe do Rogério montar para a próxima festa junina, mas com uma condição; que ele interpretasse o papel principal. E assim foi...

Continuei com aquela ideia fixa de escrever um livro sobre a história de Guaraçaí. Soube que na outra escola, a EEPSSG “Juventino Nogueira Ramos”, tinha um inspetor de aluno que era filho de Capitão João Machado, um senhor muito simpático chamado Lázaro Machado de Souza. Sua mesa ficava embaixo da escadaria da escola. Lhe falei do meu projeto de livro e pedi sua colaboração. Seu Lázaro me pediu para lhe procurar na próxima semana. Foi o que fiz; ele me entregou um canudo de papel.

Quando abri, ele havia escrito a máquina um resumo da história da cidade e, ao final, datou – 26 de junho de 1986 – e assinou. (Seu Lázaro já é falecido. Guardo até hoje essas folhas, assim como algumas fitas cassetes de depoimentos dele de quando, mais tarde, eu ia à sua residência e ele me narrava vários fatos históricos. Considero esse material uma documentação histórica!).

Dias depois, minha mãe me chamou para passar alguns dias de férias em São Paulo. Sem falar para ninguém, fui. Nessa época meu pai aposentado, trabalhava em um estacionamento de revenda de carro do outro lado da rua. Às vezes, eu passava as tardes lá com ele e saía muito de carro com seus amigos. Minha mãe já trabalhava em uma creche municipal perto de casa e minhas irmãs estavam na escola. Época em que pusemos um telefone em casa e compramos um videocassete – dois grandes acontecimentos. No apartamento havia uma máquina de escrever profissional. Quando eu ficava sozinho, a colocava na mesa da cozinha e escrevia muito. Nessa ocasião rascunhei um livro infantil intitulado “Diálogos Infantis” e, baseado naquele documento do Seu Lázaro, escrevi uma peça de teatro chamada “Guaraçaí: História de um passado!”. Usei papel-carbono e produzi duas cópias. Uma deixei com o diretor da escola “Juventino Nogueira Ramos” e outra com o professor José Hamilton e fiquei sem cópias. Ambos já são falecidos. E até hoje tenho essa grande questão: será que o diretor da escola deixou no arquivo, será que ficou entre os pertences do José Hamilton e sua família a conserva até hoje? Se algum dia eu recuperasse uma cópia desse texto, o reescreveria para uma edição especial da Folha de Guaraçaí.

Enquanto isso, houve a festa junina no “Valeriano Fonseca” e minha peça foi encenada. Mais do que isso, o Diretor Regional de Ensino, outras autoridades e o professor Álvaro Galinari foram à festa me conhecer, entregar o “boneco” do meu livro e outros presentes e eu não estava lá. Causei constrangimento à Dona Ligia que se desculpou alegando que eu estava fazendo tra-

tamento em São Paulo. Dias depois recebi uma carta do Rogério contando tudo sobre a festa.

Eu nunca me conformei em parar de estudar. Fiz um supletivo a distância e depois prestei a prova do MEC. Mas usei essa desculpa e pedi à Dona Lígia autorização para entrar na classe do Rogério como aluno-ouvinte para me preparar para a prova. Mas hoje, passado mais de duas décadas, o que eu queria mesmo, era ficar perto daquela colega dele de quem eu estava gostando. Só que dessa iniciativa surgiram mais duas grandes amizades, o Cássio Caldato e o Antônio (Teté) na casa de quem eu ia ouvir discos e quem anotou muitas das poesias que ditei! Principalmente textos que falavam do meu sentimento por aquela pessoa que, nas entrelinhas, já demonstrava a minha consciência de saber o peso da minha deficiência perante as barreiras sentimentais. Certo dia, essa moça começou a conversar comigo na condição de amiga. Aquilo naquele momento teve um peso muito significativo, que no dia 09 de novembro escrevi este poema que, mesmo com um tom piegas, refletia esse estado:

### POEMA PARA UM SÁBADO ALEGRE

Como uma luz que está se apagando  
Estava o meu amor.  
Mas, hoje de manhã,  
Foi quando tudo recomeçou.

Hoje pela manhã  
Comigo você veio falar,  
Quando seu rosto novamente  
Eu pude contemplar.

Em risos fiquei alegre,  
De emoção comecei a chorar,

Pois eu nunca esperava  
Que comigo, você viria falar.

Sei que este amor,  
Nunca irá dar certo,  
Mas suas palavras dirigidas a mim,  
Foi como sair desse deserto!

De volta e com o “boneco” pronto, faltava o dinheiro para publicar o livro. Após várias ideias e tentativas, a APM da escola emprestou parte da verba. Escolhi uma ideia para capa. Certa tarde, fui com o Dr. Mucci e a Dona Lígia para Araçatuba e finalmente conheci o Galinari e entregamos para ele o “boneco” e o cheque para ele levar a São Paulo e entregar na João Scortecchi Editor para publicar os primeiros quinhentos exemplares. Quando ficaram prontos, meu pai ficou encarregado de retirá-los da editora e mandar para Guaraçai. Mas ainda em São Paulo, o livro vendeu tanto entre os amigos do estacionamento, que meu pai passou a acreditar naquele projeto, já pediu para imprimir a segunda edição do livro.

Em uma noite da sábado, eu estava lá no centro da cidade quando meu tio Tadeu chegou com a notícia de que meus livros estavam em casa, vindos por intermédio de um amigo do meu pai que morava em Mirandópolis. Não aguentei esperar e fui com dois amigos, o Odair e o Cássio Caldato, em casa vê-los. Com os livros nas mãos, Dona Lígia marcou o lançamento para novembro. A gráfica me deu de presente quinhentos convites. A diretora subscreveu um a um para todos na cidade e eu com meus amigos entregamos todos.

À noite do dia 22 de novembro foi um grande acontecimento. Todos os meus parentes de São Paulo foram para a cidade. O Guaraçai Clube estava lotado. A apresentação foi da

Dona Lígia. Minha irmã Ana Paula, minha prima Michele e amigos, entre eles o Rogério recitaram minhas poesias. Houve discursos e recebi o meu primeiro Cartão de Prata da Divisão Regional de Ensino de Araçatuba. Foi-me entregue por meio de uma prima da minha mãe, que chamo de tia Iracema, o título de Representante Comunitário oferecido pelo Congresso Nacional (Câmara dos Deputados – 30 de maio de 1986), dizendo: “Pela inestimável colaboração que vem prestando em forma dinâmica e brilhante na defesa dos interesses de sua comunidade”. Minhas duas professoras da época da AACD-Santana receberam o meu convite e o livro. Tia Beatriz me enviou um telegrama dizendo: “Parabéns, estarei em pensamento abraçando-o no seu momento de glória.” E da Tia Hideco recebi esta linda carta:

São Paulo, 22 de novembro de 1986.

### **Ao querido Emílio Carlos**

Dentre as muitas surpresas felizes que a vida nos reserva, o seu convite para lançamento do livro de sua autoria, fugiu totalmente a minha expectativa como professora.

A alegria sem par dos instantes que sucedem ao recebimento da mensagem, guardarei por dias infinitos os instantes de suprema ventura, e quero retribuir com o mesmo carinho a sua atenção, desejando-lhe que a senda ora iniciada seja ela repleta somente de alegrias e as tristezas sejam apenas uma sombra.

*Abraços carinhosos e sucessos na sua vida.  
Hideco*

Paralelamente estava acontecendo uma Festa do Peão na cidade. No domingo à noite fui até lá, mas ninguém comen-

tou nada sobre o livro. “Noites Guaraçaíenses” era a reunião de 58 poemas que falavam das moças que eu havia gostado, mas também que falavam das fantasias e situações que eu gostaria ter vivido, dos pontos e pessoas da cidade e da minha história. No livro citei vários nomes de meninas e acabei pondo o Rogério em alguns embaraços já que muitas delas eram amigas dele. Foi uma dedicatória geral onde escrevo: “Dedico este livro a todos os amigos e amigas que me fazem feliz!” E na pequena apresentação, fiz um rápido apanhado do livro e do meu espírito da época:

“As grandes noites guaraçaíenses geralmente ocorrem nos sábados e domingos. São noites de alegria, felicidade e muito amor. Noites de encontro, namoros, paixões e despedidas. São nessas mesmas noites onde passo a melhor parte de minha vida: Numa roda do amigo. Bebendo, falando besteira, conhecendo novas pessoas ou até mesmo dançando. Mas também são nessas noites que me entristeço vendo tantos casais de namorados alegres e eu só; mas a dor maior é ver a mulher amada nos braços de outro. São justamente nessas noites que acabo em uma mesa do bar com um copo de refrigerante e só. Mas, graças e essas noites, recolho material para minha obra. E assim vou cada vez mais me tornando um poeta.”

Quando foi na segunda-feira, estouraram os comentários positivos sobre o livro que passou a vender cada vez mais. Só o Helton vendeu dezenas na escola. Por causa dele dei inúmeras entrevistas para jornais. O Centrinho da Unesp de Araçatuba também promoveu uma Noite de Autógrafos, mas a chave de ouro do fechamento do ano foi o lançamento promovido em Andradina pela APAE quando recebi o meu segundo Cartão de Prata.

Por conta das vendas, ganhei um bom dinheiro. Abrir a minha primeira conta bancária, passei a trabalhar com cheque e



a sair todas as noites com meus amigos para comer pizza e lanches. Comprei um aparelho de som e uma estante de sala para organizar minha coleção de livros. Foi em uma tarde que cheguei em casa e minha avó estava recebendo a visita de algumas irmãs da Congregação que não eram da cidade. Elas já estavam em pé na sala para ir embora. Quando minha avó me apresentou e mostrou o meu livro, uma delas me olhou firme e me disse entre outras coisas, algo que me marcou muito: “Rapaz, você ainda vai ser um Doutor nesta terra!”.



## *Quando o verão chegar*

**D**os fatos engraçados de minha vida, no início de 1987, aquela primeira moça de quem gostei da classe do Rogério, voltou para a cidade e começou a fazer um tratamento diário no hospital. Novamente me encantei por ela, agora mais amadurecida, linda. Tanto que em uma semana escrevi 119 poemas para ela. Decidi que era hora de me confessar. Escrevi um texto de cinco páginas e comecei a decorá-lo. Por quinze dias fiquei ensaiando com o Helton e chegamos a apostar uma Fanta laranja litro para eu ter coragem. Quando achei estar preparado, chamei-a para ir ao jardim municipal. Quando olhei para o seu rosto, esqueci todo o texto. Acabei falando de improviso, mas ela já estava com casamento marcado para o final do ano...

Por intermédio da minha tia Iracema, conhecemos em São Paulo, uma mulher que se dizia dona da Projeto, Pesquisa, Editorial – PPE e queria me contratar como escritor exclusivo de sua editora. Aquilo me deixou empolgado. Como eu era menor de idade, meu pai assinou o contrato em meu nome. Ela pegou os originais do meu novo livro de poesias, pediu-me para escrever uma breve biografia, pegou fotos antigas e minha carteira profissional para registrar. Marcou uma sessão de fotos no Ibirapuera. Começou a me levar em alguns passeios. Mas algo de estranho



havia em seu comportamento. No período que eu permaneci na cidade, ela vinha para o nosso apartamento todos os dias na hora do almoço e ficava o dia inteiro conversando comigo. Chegou a me pedir para escrever uma peça de teatro e, como eu era exclusivo, proibiu-me de escrever para a “Folha de Guaraçaí”. Isso me fez muito mal e ela concordou em me liberar. Com jeito, foi pedindo favores e dinheiro emprestado para o meu pai. De repente, exigiu o pagamento da publicação do meu livro. Percebemos estar diante de uma golpista. Meu pai teve que entrar na justiça para rever meus originais e documentos.

Cada vez mais escrevia e publicava poesias e reportagens na “Folha de Guaraçaí”, sempre como colaborador. Mas sonhava aumentar a minha atividade jornalística na região. Cheguei a escrever para o editor do “Jornal da Região” de Andradina pedindo uma oportunidade de trabalhar em um jornal profissional, mas não tive retorno. Além do jornalismo, passei a ser relações públicas da Estrela Produções Artísticas, de Andradina. No início de 1987, a Rede Globo promoveu um grande evento social na região e fui convidado a vender e autografar meu livro “Noites Guaraçaienses” em praça pública na cidade vizinha. Ali conheci o jornalista e dono do semanário “Hoje-Mirandópolis”, Elói Mendonça. Dias depois, fui com meu tio Edson àquela cidade e procurei a redação, sendo recebido por ele. Mostrei-lhe alguns de meus escritos e pedi uma chance em seu jornal. Elói gostou da minha iniciativa e da minha redação que, para minha surpresa, deu-me uma página inteira que passou a se chamar “Hoje-Guaraçaí”. Propôs também uma porcentagem nas publicidades que eu vendesse para minha página. Semanalmente eu escrevia todo o conteúdo da página, pegava o ônibus sozinho e viajava para lá. Ele era um jornalista experiente vindo de grandes redações. Juntos corrigíamos minhas matérias, tive muitos ensinamentos e aprendi muito do pouco que sei de jornalismo. Foi por conselho dele que adotei o nome profissional de “Emílio Figueira”. Só para

citar uma bonita recordação, eu aproveitava essas minhas viagens à Mirandópolis para visitar e almoçar na casa de meus primos Agenor e Sônia.

Em frente à praça municipal existia um Bar e Restaurante chamado “O Porão”, propriedade do Zé Domingo. Seu principal funcionário era o meu grande amigo Sílvio. Com o tempo o Helton também passou a trabalhar lá. Ali era o ponto de encontro com meus amigos, onde passávamos as tardes e noites conversando, comendo lanches, tomando sorvete.

Naquele ano, a Prefeitura promoveu uma grande Festa do Peão e cobrou muito caro os ingressos, tendo muitos prejuízos. Eu cobria as sessões semanais da Câmara Municipal. Os vereadores aprovaram um projeto de lei permitindo que esse prejuízo fosse cobrado nos impostos municipais. Escrevi em minha página no “Hoje” essa manchete: “O povo vai pagar por não participar da festa!” Aquilo caiu como uma bomba na cidade. Muitos vereadores se revoltaram e tive que ficar uma temporada escondido em São Paulo. Quando voltei, em um baile no Guaraçaí Clube uma autoridade municipal (que não vejo necessidade de citar o nome, mesmo porque hoje ele é um amigo que tem o meu carinho e admiração!), disse-me: “Oh! Eu li aquela matéria da festa do peão e não gostei. Tem alguém usando você. Tem alguém lhe instruindo!” Isso mexeu muito comigo, levando-me a escrever uma carta aberta intitulada “Aos que ainda duvidam de mim” que foi publicado simultaneamente no “Hoje” e na “Folha de Guaraçaí”. Um trecho dela dizia:

Isso me deixou muito magoado. As palavras acima me deram a entender que ele, como muitos outros, ainda duvidam de minha capacidade.

A matéria eu fiz por impulso próprio. Estive na Câmara registrando tudo. Apesar de ser um deficiente físico, tenho capacidade para exercer o meu cargo de redator. Não

tenho e nem preciso de alguém para me instruir. O jornalismo que exerço, o faço totalmente sozinho. Nem sequer tenho um editor dizendo o que tenho que reportar. Maior prova da minha capacidade, é o meu diploma de “Jornalismo Técnico” na parede e minha credencial de Imprensa no bolso.

Quero apenas que as pessoas acreditem na minha capacidade. Não é porque tenho um defeito físico, que não devo ter um lugar ao sol. Uma grande prova da minha capacidade está neste jornal. Será que o Elói Mendonça iria me confiar toda uma página, se eu não tivesse competência?

De fato, ganhei mais respeito com essas linhas que achei realmente necessário escrevê-las para me impor naquele momento. Por meio de minhas reportagens conseguia muitas melhoras para a cidade, como por exemplo, melhora de transporte para os alunos da APAE. Mas no fundo, eu era um jovem com um jornal livre na mão. Às vezes minha empolgação era tanta, que o José Hamilton, diretor da CEPBEM e da “Folha” tinha que puxar o meu freio, vetar no bom sentido e no bom senso alguns de meus textos. Mas carinhosamente, ele sempre tinha uma clara explicação para isso. Sua experiência de vida era muito além da minha fase de “querer mudar o mundo!”.

Passei a receber muitos convites para fazer reportagens. Um desses convites foi da Dona Lígia para eu cobrir o III Encontro da Juventude no “Valeriano Fonseca”. No ano anterior, 1986, estive lá um dos maiores escritores brasileiros de literatura infantojuvenil, Pedro Bandeira. Cheguei a lhe dar um livro meu de presente e ele me autografou vários dele. Em uma rápida conversa, incentivou-me dizendo que se eu acreditasse e lutasse com perseverança, um dia também venceria na literatura.

No mês de agosto, estava em São Paulo, no sábado, assistindo ao programa Comando da Madrugada, do Goulart de An-

drade, durante uma reportagem ele entrevistou uma moça com perna mecânica. Não sei porque me encantei por ela no vídeo. Com a ajuda da tia Hideco, consegui o seu endereço aqui de São Paulo e começamos a trocar correspondências. Seu nome era Andréia, uma ex-modelo que havia tido câncer e por isso amputado uma das pernas. Realmente, nos tornamos grandes amigos, dei muitos conselhos e fui seu confidente. Confesso que eu estava gostando dela. Novamente o câncer apareceu em seu pulmão e, após a operação, estive com minha família lhe visitando e conhecendo pessoalmente no hospital em São Paulo. Nossa intensa troca de cartas durou exatamente oito meses, até que ela se calou.

Naquele ano, 22 de novembro, veria o professor de literatura, escritor e poeta bauruense, Luiz Vitor Martinello. Era um domingo de manhã muito ensolarado. Eu estava um pouco com raiva, pois em vez de estar ali na escola queria estar na piscina com meus amigos. O pátio já estava lotado para a palestra. A Diretora e eu o esperamos no corredor. De repente chegou a figura: um grande cabelo encaracolado como uma juba de leão, um bigodão, ambos grisalhos; uma calça larga e um grande camisão bem estampado, parecendo um carnavalesco. Parou e nos cumprimentou com um sorriso. Dona Lígia não aguentou, virou-se para mim e disse na lata: “Pô, esse cara é viado!!!”. Tive que virar para trás e rir. Mas foi uma manhã muito agradável. Meu primo Alan ficou encarregado de ler para plateia o texto que eu escrevi lhe dando as boas vindas. Ao citar suas filhas, Luiz Vitor me corrigiu, dizendo que havia nascido recentemente o seu filho homem, o Vitinho. Mal sabia eu que estava diante do homem que no futuro seria responsável pelos importantes e belos capítulos da minha vida!

Aquelas noites de sábado pareciam obedecer a uma rotina. Primeiro eu ia para o famoso bar da esquina bater papo e só depois para os bailes e brincadeiras dançantes. Ali comecei a me encontrar com um amigo anão conhecido por Zé Baixinho. Ele

pela primeira vez (conheceu?) uma moça também anã que morava em uma cidade vizinha. Certa noite, ele comentou que notava em meus escritos o sofrimento oculto por uma moça que me rejeitava. De fato era verdade, embora eu fosse uma pessoa bem ativa profissionalmente e alegre, tinha um vazio sentimental. Começamos a falar abertamente sobre rejeições no campo sentimental com relação a nós pessoas com deficiência. Mesmo nos lugares públicos, eu sentia uma tristeza, uma vontade de amar e ser amado. Naquele momento, certamente baseado em nossos sentidos comuns, classificávamos aquilo como puro preconceito, maldade das moças. Eu me perguntava o porquê? (E essa resposta comecei a encontrar só muito recentemente).

Zé Baixinho falava de muitas coisas sobre as questões que envolviam a nossa classe. Com ele se iniciou a minha real consciência do que era ter uma deficiência e suas consequências. Comecei a sentir a necessidade de fazer algo. Mas ainda não sabia, ou não era capaz de definir o que fazer. Zé me emprestava vários recortes de jornais e revistas sobre o assunto, os quais eu lia e xerocava. Sua intenção era redigir um documento pedindo ao Congresso Nacional alguma providência com relação a esses preconceitos. (Hoje vejo que era uma ingenuidade nossa pensar que isso poderia ser resolvido por força de projeto de lei!) Esses meus encontros e bate-papos com eles foram muitos. Até que ele se casou e parou de sair à noite. Fui repórter em seu casamento, uma festa muito linda que contou com a presença maciça da cidade. Anos mais tarde, escrevi uma extensa biografia jornalística sobre ele e sua esposa.

Não marquei a data de início, mas foi em Guaraçai, às oito horas da noite do dia 04 de junho de 1987, quando terminei de escrever o primeiro esboço deste romance que refletia justamente toda aquela situação, angústias e anseios que eu via naquele momento. Seu título: “Quando o Verão Chegar”. Suas primeiras páginas foram a caneta, depois a máquina de escrever,

na velha rotina de pôr e tirar papel, empurrar o carro ao final de cada linha, escrever embalado pelo som das teclas batendo na fita, imprimindo letras na folha; hoje essas lembranças têm gosto de romantismo! E nesse clima, nasceu uma espécie do que hoje considero uma autobiografia ficcional de uma jovem estudante de piano e poetisa cuja mudança da cidade grande para um município pequeno do interior iria mudar sua vida. A rotina e monotonia de sempre; as noites rotineiras nos fins de semana; a escola e um pouco do campo. Uma obra, do jeito que gostava de contar estória, através de diálogos. E, pelo fato de ter sido ambientado nos anos 80, hoje nos dá o gosto de um romance de época!!!

Passadas duas décadas, em 2007 finalizei a segunda versão produzida no moderno notebook e ainda penso em publicá-lo um dia. Algumas das coisas em suas entrelinhas já não representam mais meu atual pensamento. Mas muitos dos fatos e situações narrados nada mudaram nesses 20 anos, infelizmente. Algum dia irão me perguntar se Denise realmente existiu; Se esta estória foi mesmo desse jeito? Quem foi ela? O seu verdadeiro nome? Seu comportamento foi assim? Afinal, quem foi Denise? Certamente responderei: “Não sei se tudo foi real. Talvez ela tenha sido eu mesmo na eterna esperança de um amor futuro!”.

## *Ideias e realizações de 1988*

Meus avós resolveram construir uma casa no local onde morávamos. Mudamos para um casarão antigo a um quarteirão depois da linha do trem, no centro. Ele ficava a quase dois metros de altura da rua. Ainda tinha um alpendre antes da varanda de entrada. Uma porta de duas folhas dava entrada para a sala. Duas portas de quartos à direita (uma do quarto da frente e outra do quarto do meio). Em seguida, vinha a sala de jantar com porta para o terceiro quarto (de meus avós), corredor com entrada para o banheiro e, continuando, a cozinha. Todos cômodos grandes e altos. O quintal em torno dela também era muito amplo e tinha enormes pés de primavera. Eu que gosto de coisas históricas amava morar ali. Fiquei com o quarto da frente com duas janelas e uma porta independente para a varanda. Ao centro ficou a minha mesa de trabalho. No canto minha estante de livros, pastas e o meu rádio. Sempre fui de ouvir muita música. Naqueles fins de tardes, a FM “Veneza” de Pereira Barreto tocava muita música sertaneja que eu amava ficar ouvindo e escrevendo. Outras vezes, ia nesse horário para casa do Helton e em sua varanda curtíamos juntos essa rádio. Perto do casarão morava um músico chamado Osni. Pegamos amizade, conversávamos muito sobre arte e juntos compusemos quatro músicas.

Minha atuação como jornalista se tornou intensa. Eu cobria bailes e festas de todas as naturezas. Paparicado por isso, chegava a receber até cinco convites de festas por fim-de-semana. Não só trabalhava como também dançava e me divertia muito. Na edição do dia 27 de agosto, criei uma coluna com o mesmo nome do meu livro “Noites Guaraçaienses” com muitos tópicos variados que era bem lida e comentada. Em outubro, a Rede Globo promoveu o “Projeto Participação III”, trazendo para um show em Guaraçá uma jovem cantora chamada Gabriela que foi lançada por Roberto Carlos. Eu que já era fã dela, escrevi uma crônica em sua homenagem, ela me concedeu uma entrevista exclusiva e tempos mais tarde escrevi um romance infantojuvenil baseado em sua música “Não é fácil!”.

No domingo depois de acordar por volta do meio-dia e almoçar, voltava para o meu quarto, passando a tarde escrevendo as matérias da noite anterior. E depois saía de novo. Quantas noites de domingo eu encerrei no banco da praça conversando com o amigo Aurino. Com ele também passei muitas madrugadas de sábado para domingo nas mesas da calçada do bar da esquina discutindo literatura, poesia, política, dentre outros assuntos. Por algumas vezes, ao ir embora, eu já passava pela padaria e levava pão quente para casa. “Cansei” de andar sozinho de madrugada pelas ruas e nunca fui incomodado. Mas uma coisa me incomodou: quando chegava à varanda do casarão, antes de pôr a chave na fechadura, no vidro da porta eu via refletir um caixão funerário no centro da sala!

Durante a semana acordava, vestia-me, pegava minha agenda e matérias escritas, saía do quarto, passava pelo banheiro, na cozinha tomava o café e descia pela porta dos fundos até o antigo barracão da estrada de ferro ao lado. Ali funcionava uma oficina onde o Ferrugem trabalhava. Pegava minha bicicleta e ia para a gráfica. Gostava de passar horas vendo montar o jornal, composição de minhas matérias, o som da máquina imprimin-



do. Praticamente eu estava reintegrado novamente à tipografia, mesmo agora como um colaborador voluntário. Ali tive muitas conversas com o professor José Hamilton. Durante a semana eu saía para fazer outros tipos de reportagens, tinha até uma mesa de imprensa na Câmara Municipal. Praticamente escrevia quase o jornal todo. Ainda mais no segundo semestre, quando o jornal “Hoje” fechou em Mirandópolis e fiquei só escrevendo para “Folha de Guaraçaí”. Paralelamente a isso, continuei a escrever meus contos e poesias, e uma delas recebeu um certificado do “III Festival da Poesia da Delegacia de Ensino de Andradina”.

Em agosto viajei junto com a delegação guaraçaíense para os XXXIII Jogos Regionais de Araçatuba, junto com o amigo Sílvio Jácomo, fomos como repórteres. O jornal “Hoje” também me deu a missão de cobrir a participação da comissão de Mirandópolis. Eram dias muito frios. Ficamos hospedados em uma escola pública, dormíamos em tatames de judô pelo chão e tomávamos banho em canos improvisados no banheiro. De madrugada chegavam os boletins oficiais com os resultados e datas e lugares dos próximos jogos. Andávamos muito a pé pela cidade. Foi nessa ocasião que visitando a redação do fundado “Jornal da Cidade”, dirigido pelo presidente regional do Sindicato dos Jornalistas, que me ajudou a conseguir o meu registro no Ministério de Trabalho e me convidou para ser correspondente do seu jornal em Guaraçaí e região. Permaneci por dez dias em Araçatuba. E o material e entrevistas que eu trouxe rendeu matérias para a “Folha de Guaraçaí”, para o jornal “Hoje” e para um programa especial de esportes que o Eloi Mendonça apresentou na Rádio Clube Mirandópolis. Aquele foi sem dúvida o maior desafio da minha carreira jornalística.

No final de 1988 eu ainda produzi uma edição especial da “Folha de Guaraçaí” sobre a Prefeitura e a Câmara municipal, as biografias do prefeito e vereadores que tomariam posse, seus papéis e deveres e a história política da cidade.

Não me lembro exatamente como surgiu a ideia, mas na edição de 12 de março eu lancei um projeto chamado “Cultura para Guaraçaí”. Ele propunha um “Fim de Semana Cultural” com teatro, dança, poesia e redação, artes plásticas e música. A repercussão foi imediata de todas as partes da comunidade, principalmente dos artistas e dos Poderes Públicos. E mais uma vez envolvi os meus principais amigos na realização de um de meus ideais, Rogério, Helton, Silvio Jácomo, meu tio Edson, dentre outros colaboradores. Saímos por todo o comércio conseguindo patrocinadores para troféus, medalhas, cartazes e impressos em geral. A gráfica da “Folha de Guaraçaí”, na pessoa do Seu José Hamilton, nos apoiou muito na confecção de materiais, credenciais e certificados, além de publicar inúmeras matérias divulgando, como os demais jornais e rádios da região. O Dadá nos cedeu as dependências do Guaraçaí Clube para a realização do evento. Todos os envolvidos receberam uma credencial assinada por mim. Foi elaborado um Regulamento geral e fichas para inscrições em todas as modalidades em vários postos espalhados no município.

Essa ideia tomou uma dimensão muito maior do que eu imaginava. Nas noites dos dias 14 a 17 de julho o Clube estava lotado. Houve discursos das autoridades e de abertura. Fora o pessoal da cidade, muitos artistas e público dos municípios circunvizinhos. Academias de dança se apresentavam, conjuntos musicais, duplas sertanejas, jovens cantores, poetas e escritores recitavam suas obras. Houve distribuição de medalhas e troféus pelo corpo de jurado. Todos os participantes receberam Certificados assinados por mim, que tinham o seguinte pensamento: *“A Cultura é importante para o desenvolvimento dos municípios, dos estados e do país. Vamos juntos, fazer acontecer em nosso município. Pois a cultura guaraçaiense precisa ser descoberta e divulgada!”*.

Esse “Fim de Semana Cultural” teve uma contabilidade oficial com uma conta bancária exclusiva e todas as despesas re-

gistradas em notas oficiais. Pensando também no lado social, foi cobrado uma pequena entrada e a renda doamos para o Lar dos Idosos de Guaraçai, para sua manutenção.

Aquelas convivências com a Câmara Municipal me despertou uma vontade de entrar para política. Sentia que ali dentro eu poderia fazer muito mais pela população por meio de projetos de lei. E tinha um sonho grande de chegar a Prefeito de Guaraçai. Resolvi me candidatar a vereador por uma coligação cuja cabeça era o Seu José Hamilton. Fui para São Paulo, meu pai tirou uma foto minha de terno e gravata e na gráfica do meu tio Zezinho imprimiram um folheto com o meu retrato, as siglas da coligação, o número da candidatura e os seguintes dizeres: *“Emílio. Autor do livro Noites Guaraçaienses que está divulgando a cidade para todo o Brasil; criou o Projeto Cultura para Guaraçai, conseguindo reunir centenas de artistas de todas as áreas culturais do município e região; jornalista, poeta e escritor. Guaraçaiense por opção, quer fazer mais pela cidade que escolheu, para isso pede a sua confiança e o seu voto.”* Só que eles exageraram imprimindo oitenta e cinco mil folhetos para uma campanha que precisava algo em torno de cem votos. O jeito era distribuir tudo. E mais uma vez, meus amigos estavam lá. Na calada da noite eles escolhiam uma rua ou região e jogavam de casa em casa os meus folhetos. No amanhecer estava tudo panfletado. Hoje até peço desculpas por ter sujado tanto a cidade. Fora esses, havia outros materiais de campanha. Cheguei até a imprimir uma Carta Aberta com todas minhas críticas e intenções, visando suprir a minha dificuldade em fazer discurso.

Eram muitos candidatos na minha chapa. Foram constantes as reuniões de equipe; conheci um lado da vida que não tem nada a ver comigo; muita falsidade e traições entre os próprios companheiros. Confesso que mesmo antes das eleições, eu estava arrependido de ter entrado para aquele mundinho. Zé Baixinho também era candidato, embora ele já havia sido vereador. Um

fato triste aconteceu. O pessoal do partido concorrente começou a nos chamar de “aleijados”, que não tínhamos o direito de nos meter na política. No início levamos isso na boa, pois campanha política tem muito dessas baixarias; mas com o passar dos dias, essas críticas e comentários maldosos aumentaram de tal jeito que sentimos a necessidade de publicar um artigo juntos para esclarecimentos. Em certo trecho, dizíamos:

(...)

Para começar, nem eu nem o Zé Baixinho somos aleijados, e sim portadores de deficiências físicas. Temos a capacidade intelectual quanto qualquer um de vocês. O Zé Baixinho tem o diploma de administração de empresa de uma universidade e eu de jornalismo técnico, enquanto alguns que nos criticam não têm diplomas porque a lei ainda não criou o curso de balcão de bar, onde bebem e ficam criticando-nos, que com todos os nossos problemas físicos já provamos ser gentes normais.

Engraçado que quando eu estava no auge do jornalismo, esses indivíduos me paparicavam e me tratavam como uma pessoa normal, porque sabiam que eu podia divulgá-los. Agora que sou candidato a vereança, criticam-nos e nos chamam de aleijados, coisa que não somos.

(...)

Terminávamos o artigo desafiando a oposição para um debate público. Isso não se concretizou, mas conquistamos o respeito e calamos a boca de muita gente!

Só que essa experiência teve lados positivos. Um trabalho muito intenso, quando eu ia de casa em casa pedindo votos. Quase todas as noites nos deslocávamos para sítios e fazendas fazer comícios e discursos, o que me possibilitou conhecer toda Guaraçai de ponta a ponta. Sempre amei trafegar por estrada de

terra e estar na zona rural. Na cidade fazíamos grandes comícios com shows. Em uma tarde, conheci no comitê do partido o João do Pulo que na época era deputado federal e estava ajudando nas campanhas regionais; consegui o seu autógrafo, presenteei-lhe com o meu livro e conversamos um pouco; naquela noite, para minha surpresa, João do Pulo estava em nosso palanque e fez um discurso em minha homenagem.

No dia da eleição a cidade estava movimentada. Uma verdadeira festa da Democracia. Devido ao número muito grande de candidatos e o dispersar de votos, não fui eleito. Hoje entendo que não foi uma permissão de Deus, pois os planos Dele eram outros para minha vida. Inclusive bem longe dali.

Um projeto que quase ninguém ficou sabendo foi da criação de um jornal intitulado “Correio Guaraçuense”. No dia 07 de outubro eu concluiria a redação completa da Proposta/Projeto do mesmo e, mais uma vez, o Rogério e o Helton estavam envolvidos nas minhas loucuras. O documento era realmente completo, citando inclusive a Lei de Imprensa e outros documentos. Na primeira parte tracei detalhes de página por página; na primeira, todos os paginados e manchetes; na segunda o expediente, editoriais, notas e assuntos curtos; na terceira notas policiais, espaço do leitor, canais com autoridade, política; na quarta, matérias agrícolas; a quinta seria toda dedicada à cidade vizinha, Murutinga do Sul; a sexta com cultura e educação; a sétima com medicina e classificados e a oitava inteira com esportes. O jornal seria semanal e do tamanho tablóide.

A segunda parte do projeto descrevia a organização jornalística do periódico com ricos detalhes de toda a diretoria, redação, arquivo e biblioteca, departamento de contabilidade (publicidade, assinaturas e classificados), editor-chefe, editorialista, editoriais locais, repórteres e equipes, departamento de imagem (desenho e fotografia), expediente, relações públicas e comunicações, departamento de edição (*copy-desk* e revisão), secretário de

redação, departamento de arte final (diagramação e paginação), departamento gráfico (composição e impressão) e departamento de circulação (correio, entregadores e bancas de jornais).

Uma terceira parte do projeto falava de três pontos considerados fundamentais: a parte financeira, as promoções que o jornal iria empreender e a parte de impressão que seria enviada para uma gráfica de terceiro. A esse respeito cheguei a enviar uma correspondência detalhada do projeto ao senhor Isael Soares Fernandes, fundador-proprietário do “Jornal da Região” de Andradina, perguntando-lhe sobre a possibilidade de ele imprimir o meu jornal em sua oficina. Dias depois ele me responderia cumprimentando pela iniciativa, mas dizendo que sua rotativa era muito grande para um projeto pequeno como o meu e me aconselhou a procurar uma tipografia.

Enquanto isso, Rogério, Helton, sob minhas explicações, desenharam o esboço da diagramação do jornal. Também começamos a montar um “boneco” datilografando textos em tiras (colunas), recortando figuras, anúncios e outras artes e colando tudo em cartolina no tamanho tablóide. Redigimos a minuta do registro civil que inicialmente se chamaria “Jornal Jovem”, até que decidimos por “Correio Guaraçaiense”.

Na época alguns amigos meus fundaram um conjunto musical chamado Guarasom. Propus a eles a realização de um baile e a divisão em partes iguais dos lucros. A minha seria usada na criação do jornal. Fizemos um contrato. Conseguimos o Centro Comunitário da Vila Operária. A Prefeitura e o escritório de contabilidade me concederam o alvará para o baile sem cobrança de taxa. Meus amigos ajudaram na organização e andamento. Mas na noite do baile, o diretor do CESE que fazia fundos com o Centro Comunitário se recusou a me ajudar e promoveu uma brincadeira dançante ao mesmo tempo com ingressos pela metade do preço. Infelizmente, não tivemos movimento.

Fato é que o “Correio Guaraçaiense” nunca saiu do papel.

Assim como inúmeras ideias e projetos que eu traçava durante a minha adolescência que se contar dariam um livro. Mas por meio deles sempre fui uma pessoa criativa e que queria ver as coisas acontecer.

Hoje a documentação do “Fim de Semana Cultural”, do jornal “Correio Guaraçaíense” e do Seu Lázaro, além de gravações em fitas cassetes, estão todas organizadas em pastas no meu arquivo pessoal. Embora ache que elas pertençam à cidade, dói-me pensar que Guaraçaí não tem um museu ou Casa de Cultura para que eu possa deixar esse material em um local adequado para ser conservado. No ano de 1994, cheguei a ter contato com o Jair Cestari que morava em Cáceres, no Mato Grosso do Sul. Juntos iríamos escrever um livro sobre a história de Guaraçaí. Mas a nossa grande distância impediu a união de nossas forças. Na ocasião enviei a ele o material que eu tinha e sei que o Jair escreveu um original de um futuro livro. Lutar pela cultura e memória guaraçaíense foi uma bandeira que carreguei por muitos anos. Mas até hoje não vi esse sonho ser realizado!

## *Quando o trem apitou*

O ano de 1989 começou com muitos planos e atividades. O candidato do meu partido, Habib Asseis, foi eleito, tomou posse no dia primeiro de janeiro e eu estava lá cobrindo. No dia 04, fui ao seu gabinete na Prefeitura e lhe entreguei o seguinte ofício:

(...)

CONSIDERANDO termos lutado lado a lado nas últimas eleições, a qual não fui bem sucedido, mas é grande a minha vontade de fazer parte e estar ao seu lado neste trabalho;

USO DOS bons ofícios para pedir-lhe uma oportunidade de emprego. Meu maior sonho era trabalhar em uma empresa jornalística, mas a gráfica CEPBEM, editora da Folha de Guaraçai, único do município, não encontra-se em condições de sustentar mais um funcionário. Então gostaria, se possível, que Vossa Excelência confiasse-me o cargo de Assessor de Imprensa da Prefeitura e da Câmara Municipal de Guaraçai, para que eu faça a parte de divulgação e preserve a vossa imagem perante os órgãos de comunicações!

(...)



Habib prometeu estudar o caso com cuidado, mas isso nunca chegou a ser efetivado. Coube a mim indicar o repórter esportivo da “Folha de Guaraçaí” Ebis Camilo como o novo Presidente da Comissão Municipal de Esportes. Com isso passei a também ser o cronista esportivo de jornal cobrindo muitos eventos. Ebis me nomeou Relações Públicas da Comissão e juntos começamos um trabalho sério, como por exemplo, enviar correspondências aos políticos e Secretarias de Esportes pedindo doações de materiais e verbas. Foi nessa época em que, com a ajuda do José Hamilton e da CEPBEM, consegui o meu Registro Provisionado de Jornalista no Ministério do Trabalho. O Eloi Mendonça foi me procurar em Guaraçaí. Agora ele era correspondente e representante do da “Folha da Região” de Araçatuba e me convidou para também escrever para eles.

No mês de março minha bisavó Geralda adoeceu fortemente. Todos os parentes começaram a vir para Guaraçaí. Por vários dias ela agonizou no hospital e todos nós naquela expectativa por algo triste que se anunciava. Em um momento de lucidez estávamos todos no seu quarto do hospital. Ela perguntou por mim e o avô João respondeu que eu estava aos pés da cama. Então ela recomendou: “Cuidem muito bem desse menino, ele é muito especial!” E essa recomendação meu avô continuou lembrando pelos próximos anos.

Aquela mesma noite estava muito quente, eu não conseguia dormir. De madrugada, bateram à porta do casarão. Como eu estava no quarto da frente, fui abrir. Eram os meus tios Dólrrio e Edson, que apenas em um olhar me comunicou que ela havia falecido. Naquele momento fomos para o hospital tomar as providências e alguma coisa já me dizia que o dia seria longo. O seu velório foi na sala do casarão. Quase toda a cidade passou por lá. Durante todo o dia esperamos minha mãe e minha tia Nenê chagarem de São Paulo, mas a distância era enorme e os meios de transportes quase nenhum; foi uma verdadeira maratona e elas só

conseguiram chegar ao final da tarde, cinco minutos antes de sair o corpo. Eu fui junto no carro da funerária. Sepultamos no cemitério de Guaraçai a minha bisavó Geralda, muito minha amiga e parceira de conversas. Era a primeira vez que uma pessoa tão próxima a mim partia. Finalmente entendi aquela imagem de caixão que eu via no vidro da porta quando chegava de madrugada.

Após essa morte, meus avós perceberam o quanto morávamos longe de São Paulo. Considerando também que meus tios Tadeu e Edson não tinham mais oportunidades de trabalho ali, tomaram uma decisão: mudarmos todos para uma cidade maior: Bauru, no centro do Estado e bem no meio do caminho entre São Paulo e Guaraçai.

Certa tarde o Seu José Hamilton me chamou na farmácia. Ele havia recebido uma documentação de um partido político que desejava ter uma representação na cidade. A carta do presidente lhe pedia para escolher uma pessoa responsável e idônea para assumir o projeto. Segundo ele, fui o primeiro nome que ele pensou e gostaria de me entregar aquela pasta de documento e a responsabilidade de fundar um novo partido no município. Foi quando lhe disse que não poderia assumir aquela missão, pois iria mudar da cidade. Naquele momento vi nos olhos daquele homem que fora tão importante na minha vida uma profunda tristeza. Eu partiria sim, mas sempre o carreguei no meu coração como um dos maiores exemplos de ser humano!

A tristeza da minha partida afetou a todos os meus amigos. Rogério, Helton, Ferrugem, Chepa, Odair, Alan e Dito fizeram uma pequena despedida para mim na chácara. Naquela noite eles leram um texto que parecia preanunciar o meu futuro, sendo publicado posteriormente na “Folha de Guaraçai”, edição de 06 de maio:

Nosso amigo Emílio:

Hoje você se prepara para enfrentar um novo mundo que te espera lá fora, um mundo desconhecido no qual você terá

muitas desilusões, surpresas e até mesmo medo; mas será através dele que você aprenderá realmente a viver, que você compreenderá o verdadeiro sentido das coisas e das pessoas. E olha, lembre-se sempre disso: para sermos felizes é preciso que antes passemos por certas experiências, difíceis muitas vezes, mas que são verdadeiras lições de vida. Experiências estas que testam a nossa fé no Pai e a nossa grande força interior.

Você, nós sabemos, já passou por muitas delas, mas agora, mais do que nunca, você terá que provar sua personalidade, mostrar que com tudo isso que você adquiriu de bom aqui, não será difícil transpor todas essas barreiras.

Nós, como seus amigos, queremos que você seja feliz, por isso te escrevemos tudo isto. Você vai à busca de um ideal e esperamos que encontre.

Lá, temos certeza, você encontrará pessoas que te darão apoio, mas conte também com os amigos que deixou aqui. Queremos tudo de bom para você e agradecemos por ter se lembrado da gente.

Um abraço de seus amigos.

Nessa mesma edição, o professor José Hamilton escreveu:

Depois de residir por alguns anos em Guaraçai, mudou-se para a cidade de Bauru o nosso amigo e colaborador Emílio Figueira. Embora portador de grave defeito físico em suas atividades motoras, Emílio jamais se deixou vencer por este problema, antes pelo contrário, sempre lutou com idealismo, garra e grande força de vontade. Escreveu muitas crônicas para a Folha de Guaraçai, sempre gratuitamente. Hoje Emílio já não mora mais em nossa cidade, está em Bauru, mas deixou para todos nós uma grande lição de como se vencer as dificuldades da vida.

Emílio, nós todos aqui da Folha de Guaraçaí vamos sentir muito a sua ausência, mas como é para o seu bem, nós ficamos também felizes. Sabemos que você jamais irá esquecer a terra que o acolheu com muito carinho e que agora se despede de você. Felicidades, Emílio, seja muito feliz, mas não se esqueça nunca de nós, que gostamos muito de você.

Um abraço, seus amigos da Folha de Guaraçaí.

Ainda na mesma edição, um de meus grandes amigos da gráfica, César Augusto Vieira estreou uma coluna chamada “A Semana”, também se despedindo de mim. A intenção dele era me substituir no jornalismo, mas não foi capaz de levar o projeto adiante. César passou no concurso da polícia e deixou a gráfica. Anos mais tarde recebi notícias de seu suicídio.

Por uma decisão da família, avô João e eu iríamos antes para Bauru. Escrevi um artigo de primeira página para “Folha de Guaraçaí”, intitulado: “Noites Guaraçaienses pela última vez!”. Nele, fiz todo um resumo da vida que tive na cidade e de minhas realizações. Agradei. Na manhãzinha de sol do dia 29 de abril, quando o jornal iria circular com esse meu artigo, chegando à plataforma da estação do trem com meu avô, o Chico Marreta, um daqueles personagens de rua de todas as cidades, veio ao meu encontro, dizendo num sorriso: “Eu sei para onde você vai, para Bauru. Está escrito no seu peito!”. Não sei como ele ficou sabendo, pois eu não divulguei para ninguém a data de minha partida. E na verdade nunca saberei, pois Chico Marreta já é morto.

O trem apitou anunciando a sua chegada. Embarcamos. Outro apito anunciou a nossa partida. Chico ficou na plataforma me dando tchau e sorrindo. A certa altura, tirei da minha bolsa um exemplar da “Folha de Guaraçaí” e comecei a ler o meu último artigo. O cobrador do trem passando, parou, observou e comentou: “Eu não sabia que Guaraçaí tinha um jornal”. Com



→ O CASO DO TIPÓGRAFO ←

certeza, ele nem imaginava que estava diante daquele rapaz que nos últimos anos fora o principal redator do jornal. E que naquele momento, junto com o apito do trem, estava deixando para trás os mais belos e puros anos de sua vida!!!





# **TERCEIRA PARTE**

**Bauru: dezesseis anos de solidão  
e profissionalização**





## *Rua primeiro de agosto*

**R**aramente eu havia viajado de trem. Aquele dia foi cansativo e no final da tarde chegamos em Bauru. Nunca tinha estado nessa cidade. Como muitos, desembarquei na plataforma da estação ferroviária em uma terra totalmente desconhecida. Era sábado e o comércio já estava fechado. Saímos da estação e caminhamos pela histórica Rua Primeiro de Agosto até chegar a um ponto de ônibus e tomar o coletivo rumo ao Parque União. Lá morava a irmã do meu avô, a tia Maria e o seu marido tio Murilo – uma figura bem interessante – e alguns de seus filhos e uma neta.

Na rua de cima morava o seu filho Romualdo, que era segurança da estação e aos domingos à noite ele fazia bico na Domingueira do Bauru Atlético Clube. Ele passou a me levar com ele, apresentou-me ao presidente do BAC, o qual ficou meu amigo. Durante a semana eu caminhava ali pelas ruas vazias com o meu avô e o tio Murilo ou ficava sentado na pracinha. Tudo muito monótono. No sábado de manhã vô João me levou para conhecer o centro da cidade. Fomos à principal rua comercial, a Batista de Carvalho, com uma multidão de gente. Confesso que aquela imagem me causou pavor. Senti naquele momento que nunca seria livre naquela cidade. Mesmo sem comentar com

ninguém, estava sofrendo demais com um enorme vazio que tomara conta das minhas esperanças, projetos e sonhos de vida! Era exatamente o que Caetano dizia nestes versos: “É que Narciso acha feio o que não é espelho / E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho!”.

Quinze dias depois chegou o caminhão da mudança. Meus avós alugaram uma casa da Cohab em um outro bairro com três quartos, um para eles, um para os meus tios Tadeu e Ana, outro para mim, e o meu tio Edson dormia na sala. Tudo muito apertado, mas com o fato de eu estar de novo com minha estante de livros e pastas, a escrivaninha e a máquina de escrever me sentia aliviado. Minha vida se resumiu em ficar no meu quarto escrevendo. Primeiro eu tabulei e redigi uma pesquisa realizada meses atrás em Guaraçai por meio de questionários intitulada “O que as pessoas pensam e como agem diante de um deficiente físico”, entrevistas com 138 estudantes de 1o. e 2o. graus das mais variadas idades, publicada dois anos depois. E, a partir dessa pesquisa e do material que ajuntei do Zé Baixinho, redigi o primeiro esboço do documentário “O mundo deficiente - A face oculta de uma realidade”. Essa monografia de iniciação à área, abordando o tema de modo geral foi o marco do meu ingresso na luta nacional em prol dos direitos e integração social das pessoas com deficiências, participando de palestras, debates, escrevendo artigos de opinião para vários jornais e redigindo livros sobre o assunto e no campo da pesquisa científica, conforme irei relatar nas próximas crônicas!

Em uma manhã fui andar no centro com o meu avô. Naquela época Bauru ainda não tinha calçadão, mas a Rua Batista de Carvalho era fechada para o trânsito de carros aos sábados. Foi nessa caminhada que reencontrei o Luiz Vitor Martinello e ele se lembrou de mim quando estive em Guaraçai. Contei-lhe que havia acabado de ser aceito como sócio de União Brasileira de Escritores – UBE. Ele me passou o seu telefone e combinamos de nos encontrar durante a semana.

Depois, fui com o meu avô à Jalovi, maior livraria de Bauru com intenção de comprar uma Constituição Federal Brasileira para usar alguns artigos no meu documentário. Ocasão que conheci a vendedora Inará que por uns bons anos foi uma grande amiga. Por 16 anos frequentei a Jalovi praticamente todos os dias. Semana que não aparecia na livraria, eles ligavam em casa perguntando por mim. Ali tive grandes amigos e comprei centenas de livros, além de outros materiais.

Durante a semana me encontrei em frente à Câmara Municipal com o Luiz Vitor e meu avô lhe recomendou depois me colocar no ônibus coletivo e nos deixou. Foi uma tarde agradável, ele me levou para conhecer vários lugares e pessoas das áreas literárias e culturais. Depois de um tempo fomos para um bar e ele pediu uma cerveja e dois copos. Disse-lhe: “Vitor, eu não bebo!” E ele me indagou: “Como não, no seu livro você diz que quando vê sua amada com outro vai para o bar e enche a cara de cerveja?” Respondi-lhe: “Eu só bebo na poesia!!!” Ele achou aquilo tão incrível que conta essa história até hoje.

No fim da tarde, passamos pela Jalovi e ele me presenteou com um exemplar do seu livro infantojuvenil “O Penunginha”. Depois me colocou no ônibus. Já havia escurecido. Foi a primeira vez que andei de coletivo sozinho. Aquela experiência me ajudou a pegar autoconfiança.

Em casa chegavam todos os dias exemplares do “Jornal da Cidade”, talvez o antigo morador não havia mudado o endereço de sua assinatura. Por conta disso, passei a escrever inúmeros pequenos textos para o espaço destinado ao leitor. Ao saber que o BAC planejava acabar com a Domingueira que eu ia com o meu primo Romualdo, escrevi um texto contra esse fim. Com essa e outras manifestações, a presidência resolveu acatar o nosso pedido e fez uma grande festa com o conjunto Rádio Táxi e cada um de nós foi homenageado com a réplica da primeira camisa 10 usada pelo Rei Pelé, no Bauru Atlético Clube - BAC.

Nesse meio tempo fui acompanhado pelo meu tio Edson à SORRI-Bauru, uma instituição que visa profissionalizar pessoas com deficiência e encaminhá-las ao mercado de trabalho. Passei por algumas entrevistas até chegar à psicóloga. Ela começou me criticando duramente por não andar sozinho pela cidade, mas eu tinha acabado de sair de uma cidade com seis mil para viver em outra com trezentos e vinte mil habitantes. Tudo ainda era muito novo para mim. A certa altura ela me perguntou o que eu gostaria de fazer; expliquei-lhe que era um jornalista e desejava dar continuidade a isso. Ela me disse secamente: “Você precisa tomar consciência que é um deficiente e por isto não pode ser um jornalista!” Eu simplesmente desejei-lhe um bom dia, levantei-me e nunca mais voltei lá. Se tem alguma coisa que nunca tolerei, é que tentem roubar meus sonhos e objetivos de vida!!!

Durante o horário de almoço, eu ficava sentado na calçada. Um belo dia conheci uma linda moça que por ali passava todos os dias. Começamos a conversar e ficamos amigos. Ela era linda e meiga. E em homenagem a ela, escrevi o texto “Do chocolate ao primeiro beijo!”, o qual venho reescrevendo ao longo desses anos para ser um livro infantojuvenil.

Minha avó Lourdes teve que ir a São Paulo. Sob influência do tio Murilo, vô João comprou uma casa bem na periferia de Bauru. Uma construção malfeita, sem forro, só com contrapiso. Era a Vila Garcia, ruas sem asfalto, para tomarmos ônibus coletivo precisávamos subir três quarteirões de ladeira e terra até o ponto final. Em frente da casa havia um enorme terreno baldio e depois uma extensa favela que era de costume ouvir tiroteios durante a noite. Quem vinha para a Vila, só tinha aquela ladeira como acesso e precisava necessariamente passar pela favela. Conheci alguns rapazes dali que iam aos sábados à noite para a cidade se divertir e depois voltavam a pé, convidam-me, mas eu nunca tive coragem.

Durante a semana eu ficava em casa ou caminhava pela

vila com meu avô. Em um quarto ficavam meus avós, no outro meus tios e sobrinhas Luciana e Mônica e eu e o tio Edson na sala, sendo nossas camas escondidas por uma cortina. Com o tempo, meus tios alugaram uma casinha que tinha passando um terreno ao lado. E nesse terreno o tio Murilo e o vô fizeram uma grande horta.

Tio Tadeu e a Ana haviam montado um salão de cabeleireiro no bairro vizinho. Todos os finais de tarde, eu ia a pé buscar minha prima Luciana na escola lá no salão.

No final de 1989 - quando tinha escrito a primeira monografia, “*O Mundo Deficiente*” desejando publicá-la em forma de livro -, fui procurar o Dr. Ivan Ferraretto, diretor-clínico da Associação de Assistência à Criança Defeituosa - AACD, para uma orientação. Dr. Ivan, que foi o meu médico na infância, indicou-me para duas pessoas já ligadas ao mundo editorial, uma vez que eram editores da “Revista Integração”. Mas como era final de ano, esse contato ficou para janeiro.

Nesse meio tempo, reencontrei o Sérgio Boca em São Paulo e combinamos em sair no domingo. Contei-lhe da Andréia e da vontade de revê-la novamente. Iríamos fazer uma surpresa a ela no domingo. Fomos de ônibus e metrô até o seu bairro. Caminhamos até chegar ao prédio de seu endereço. Ao perguntar por ela para o porteiro, fomos informados de que ela havia falecido já há alguns meses. Descobri porque ela nunca mais havia me escrito. Não tive coragem de subir para ver seus pais. Em sua homenagem escrevi um outro romance juvenil “Segredos do Bug Amarelo” que pretendo trabalhar novamente nele e publicar um dia!



## *Anos literários e de militância*

**E**m janeiro de 1990, fui com o meu pai e a Ana Paula conhecer a redação e a equipe da Revista Integração, o Luiz Otávio e o Mário Vianna. Conversamos sobre a possibilidade de se conseguir um patrocinador para publicar o meu documentário que ficou com eles para avaliação e correções. Esse projeto não chegou a de concretizar, mas nasceu ali uma amizade entre nós e muitas das minhas colaborações para a revista. Participei da “I Mostra de Artes da Pessoa Deficiente”, organizada pela Revista Integração e realizada no Centro Cultural São Paulo, de 23 a 30 de setembro e no ano seguinte fui escolhido para integrar a Revista, passando a representá-la na região de Bauru, permanecendo na mesma por quatro anos, tendo inúmeros artigos e matérias exclusivas publicadas.

De volta a Bauru, passei a ter uma vida literária intensa. Praticamente uma vez por mês, encontrava-me com o Luiz Vitor e passávamos à tarde em uma mesa de bar. Eu levava meus textos e poesias, ele corrigia, comentava, sugeria, dava-me explicações teóricas. Algumas alterações eu concordava, outras não e ele elogiava a minha personalidade. Foi em um desses encontros que ele fez um comentário que até hoje quando me lembro, dou risada: “Às vezes suas poesias são uma droga, mas seus títulos são mui-

to bons!” Luiz Vitor era formado em Filosofia e Letras, sempre amou demais a poesia. Sabe muito e foi a minha grande escola literária. Saímos muitas vezes juntos e sempre me apresentava aos outros como “um grande poeta”. Eu morria de vergonha, pois grande era ele. Como professor de cursinhos universitários, levou-me inúmeras vezes para palestrar aos seus alunos.

Meu pai patrocinou a publicação de mais uma obra poética minha, “A Face Oculta”. Há nela várias poesias sobre o amor que um dia almejei repartir com a Andréia. A obra foi dedicada à sua memória por meio de um poema que escrevi no dia em que fiquei sabendo de seu falecimento. No lançamento em São Paulo, seus pais estiveram presentes, foram momentos bem emocionantes, mas depois nunca mais tive contado com a sua família.

De volta a Bauru, fui entrevistado por ocasião do lançamento do livro “A Face Oculta”, para uma página inteira do suplemento literário “Apenas” do Diário de Bauru, que era editado pelo Luiz Vitor. O livro foi lançado na Livraria Jalovi e na Domingueira do BAC, mas por ser pouco conhecido não teve repercussão. Em seguida participei do I Fest Shopping Litero-Cultural, exposição de livros onde recebi e distribuí vários autógrafos para classes de estudantes. Fui classificado no Concurso “O Amor na Literatura”, da Litteris Editora Ltda, no Rio de Janeiro.

Fui fazer o curso “A criação literária” na Oficina Regional Cultural “Glauco Pinto de Moraes”, de Bauru, com o Prof. Roberto Gonçalves Julliano. Considero esse curso um divisor de águas na minha produção literária, principalmente a poética. Na ocasião li “Mãos nos bolsos” que foi o primeiro livro de poesias do Luiz Vitor. A partir dele, rompi com o romantismo e comeci a escrever poesias no estilo modernista. Nascia o livro “Curta Filosofia” que ao longo de bons anos foi corrigido e discutido por mim e pelo Luiz Vitor em mesas de bar. Até hoje ele me cobra a publicação desse livro. Mas de volta ao curso, aprendi muito com o Roberto. No último dia do curso, um final de tarde de do-



mingo, ele nos levou para o palco do auditório. Lá uma senhora de óculos e um pouco debilitada estava sentada em uma cadeira ao centro. Durante um bom tempo ela leu ou declamou nossos textos e poesias produzidas durante o curso. Eu não sabia quem era ela, mas no futuro teríamos um belo encontro com muita admiração mútua.

Fechando minha participação literária daquele ano "Antologia Poética de Pinheiros" - Volume IX, com dois poemas, organizada pela João Scortecci Editora.

Por outro lado, passei a frequentar um bar que havia perto dos correios no centro de Bauru. Conversando com o proprietário, Adonias, falei-me do projeto de um dia fundar um jornal. Começamos a pensar nisso juntos. Por seu intermédio, conheci o Dr. Lot de Godoy, que tinha um escritório de esquina no segundo andar de um sobrado na avenida principal. Dr. Lot era um homem muito alto e muito culto. Por convite dele, eu ia ao seu escritório conversar. Ele era auxiliado pelo Sérgio, um senhor sem audição, secretário do escritório. Na sala ao lado, trabalhava o filho do Sérgio, também advogado e com o mesmo nome do pai.

Eu já pegava ônibus e andava sozinho pela cidade. Certa vez, Dr. Lot me pediu para representá-lo em uma reunião "Associação de Pais para Integração Escolar da Criança Especial" – APIECE, em uma rua ali perto do centro. Foi naquela ocasião que conheci a Vânia, psicóloga da entidade. Marcamos um dia da semana para eu conhecer a presidente Maria Neuza. Na APIECE eram quase todos voluntários. E comigo não foi diferente, acabei assumindo o cargo de assessor de imprensa. Minha rotina passou a ser levantar todas as manhãs, trocar de roupa ouvindo MPB no rádio, tomar café, pegar o ônibus na vila, descer no centro e caminhar alguns quarteirões até a APIECE. Ali além dos serviços burocráticos, a Vânia e eu corríamos muito atrás de recursos.

Já há um ano, eu tinha a intenção de criar um jornal falando sobre as pessoas com deficiência. Tinha o projeto todo dia-

gramado e as matérias todas redigidas para um primeiro número. No final de uma tarde, Maria Neuza me levou para conhecer o Doutor Gastão, superintendente do “Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais-HPRLLP” (seu nome na época) da USP/Bauru, conhecido carinhosamente como Centrinho. Sediado em Bauru e considerado como “Centro de Referência” pela Organização das Nações Unidas (ONU), é um dos melhores hospitais do mundo no tratamento de lesões crânio-faciais e lábio-palatais. Tio Gastão, como passei a chamá-lo, gostou de mim e mandou fazer o primeiro número do meu jornal, o tablóide “D/Eficiente”. Em agosto de 1991, no “II Encontro O Deficiente, a Família e a Sociedade”, no Centro de Reabilitação do INSS-Bauru, com apoio da Secretaria de Projetos Comunitários, saiu um segundo número, mas o projeto parou por ali, talvez, por certa imaturidade profissional de minha parte. Minha meta era que ele se tornasse um órgão de comunicação oficial de todas as entidades bauruenses que atuavam com essa questão, mas não foi possível devido a certos ciúmes imaturos que existiam entre eles.

O Centrinho também me presenteou com uma linda festa de lançamento do meu livro “A Face Oculta”. O Luiz Vitor foi convidado para fazer um discurso sobre mim para os pacientes, meus convidados, funcionários e dirigentes ali presentes. E recebi por escrito a seguinte mensagem:

### **Querido Emílio:**

Vencer limites, transpor barreiras para defender a vida e ideais que nela imperam são requisitos fundamentais a um ser sensível e especial como você.

Compor o pensamento, ações futuras que falem de igualdade e sonhos e poesia intrínseca à alma de toda pessoa, são características suas, poeta de nossas aspirações, cujo dom é o de harmonizar palavras, sonorizar sílabas, aperfeiçoar notas.

O poema e a magia de persistir e ver o belo e sentir o belo e viver o belo são a essência de sua vida – espelho de nossas existências, espelho de nossas ações...

Parabéns, filho, pela “A Face Oculta” e tantos outros,  
Parabéns, filho, pela capacidade de lutar e amar e construir um universo e a felicidade,  
Parabéns, filho, por tudo que você é!

*Um grande abraço com imensa ternura e admiração,  
Tio Gastão e Família*

E em outubro, no setor de recreação, fui homenageado pelo Dia do Poeta. Tio Gastão passou a ser um colaborador da APIECE, possibilitando-me ter uma remuneração pelo meu trabalho, embora em poucos meses o meu pagamento fora desviado por pessoas com más intenções.

Ainda em 1990, voltei a escrever ao programa do Goulart de Andrade pedindo uma cópia daquela reportagem em que vi a Andréia, mas nunca obtive resposta. Ainda visando conseguir publicar meu documentário, após muitas correspondências e contatos com editoras, consegui ser recebido na sede das Edições Paulinas aqui em São Paulo. Entreguei uma cópia dos meus originais, mas o mesmo não foi editado. Só que dessa visita, os editores da revista “Família Cristã” decidiram fazer uma matéria de capa sobre as pessoas com deficiência e fui um dos entrevistados.

Com a ajuda do Dr. Lot e outros empresários, construímos a sede própria da APIECE e fizemos o primeiro número de uma Revista com o mesmo nome. Com o tempo, nós fundadores fomos nos afastando e uma oportunista assumiu a autoria de fundadora da mesma e chegou até se promover como vereadora em cima desse fato! Vale destacar que foi na APIECE que, em 1990, com a minha convivência com a Vânia, comecei a ter o desejo de algum dia cursar Psicologia!

Naquela época eu comprava muitos livros na Jalovi. Principalmente da coleção “Primeiros Passos” da editora Brasiliense. Foi quando tive a ideia de escrever um com o título “O que são crianças especiais”. Fiz uma boa pesquisa e troquei algumas correspondências com outros especialistas. Escrevi um primeiro original e mandei à editora. Um mês depois o editor Caio Graco Prado me respondeu dizendo que meu texto era muito bom, mas muito técnico. Ele tinha o interesse pela minha ideia e me deu várias instruções para reformulá-lo. Depois de algumas tentativas, infelizmente, não atingi as expectativas dele e o projeto não vingou.

Em 1991, minha amiga Inará deixou a livraria e abriu uma escola de línguas, a Verboom Escola de Idiomas. Lá realizei em setembro uma exposição de minhas poesias (pela primeira vez moderna), juntamente com o Luiz Vitor, intercalando nossas produções. No mês seguinte, frequentei o curso “Fiando e desfiando a poesia”, ministrado por ele na Oficina Regional Cultural “Glauco Pinto de Moraes”. Em seguida, escrevi os ensaios “Modernismo: linguagem da libertação”, publicada no Suplemento “Apenas” do Diário de Bauru (adotado pelo Luiz Vitor em suas aulas do cursinho) e “Critérios para elaboração de textos e poesias infanto-juvenis”. Foi nesse ano também que redigi a primeira versão do livro infantojuvenil “Lembranças de um ano letivo” (cuja história contarei em outra crônica) e participei do “III Concurso Nacional de Contos e Poesias para Autores Deficientes Físicos” (DEFI).

## *Editor-chefe da folha da cidade*

Caminhando pelo centro, encontrei um velho amigo dos movimentos poéticos e recém-formado em jornalismo Jony Rosa. Ele me contou que junto com o radialista Tio Pedroso, haviam fundados três jornais semanários “Folha da Cidade de Bauru/Agudos/Piratininga”. Convidou-me a conhecer a redação em uma rua ali perto e dar uma entrevista como poeta. E daquela visita passei a escrever uma coluna especial no jornal entre 92/93, produzindo várias matérias sobre pessoas com deficiência. Naquela época eu andava muito a pé pela cidade. Devagar fui desenvolvendo minhas próprias técnicas em conhecer cada rua, avenida ou cruzamento, os pontos e momentos certos para atravessar. Quando chegava a uma esquina e o semáforo estava fechado, esperava ele abrir e fechar de novo. Fazia longas caminhadas, ia direto à redação do “Jornal da Cidade”, onde eu era amigo do editor-chefe, o Pedro Belo. Levava-lhe material, ele me emprestava fotos para a “Folha da Cidade”. Meu sonho era um dia escrever para o JC. E confesso que por várias vezes tentei uma oportunidade lá.

Sempre fui muito relaxado para me vestir. Sinceramente nunca liguei para isso, não sei combinar roupa, nunca liguei para usar marcas, etc. e tal. Nessa época eu usava uma barba muito

cheia e cumprida. Em minhas caminhadas pelas ruas do centro por duas vezes pessoas me ofereceram esmolos. Foi algo bem constrangedor! Aliás, eu nunca fui de seguir a moda; a moda é feita por homem e segui-la, é se tornar escravo de outro homem!!!

Nesse meio tempo, a Vânia foi trabalhar em outra escola de ensino especial, a Equilíbrio. Passei a fazer fisioterapia e fonoaudiologia lá e devagar, fui me integrando ao grupo e passei a ser um tipo de assessor de imprensa colaborador, e comecei a participar de todas as atividades. Em outubro a Equilíbrio promoveu o “I Congresso das instituições de deficiência mental e psicose infantil e o III Simpósio de educação especial” nas dependências da Universidade do Sagrado Coração - USC, ocasião em que conheci a Silvana Santos, editora e proprietária da Memnon Edições Científicas Ltda. Contei-lhe dos originais que eu havia escrito sobre deficiência na infância e ela me pediu para que enviasse para uma avaliação.

Havia em Bauru uma senhora muito respeitada por ser pioneira em vários segmentos e artes, principalmente no teatro amador. Dona Celina Lourdes Alves Neves era cronista há mais de quarenta anos das rádios e jornais bauruenses. O Jony conseguiu ser recebido por ela para uma entrevista e lhe pediu para escrever uma crônica para a Folha. Ela escreveu saudando e comentando todo o conteúdo do jornal. E a certa altura, para minha surpresa, ela disse: *“Há também um artigo do Sr. Emílio Figueira, que não conheço, mas tem sido muito comentada a sua trajetória poética em nossas reuniões para a formação da Academia Bauruense de Letras, onde fazemos pesquisas de todos os que contribuem para enriquecer as letras de Bauru e Região e que esperamos esteja junto aos futuros acadêmicos. Quem admira muito o Sr. Figueira é o prof. Joaquim Simões, nosso companheiro da futura Academia e posto dos bons também”*.

Essas palavras já me deixaram emocionado. No domingo à noite, o Tio Pedroso deu uma entrevista a um canal de televisão

local falando dos jornais. Perto da meia noite, o telefone de casa tocou, minha avó atendeu e me disse: “Emílio, é pra você, Dona Celina Neves.” Mal pude acreditar que aquela senhora estava me telefonando pessoalmente. Conversamos por alguns instantes e ela me pediu para ir na terça-feira à noite em sua casa para uma reunião da futura Academia. Fui o primeiro a chegar e lhe disse: “Eu sou o Emílio.” Ela me respondeu: “Eu sei exatamente quem você é, jovem e talentoso poeta!”. Estava de frente com aquela senhora tão debilitada pelo tempo sentada em sua poltrona, mas dona de tantas histórias e ousadas. Era justamente aquela senhora que no ano anterior recitou as minhas poesias no palco da Oficina Cultural. Por algumas vezes voltei à sua residência para conversar e passei a lhe chamar de “Musa das minhas manhãs de domingo!”, fazendo uma alusão às suas crônicas dominicais no JC. Certa vez, levei a ela os originais de uma peça de teatro social “O Grito de Alerta!”, que havia acabado de escrever. Ela não me devolveu e fiquei sem cópia. O projeto da Academia Bauruense de Letra vingou, mas na época uma pessoa que não é nem digna de se citar o nome, não permitiu que eu tomasse posse no dia da inauguração chegando a dizer que “não ficaria bem para a ABL ter um deficiente em uma cerimônia tão solene!”. Anos mais tarde, pelo respeito e carinho que tenho pelo professor Joaquim Simões, aceitei o seu convite para participar de uma das reuniões, mas hoje agradeço a Deus por não ter sido empossado como membro daquele ambiente de fogueira de vaidades. De certo, o professor e a Dona Celina nunca ficaram sabendo desse fato. Hoje ela já é falecida e Bauru lhe prestou uma digna homenagem dando o seu nome ao Teatro Municipal.

Por motivos pessoais, o Jony deixou de ser o jornalista-responsável dos jornais “Folha da Cidade”. Como eu tinha o registro provisionado, o tio Pedroso me convidou para ocupar o lugar dele e me ofereceu um salário. Passei a escrever a edição de Bauru e alguns de meus textos eram reproduzidos nos outros

dois. Eu percorria várias assessorias de imprensa e conseguia conteúdo para o jornal, além de realizar matérias exclusivas. Também passei a receber para assinar o jornal Centro da Indústria na Construção do Oeste Paulista - Bauru – SP. O jornal crescia cada vez mais. A Câmara Municipal de Bauru, em sua sessão de 16 de novembro de 1992, outorgou uma Menção de Aplausos a nós. No final do ano, a USP de Bauru também nos homenageou com o “Diploma Destaque Press”, no qual estive presente e o recebi das mãos do Dr. Gastão.

Porém, no dia 19 de março de 1993, fomos surpreendidos com um ofício do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, dizendo que eu teria que deixar o cargo, pois, segundo eles, em cidades que havia faculdades de jornalismo, os provisionados tinham que dar lugar aos formados. Iniciou-se um grande movimento a meu favor. Nessa época, eu já não poderia contar com a defesa do Dr. Lot, já falecido conforme contarei mais adiante; mas o Dr. Sérgio, filho de Sérgio secretário, ficou sabendo e quis me defender, só que infelizmente, dias depois ele morreu em um acidente de carro. Peguei uma advogada muito mal por sinal, que fez tudo errado e perdi a causa. Tive que deixar o jornal que também começou a ter dificuldades e acabou. Na época eu ia começar a trabalhar em outra empresa jornalística e não pude. Perdi o direito de exercer a única profissão que era capaz e com a qual eu ganhava o meu dinheiro. Interessante que o próprio presidente e o vice do Sindicato eram jornalistas provisionados e me cassaram com essa desculpa. Tentei conversar com eles, mas não houve acordo. Anos mais tarde fiquei sabendo da verdade. A “Folha da Cidade” já era o segundo jornal mais vendido na cidade e estava prejudicando os interesses de outras empresas do ramo. Eu fui o bode-expiatório para derrubá-la. Soube até que foi uma traição de alguns colegas que pela frente me davam tapas nas costas. Tempos depois, contando esse fato a um professor do curso de jornalismo da UNESP, ele me disse uma



frase que resumia tudo: “O Sindicato dos Jornalistas de Bauru é o único no mundo que luta contra a própria categoria!” Anos depois tentei rever meu registro, mas não foi possível.

Nesse meio tempo, a Memnon aprovou a publicação do meu livro “*Vamos conversar sobre crianças deficientes*”. Fui para São Paulo cuidar do contrato e de revisar as provas do livro. O casamento de meus pais não andava bem e minha mãe e irmãs foram morar no apartamento de minha tia Iracema. Fiquei no apartamento com o meu pai; menos de uma semana ele trouxe para dentro de casa uma de suas amantes e eu tinha que conviver com ela sem causar nenhum conflito. Saíamos os três e era ela que sempre pagava a conta. De repente, ele teve um infarto, ficou um bom tempo hospitalizado, colocou três pontes de safena e uma mamária. Quando voltou para casa, foi a minha mãe que teve que retornar ao lar para cuidar do marido doente – como sempre!!!

Dezembro foi o lançamento do meu livro. Meu pai para fazer gracinha mais uma vez, não foi. Mas as pessoas que realmente torciam por mim, estavam todas lá na Livraria da Vila. Inclusive as minhas duas professoras da época da AACD, tia Hideco e tia Beatriz para quem eu havia dedicado o livro.

Na manhã seguinte, minha mãe, irmãs, tia Iracema e eu partimos para Santos para aquele que seria um dos melhores fins de anos da minha vida. Talvez um preannuncio do grande ano que viria a seguir!

## *Intensos anos científicos*

**E**m 1994, ganhei uma bolsa do Dr. Gastão para pesquisar e escrever sobre aquele hospital. Iniciava-se anos de intensas atividades. Por meio da pesquisa “Centrinho: o resgate e perpetuação de sua história e atualidade”, analisei um vasto acervo histórico existente na Unidade de Ensino e Pesquisa - UEP, constituindo-se de matérias publicadas em jornais e revistas. Deles, selecionei e xeroquei aproximadamente 222 artigos, organizados por data, mais análises de jornais e outros materiais existentes na UEP, tais como, teses, livros e artigos científicos referentes às fissuras lábio-palatais e a vida de seus portadores; a pessoa e carreira do Prof. Dr. José Alberto de Souza Freitas (Tio Gastão); foram trocadas algumas correspondências com pessoas ligadas com a história do Centrinho e, principalmente, várias Comunicações Internas com o meu orientador, no sentido de informar os meus passos e também solicitar novas orientações. Redigi o original do livro com 207 folhas, submetendo-o a análise do orientador. Nesse período, visando escolher o seu título, com o apoio do Setor de Eventos, realizamos um Concurso em junho 1995 aqui no Centrinho. Contando com algumas personalidades na comissão julgadora, a vencedora foi uma funcionária do Setor de Recreação, com o título “Nem São Francisco Sabia... (Fragmentos do história do Centrinho de 1967 a 1995)”.

Nessa época que estava na UEP, conheci uma pessoa incrível. Uma bibliotecária que passou a me auxiliar, chamada Rose. Não sei como isso foi acontecer, mas talvez por seu carisma, ela foi me cativando sem perceber e, quando dei por mim, estava apaixonado por ela. Resolvi contar em uma segunda-feira, mas ela foi assassinada na sexta-feira durante um assalto. Foi um choque muito duro para mim, levei meses para me recuperar, foi muita ajuda da minha amiga Vânia que me sustentou. Na ocasião cheguei a publicar um artigo sobre ela, conheci sua mãe e sua irmã e ficamos amigos por algum tempo.

Eu já estava congregando há um ano, motivado pela memória do bom testemunho do meu avô João. Oito dias depois desse assassinato cheguei à conclusão de que no mundão não haveria nada de bom para mim, fui e me batizei. E hoje digo com total segurança que essa foi a decisão mais correta que tomei. Passei a andar lado a lado com Deus!

Foi nessa época também que meu pai resolveu construir uma casa em Bauru naquele terreno onde meu avô plantava horta. Como sempre pensando só em si, pois ele era um homem de egocentricidade extrema e achava que o mundo estava aí para servi-lo, foi e abandonou minha mãe e minhas irmãs em São Paulo sem nenhuma assistência. Na época elas passaram grandes dificuldades, enquanto ele contava vantagens e fantasias nas ruas da Vila Garcia. Eu que estava tranquilo morando na casa da minha avô, tive que ir morar com ele, mas as refeições e lavagens de roupas passaram a ser na casa dela.

Iniciei-me no mundo da informática. Conheci o Alexandre e seu Irmão, o Eduardo, que tinham uma escola de computação. Após ser rejeitado em outras escolas, eles aceitaram o desafio de me ensinar. Comecei a fazer cursos nas linguagens MS-DOS e programas de editoração eletrônica de textos. Em seguida, comprei o meu primeiro computador, simples, mas que trouxe uma revolução e facilitação à minha vida. Inicialmente,

eu pensava que não seria capaz de digitar, mas minha adaptação foi tão natural. Após onze anos, era o fim da máquina de escrever na minha carreira!

Embora envolvido de maneira geral e com intensas atividades, comecei a sentir necessidade de me especializar em só um tema da área. No início dos anos 90, começou no Brasil, um movimento referente à questão da imagem da pessoa com deficiência na mídia em geral. Por meio da Revista Integração, tomei conhecimento de alguns Congressos abordando essa temática e da versão em português do Manual “Mídia e Deficiência” (CORDE, 1994) que foi lançado no país. Essa intensa experiência me animou a me dedicar a um estudo mais aprofundado que intitulamos “*Os portadores de deficiência e suas imagens nos meios de comunicação de massa*”, título esse que, mais tarde, devido à grandeza e profundidade do tema, simplifiquei para “*Deficiência e Comunicação Social*”.

Inicialmente, comecei a reunir material bibliográfico sobre o tema, infelizmente, ainda muito restrito em nosso país. Passei a recortar matérias que falavam sobre pessoas com deficiência nos jornais e fazer anotações de algumas coisas que saíam na mídia eletrônica; tudo para uma futura análise. Também foi extensa a troca de correspondências com outras pessoas e especialistas, com as quais realizei algumas entrevistas e depoimentos exclusivos.

Nessa insistência de realizar um trabalho sério e profundo, consegui manter contato com o senhor Demétrio Casado Pérez, diretor-executivo da “Real Patronato de Prevención y Atención a Personas con Minusialia”, do Ministério de Asuntos Sociales, em Madri, na Espanha. Descobri que em países europeus e em alguns estados americanos, esse tema já era pauta em discussão, pelo menos há doze anos. Demétrio, de forma muito simpática e gentil, enviou-me os principais trabalhos em espanhol sobre essa temática. Foi quando também tomei conhecimento do Documento Internacional aprovado pela ONU (1992), “Programa de

Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência”. Esse documento aponta em vários pontos da questão da “informação e imagem na área das deficiências”. Gostei das recomendações do Documento e as tomei como principais bases de meus escritos.

Durante o ano de 1992, resolvi dividir minhas pesquisas em duas partes. Na primeira eu abordava a imagem da deficiência nos meios de comunicação de massa e, na segunda estudaria, a comunicação e as publicações alternativas voltadas exclusivamente às questões da pessoa com deficiência no Brasil. Recolhido o material, realizadas algumas entrevistas e selecionado tudo, essa parte deu origem ao material extenso que, encadernado, recebeu o nome de “*Introdução à Deficiência e a Comunicação Social no Brasil – 1990/2002*”.

Com referência a “deficiência e comunicação de massa”, escrevi dezoito artigos científicos que foram publicados em revistas e jornais de massa e alternativos do país. Em certo momento, senti a necessidade de abrir mais espaço na mídia para assuntos ligados a nossa área, uma vez que acreditava que isso ajudaria em muito a resolver em parte muitos problemas das pessoas com deficiência, a partir de termos as nossas necessidades e potencialidades divulgadas publicamente, além de apresentar uma imagem positiva à sociedade. Então, comecei uma experiência de relação pública e amiga com alguns editores e jornalistas. Gentilmente, iniciei a escrever artigos, notas, sugestão de pauta e matérias, baseadas em minhas concepções de textos corretos, que sempre eram publicados pelos órgãos de imprensa. Sempre que outros jornalistas produziam matérias em torno da temática, eu enviava cartas apontando os erros ou comentando e elogiando o trabalho. Notei que esses profissionais de comunicação eram sempre receptivos a esse material e muitos erros que cometiam eram fruto do desconhecimento e da falta de uma orientação melhor.

Esse trabalho realmente ganhou consistência quando o Tio Gastão prorrogou minha bolsa, permitindo-me desenvol-

ver o projeto “Deficiência e comunicação social: divulgação e normalização”. Período que passei a ser consultor do Centro de Divulgação Científica - CDC do hospital. A recolher material bibliográfico com relação à imagem da pessoa com deficiência na literatura infantil e juvenil e criei o Centro de Pesquisa e Divulgação sobre Portadores de Deficiências - CPPD, projeto piloto onde fui Diretor Executivo até outubro de 1996, encerrando o projeto. Visando aprofundar em conhecimentos, realizei um aprofundado estudo intitulado “Imagem e Conceito Social da Deficiência”, publicado em cinco capítulos (entre maio de 1995 a outubro de 1996), pela revista científica “Temas em Desenvolvimento”, da Editora Memnon, SP. Em 1996, escrevi um outro trabalho dirigido a jornalistas e publicitários, intitulado “Pessoas Portadoras de Deficiência: Dicas e reflexões para redação e produção de imagem”. Relacionado às minhas pesquisas fui convidado para falar sobre ela em três importantes eventos nacionais: No “II Congresso Nacional de Psicologia da Libertação”, São Paulo, setembro de 1995; “I Simpósio o Portador de Deficiência e a Sociedade: Passado, Presente e Futuro”, Maringá - PR, novembro de 1995 e no “I Workshop Barreira Arquitetônicas”, Centro Acadêmico dos Estudantes de Arquitetura da UNESP - Bauru, setembro de 1996. Também, ligado à Comunicação Social, em 1996, ministramos palestras e mini-cursos intitulado “Educação Inclusiva: O aluno portador de deficiência na sala de aula”, através do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo - APEOESP. Dei início a um grande documentário intitulado “Centenário de Bauru: O portador de deficiência no contexto municipal”. Apesar de sua realização contar com a aprovação de nossa Superintendência, não chegou a ser concluído por falta de estrutura material.

## *Meus amigos gaúchos*

**R**etrocedendo um pouco na história, eu estava cada vez mais envolvido com o fascinante universo da pesquisa. Meus artigos na Revista Integração começavam a refletir e me projetar em todo o país. Muitas cartas de apoio e elogios começavam a chegar. Como exemplo dessas manifestações, cito uma matéria que escrevi em 1991 sobre o 24º aniversário de existência do Centrinho. Nesse texto, busquei apresentar os tratamentos existentes e os serviços oferecidos pelo Hospital. Dias após sua publicação, recebi uma carta da Associação Regional de Deficientes - A/RAMPA, sediada em Caxias do Sul - RS. Datada em 19 de agosto, assinada pelo seu presidente, na época Dario Sant'Anna, o texto, que me emocionou, dizia:

*Prezado Senhor e Companheiro,*

*Pouco se entende de jornalismo, nós dirigentes da A/RAMPA. Mas com satisfação podemos dizer que Emílio Figueira é na realidade um grande jornalista.*

*Os componentes da A/RAMPA, são pessoas associadas deficientes, mas sua própria Diretoria é composta por deficientes físicos que estão em união para ajudar a seus irmãos que levam a sua*

*vida em função a uma deficiência, quer seja de nascença ou vítima do destino. Com esse nosso propósito da ação de trabalho ao bem do deficiente, para nós da A/RAMPA é um privilégio, no convívio do dia a dia, estar aprendendo, que em tudo há esperança, há vida e deve-se preservar o otimismo.*

*Conviver com o deficiente é a satisfação de ver seu sorriso. Expressão esta de quem está dizendo: Muito obrigado, tenho um amigo.*

*O sorriso do adulto, da juventude, da criança é a retribuição que se recebe, é a aproximação de Deus, é sentir sua grandeza.*

*(...) Caro e grande jornalista Emílio Figueira, nossos aplausos pela satisfação (nós deficientes) de termos recebido por seu intermédio, grande mensagem através da última edição (nº 13) da Revista Integração.*

*Novas esperanças aos pais, que sente o desespero diário no tratamento de seus filhos. Hoje a esperança bate à sua porta, pois a iniciativa de uma redação clara e bem explicada por Emílio Figueira, dá a esperança de que ainda nesse nosso mundo há pessoas amigas.*

A partir dessa correspondência, passei a ter uma amizade e uma relação muito bonita com o pessoal da A/RAMPA. Trocamos muitas informações e trabalhos. Graças a muito material que me enviaram, pude escrever para a Revista Integração aquela que considero a minha melhor matéria até hoje: “Portadores de Deficiências Gaúchos: Lutas e Concretização dos Pampas”. Em dez páginas falei das associações, entidades e trabalhos alternativos, realizados por técnicos, pela iniciativa privada e pelos próprios portadores de deficiências, compondo o dia a dia da luta pela Integração Social; no legislativo, uma Comissão Especial começava a desenvolver um trabalho para que de concretize os direitos também no aspecto político, oferecendo por meio de fragmentos, um perfil dessa área no Rio Grande do Sul.



Com relação a essa amizade, em seu relatório com o histórico do segundo ano de trabalhos em 1992, à página 09, eles escreveram: *“Agradecemos ao prezado jornalista Emílio Figueira, cuja participação como pessoa amiga da A/RAMPA nos transportou através de suas reportagens de Sul a Norte do Brasil com o encarte “Desafio de Hoje” do Jornal do Brasil e da Revista “Integração” editada em São Paulo, mas conhecida internacionalmente. Registramos também a Emílio Figueira, cujos livros de Poesias são disputados por nossos associados, que suas mensagens de otimismo e valorização servem para nós como força para a nossa vivência na luta pelas nossas deficiências.”*

O presidente da A/RAMPA me deu o endereço de uma moça de Caxias do Sul três anos mais nova do que eu e que também tinha paralisia cerebral. Seu nome era Andréia. E assim foi, por mais de dois anos trocamos intensas correspondências em uma amizade muito grande. De fato cheguei a sentir algo a mais por ela e acreditei que iríamos ficar juntos um dia. Só que por relaxo meu, nossas cartas foram diminuindo e perdemos o contato por completo. Há mais de uma década não tivemos notícias um do outro. Dois anos atrás a encontrei no *Orkut*. Ela estava linda, ainda solteira e morando na Itália. Mandei-lhe um recado, mas ela não respondeu. Se algum dia ela ler essas minhas memórias, deixo aqui publicamente os meus pedidos de desculpas se a magoei em alguma coisa. Hoje vejo que perdi a única oportunidade real que tive na vida de ser e fazer alguém feliz!!!

Outra grande surpresa e incentivo que tive em 1994, foi quando em reconhecimento à minha pesquisa e ao tempo que escrevi para a Integração, a mesma entidade da carta acima, premiou-me com o “Troféu A/RAMPA”. Fui comunicado por meio da seguinte correspondência:

Caxias do Sul, 24 de outubro de 1994.

**Prezado Companheiro,**

É com satisfação que viemos através desta para levar ao vosso conhecimento que a A/RAMPA, através de sua Diretoria e Membros do Conselho indicou seu nome como homenageado pela divulgação na Imprensa Nacional. Portanto, sua contribuição veio trazer ao conhecimento deste vasto número de leitores da Revista Integração. E, sem dúvida, divulgou que a A/RAMPA está contribuindo na melhoria de vida dos nossos companheiros menos favorecidos.

Portanto, queira o nobre companheiro aceitar este convite para dia 13/11/94, às 13 horas receber nossa modesta Homenagem com o TROFÉU A/RAMPA.

(...)

Não pude ir ao Rio Grande do Sul receber o prêmio, mas na ocasião fui representado pela Andréia. Na mensagem que enviei em forma de agradecimento, fiz alguns comentários a respeito do meu trabalho:

Além de nossas ideologias

Quando plantamos uma semente (esperando dela árvore e frutos) não temos a dimensão real do tempo que possa levar para alcançar os nossos objetivos. Mas sabemos que, se adubarmos e molharmos, tais objetivos serão conquistados, embora muitas vezes, em nossos anseios de semear novas ideias, não podemos estar presentes em momentos como este, de colheita!

Por isso, receber o TROFÉU A/RAMPA, tem para nós, uma conotação muito maior daquilo que os senhores chamaram de “uma simples homenagem”; reflete o caminho

certo de uma pesquisa já com três anos. Quando em 1991, decidimos por uma especialização na área da “DEFICIÊNCIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL”, ainda não imaginávamos o que viria pela frente, mas já sabíamos da riqueza do tema que tínhamos em mãos e muita disposição para ir em frente...

Antes, porém, de falarmos das alegrias, não podemos ocultar as dificuldades e até mesmo algumas frustrações, tais como o descrédito a nossa pesquisa; mesmo assim, acreditando em sua importância para o contexto social, a realizamos até aqui por conta própria. Como frustração, podemos citar a extinção, em 1993, da REVISTA INTEGRACÃO - órgão através do qual escrevemos por quatro anos e onde por algumas vezes publicamos matérias sobre os amigos aqui do Rio Grande do Sul. Motivo para nós de tristeza e saudosismo!

Todavia, dificuldades à parte, hoje podemos começar a comemorar diante do germinar dos bons frutos. Nossa pesquisa “DEFICIÊNCIA E COMUNICAÇÃO SOCIAL” deixou de ser apenas uma utopia e já conta com fatos concretos. Contamos inclusive, com alguns respaldos internacionais da “Real Patronato de Prevención y Atención a Personas con Minusialia”, da Espanha, que tem nos fornecido materiais bibliográficos.

Sobretudo, acreditamos na força da informação em prol da pessoa portadora de deficiência. A comunicação em nossa área constituiu-se em algo de mão dupla. Temos inúmeras coisas e novidades boas acontecendo, inovações na área da reabilitação, que quase nunca chegam ao conhecimento de todos. Assim, também, falta a expansão de novas ideias e conceitos! Por outro lado, podemos utilizar os espaços abertos em nossa chamada imprensa democrática para veicular matérias e/ou artigos de prevenção e concretização

↻ *Emílio Figueira* ↻

das deficiências, ressaltando sempre o lado positivo e humano de seus portadores, tais como suas necessidades e potencialidades...

Nossas realizações e conquistas neste sentido ainda são pequenas, mas já nos fazem acreditar que estamos no caminho certo e descobrindo outros objetivos. Extrapoladas as nossas utopias, hoje a realidade nos aponta frutos concretos e revelam a possibilidade de, juntamente com a nossa experiência de pesquisador, futuramente termos “um jornalismo especializado em nossa área e questões”! Lutaremos por isso... Motivo também que, aproveitando a oportunidade, tomamos a liberdade de convidar aos nossos amigos gaúchos e demais brasileiros, para que somem conosco em mais esta empreitada. (...)

*Caxias do Sul, 13 de novembro de 1994.*

## *Continuando no centrinho*

**E**m meados de 1996, comecei a gostar de uma moça muito fina, delicada, realmente especial. Por algumas vezes, tive que me controlar para não ter complexo de inferioridade com relação a ela. Foi a primeira vez que tomei a iniciativa de confessar meus sentimentos pessoalmente para uma moça. Ela foi bem receptiva, também pela primeira vez, não fugiu de mim, mostrando-se uma pessoa amadurecida. Saímos algumas vezes para almoçar ou jantar. Na época algumas pessoas do Centrinho ficaram sabendo desse meu amor por ela; muitas me apoiaram, enquanto algumas me gozaram: “Imagina se uma moça desse nível vai querer namorar um deficiente!!!” Mas sinceramente, nunca senti nem um preconceito por parte dela. Só que de repente, ela passou a me evitar. (Tenho algumas suposições para isso, mas não vou escrever sobre o que não tenho certeza). Nos próximos meses e anos lhe enviei muitas cartas de amor, poesias, cartões, flores, sem nunca ter um retorno. Mas aquele amor era muito forte em mim. Era a esperança de um dia ser feliz. E essa esperança passou a ser motivação da minha caminhada pelos próximos onze anos.

Nessa época minha espiritualidade começou a desejar mais de mim. Comecei a congregar muito mais. Fora os dias de cul-

to na Congregação Cristá no meu bairro, ia com os amigos em longas caminhadas congregar nos bairros vizinhos. Nas tardes de quartas-feiras e nas noites de quintas-feiras, tomava o ônibus na minha vila para ir à Congregação central de Bauru perto do centro da cidade. Muitas vezes voltava sozinho por ruas e o viaduto deserto até o ponto do coletivo, esperando o ônibus por quase uma hora. Mas minha alma tinha muita sede da Palavra de Deus.

No ano de 1996, um grupo de pessoas com deficiência resolve fundar o Centro de Apoio ao d/Eficiente-CAd/E. Entre eles havia duas irmãs cadeirantes que eram minhas ex-amigas de infância da época da AACD - Central. Cheguei a ocupar por três meses o cargo de Diretor de Comunicação Social e a editar o primeiro número do jornal “Notícias do CAd\E”. Mas começaram algumas brigas de disputa de direção e muito oba-oba e após três meses deixei o cargo por não acreditar mais no projeto. Ali também comecei a sentir os primeiros sinais de uma grande depressão que viria pela frente.

Todas as quartas-feiras eu escrevia uma coluna especializada no extinto “Diário de Bauru”. Époça em que criei o Centro de Pesquisa e Divulgação sobre Portadores de Deficiência – CPPD, e por meio do cargo de Diretor Executivo, por dois anos tive uma intensa troca de materiais e correspondências com muitas entidades e pessoas no país e exterior. Entre 1990 e 1994 atuei muito na luta do passe livre para pessoas com deficiência no transporte coletivo bauruense, escrevendo dezenas de matérias para jornais e autoridades, visitando vereadores na Câmara Municipal; todo esse material reuni na monografia “O Deficiente e o Transporte (História de uma luta social em Bauru)”. Também fruto de minhas correspondências e pesquisas, criei e coordenei por seis anos o Comitê em Bauru, da Associação “Very, Special Arts/Brazil” (Projeto “Vida, Sensibilidade e Arte”), entidade que atua em nível mundial, que apoia e produz atividades artísticas de pessoas

portadoras de deficiência e que no Brasil conta com sede geral na cidade do Rio de Janeiro. Depois a repassei ao amigo e psicólogo Dorival Viera que deu início às atividades artísticas; por conta disso fui Coordenador de Comunicação da “II Mostra de Teatro por Pessoas Portadoras de Deficiência Mental, Visual, Auditiva e Doenças Mentais”. Realizada de 07 a 09 de novembro de 1996, no teatro da Universidade do Sagrado Coração. Naquele ano ainda, fiquei sócio da Associação de Paralisia Cerebral do Brasil - APCB, Rio de Janeiro, RJ.

Após vários anos de contatos e trocas de ideias com o antropólogo João Baptista Cintra Ribas, por meio dele, recebi o convite para ser membro permanente das Comissões Temáticas do Conselho Estadual para Assuntos das Pessoas Portadoras de Deficiência. Cheguei a ir a São Paulo, participar de duas reuniões, mas não foi efetivada a minha posse. Em seguida, julho, a convite do Romeu Sasaki e da amiga Lia Crespo, participei de alguns eventos e passei a ser correspondente em Bauru do Centro de Vida Independente “Araci Nallin”, sediado no prédio do Centro Acadêmico de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da USP/SP. Com o tempo, minha depressão começou se acentuar e perdi o contato com esses e outros amigos maravilhosos de CVI/NA.

De volta a Bauru, fui convidado pela Sociedade de Promoção do Fissurado Lábio-Palatal, entidade de apoio ao Centrinho, a criar e desenvolver o “Jornal PROFIS”. No primeiro número fiz um trabalho tão legal de redação e diagramação, que recebi o título de “Sócio Benemérito”. A PROFIS passou a me pagar para editar os próximos números, mas eu tinha muita paciência, pois os diretores mudavam muito de ideia e mudavam o conteúdo; teve uma edição que refiz sete vezes. Até que um dia, uma amiga minha foi convidada para fazer o jornal (e até hoje ela não sabe que estaria tirando um serviço meu). O resultado foi que o último número que editei foi duramente criticado por eles –

pois agora os meus serviços já não os interessavam mais. Apenas agradei a confiança até ali e me retirei do projeto. Só que nesse meio tempo, a PROFIS me pagou para escrever um roteiro para um vídeo sobre a sua história, o qual foi produzido.

De fato, naquela época eu estava muito interessado em roteiro e teatro. Em 1992 eu já havia escrito “A difícil confissão”, argumento para o programa *Você Decide* da Rede Globo. Apresentei dois trabalhos para a TV - Centrinho: “Bauru: O portador de deficiência, sua educação e preparação para a cidadania”, pesquisa e roteiro, 1996. “O outro lado do INSS”, pesquisa e argumento de programa, “Bauru: o portador de deficiência, sua educação e preparação para a cidadania” - pesquisa e roteiro. Ambos não foram produzidos. Em seguida, escrevi “As voltas que o mundo dá” e “Carisma” - roteiros para o “*Você Decide*” da Rede Globo que foram aprovados, mas o programa acabou antes das filmagens.

No teatro, fui procurar alguns diretores e ser assistente deles para aprender um pouco mais do mundo cênico; nesse embalo escrevi “Encontro não marcado” - peça de teatro, “história do Modernismo” e “Uma psicóloga em minha vida” - monólogo, comédia romanceada. Comprava livros sobre teatro e roteiro e estudava muito. Escrevia muitos esboços. Na época mandei um e-mail para um roteirista famoso, Paulo Duarte, pedindo conselhos e ele me respondeu: *“Caro Emílio, o conselho que eu posso lhe dar é escrever muito, muito, e depois mais um pouco, sempre. Escreva pelo menos duas horas por dia, todos os dias, sábados, domingos, feriados, quando o seu time perder, escrever sempre, para ir pegando forma. Nem que seja para jogar no lixo depois. E correr atrás de quem possa se interessar por seus trabalhos. Se tiver qualidade, mais cedo ou mais tarde as coisas vão acontecer. E depois que você pegar nome no mercado, vai se dar ao luxo de até recusar trabalhos, por falta de tempo para fazê-los. Por enquanto é o que eu posso te aconselhar”*.



Fui aprovado como associado da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, podendo exercer oficialmente a profissão de Dramaturgo. Passei a distribuir cópias de minhas peças para vários diretores. Cheguei a escrever para a Oficina de Autores da Rede Globo pedindo uma oportunidade para fazer o curso deles, mas essa correspondência foi devolvida sem mesmo ser aberta. Enviei o meu currículo para várias produtoras independentes de Bauru e região. Na ocasião eu estava pesquisando a fundo a vida e a obra do poeta Rodrigues de Abreu, com intenção de escrever uma peça teatral e um roteiro de longa-metragem sobre ele; cheguei a fazer viagens para colher dados, a apresentar esse projeto à Secretaria Municipal da Cultura e a escrever uma série de artigos históricos sobre o poeta para o caderno de cultura do “Diário de Bauru”.

## *Entre o científico e o literário*

**N**o ano de 1997 eu estava sem perspectivas dentro do Centrinho. Foi quando recebi o convite de duas carinhosas amigas, Simone e Ana Lúcia, para atuar junto ao Setor de Eventos, fase só de boas recordações. Em março me desliguei por completo da TV - Centrinho, indo atuar junto a esse Setor, passando a ser membro da equipe “Centrinho 30 anos”, desenvolvendo alguns trabalhos e colaborações. Meu primeiro passo foi apresentar à equipe uma lista com 08 ideias a serem desenvolvidas. Algumas foram realizadas, outras não foram possíveis. Uma dessas ideias foi a realização do “I Concurso Literário Escrevendo sobre o Centrinho”, tendo vários participantes; ajudei na elaboração de CD-ROM “Todas as Faces do Centrinho”, com algumas pesquisas e escrevi textos com dados históricos do hospital e sobre as fissuras lábio-palatais, seus portadores e sobre as deficiências auditivas, artigos com dados históricos para serem publicados na Coluna “Espaço Aberto” do Diário de Bauru e tive algumas poesias editadas no COFFEE BREAK, publicado pelo Setor de Eventos. Outro trabalho realizado em julho, foi a pesquisa e elaboração dos originais de um livro chamado “Os Profissionais do Centrinho Precisam Escrever... (Dicas de preparação e facilitação na redação de texto)”. Desenvolvi um projeto para o Programa

“Você Decide”, da Rede Globo. Após uma pesquisa e conversas com profissionais do Centrinho, redigi um argumento e roteiro chamado “Carisma”, narrando a história de um bebê que nasce com fissura lábio-palatal. O mesmo foi rejeitado pela emissora. Baseado em pesquisas anteriores, escrevi um longo artigo científico denominado “Os vários aspectos que envolvem as fissuras lábio-palatais e a vida de seus portadores”. Após ser normalizado pela UEP, o mesmo foi publicado pela Revista “Temas sobre Desenvolvimento”. O mesmo recebeu uma carta de elogio da superintendência do Hospital.

Fechando o ano das comemorações dos “30 anos do Centrinho”, a Simone e a Ana Lúcia me convidaram para escrever o prefácio do livro que reunia os trabalhos dos autores participantes do “I Concurso Literário do Centrinho”, dezembro de 1997. Em uma linda festa realizada no final do ano, entre outras pessoas, fui homenageado pelo Centrinho e o Setor de Eventos, recebendo das mãos do Tio Gastão o Troféu “São Francisco de Assis”.

Continuei vinculado ao Setor de Eventos em 1998, passando a desenvolver outro projeto. Partindo de uma inquietação minha de que as questões que envolvem as fissuras lábio-palatais e a realidade da vida de seus portadores eram temas restritos somente ao meio científico, eu quis colocá-los nos meios artísticos e literários. Motivo pelo qual - uma vez que sempre acreditei no poder da literatura e demais meios culturais para desmistificar mitos e formar conceitos de forma natural - desenvolvi ao longo do ano o projeto “O portador de fissura lábio-palatal e/ou de outras deficiências como personagem de ficção: dos mitos à realidade social”. O trabalho principal foi escrever a novela-romanceada “A fábrica de sorrisos”, baseada naquele roteiro que havia redigido para o “Você Decide”. Seu cenário principal foi o próprio Centrinho, com um enredo girando em torno de uma criança que nasce com fissura lábio-palatal e durante o seu tratamento vão entrando outros personagens na trama, permitindo

mostrar várias “estórias” paralelas à do protagonista, sempre buscando o lado positivo da questão. Durante o trabalho de escrita, pesquisei e li bastante sobre o assunto (fissura lábio-palatal e realidade social). Estudei muitas técnicas literárias, visando sempre transmitir uma visão certa e normalizadora, buscando construir um texto de forma correta. Na monografia apresentei seis ensaios (capítulos) que vão desde algumas teorias literárias, passando pela história e participação das pessoas com deficiência nas artes, teorizei sobre a possível relação das pessoas com fissuras lábio-palatal (ou outras deficiências) com a literatura, concluindo, por fim, narrando como foram a pesquisa e a redação de nossa novela.

Em 1998, publiquei o meu primeiro livro de prosa intitulado “Nostalgia do Futuro e outros contos”, cujo texto principal fora escrito em homenagem àquela moça de quem eu gostava há alguns anos. O Centrinho promoveu o lançamento e ela esteve presente, só que nunca tive a oportunidade de lhe perguntar o que ela achou da homenagem. Esse livro também foi lançado e autografado por mim no Salão Internacional do Livro de São Paulo - 1999. Por causa da linguagem narrativa que desenvolvi, o Luiz Vitor adotou o livro em vários cursinhos universitários em que ele lecionava. Fiz várias palestras aos alunos que escreveram mais de trinta trabalhos sobre a minha aula e fui presenteado com essa produção.

Nos próximos dois anos, 1999/2000, o meu projeto foi “Investindo na infância através da escrita - (Uma proposta para a criação de uma página infantil no jornal Em Foco)”. O jornal EM FOCO - Informativo do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais/USP e FUNCRAF – foi um projeto que vingou, circulando entre profissionais do Hospital, pacientes e seus familiares e a comunidade em geral. O projeto pretendia atingir a criançada, pois o número de crianças que circula no Centrinho é algo considerável. Muitos passam horas inteiras nas salas de espera, alguns até um pouco impacientes. Essa página in-

fantil seria uma forma de distraí-los, juntamente com o trabalho das recreacionistas, dirigida não só aos pacientes, mas também aos filhos e conhecidos de funcionários, uma vez que muitos levavam o jornal para suas residências.

Apresentei no meu projeto, além de uma síntese da ideia, algumas teorias literárias infantis, utilizadas para elaborar e dar subsídios para uma página infantil do *Em Foco*, que poderia ter o seu lado de *entretenimento*, trazendo pequenos textos e poesias de autores conhecidos, curiosidades, brincadeiras (tais como desenhos para colorir, adivinhações etc), cartinhas dos pequenos leitores, outras coisas e um lado *pedagógico e informativo*. Isto porque, a criança é, naturalmente, um ser curioso, a qual está descobrindo o mundo que a cerca. Às vezes, busca resposta para coisas estranhas ao seu mundo. Nem sempre os adultos têm, ou sabem dar tais respostas embaraçosas, negando muitas vezes informações corretas às crianças. Motivo pelo qual eu pretendia criar personagens exclusivos e específicos para a página que levava - através de suas aventuras e narrativas a cada edição -, a criança, de maneira descontraída, a conhecer todo o universo do Centrinho e o mundo que a cerca. Assim, através de uma criação do design gráfico Napoleon Akihito Fujisawa, surgiu a Turma do Centrinho; o *Lilo*, o caçula da turma; a *Tuca*, irmã do *Tato*, um garotão metido a sabido; o *Vô Zico*; o *Tocha*, nosso cachorrinho trabalhão e o *Rolinho*, que tem esse nome porque é um caracol todo enroladinho.

Realizamos esse trabalho em equipe, reunindo-nos regularmente com o pessoal que produz o *Em Foco*, visando discutir a ideia, escolher pauta da página e material produzido a ser publicado. E para de tempos em tempos, juntos, avaliarmos e/ou repensarmos o projeto. Estive em constantes contatos e diálogos com Napoleon que criou a parte visual de nossos personagens e ilustrações de nossas narrativas/relatos. E, à medida que íamos escolhendo os temas e/ou lugares aos quais nossos personagens

foram visitando em suas aventuras, íamos antes até lá conversar com seus profissionais e conhecer o setor, o que facilitava a nossa composição.

Eu tinha essa página infantil como um *projeto piloto*, um modo de *criação, experimentação e adequação* junto ao pequeno, mas grande exigente público infantil. Futuramente, no que diz respeito aos personagens especificamente criados para educar, divulgar e mostrar a realidade do Centrinho junto às crianças, pretendia elaborar e editar pequenos livros infantis para serem distribuídos junto aos pacientes, em escolas, clubes e outros segmentos; tentar levar esses personagens e suas aventuras para as páginas dos suplementos infantis dos grandes jornais do município. E, a médio e longo prazo, escrever e montar uma peça com “A Turma do Centrinho”, para percorrer escolas, clubes, associações de moradores e outros segmentos de Bauru e região.

Nesse meio tempo de Centrinho também publiquei mais de vinte artigos científicos em diversas revistas especializadas do país.

## *Três pilares na minha vida*

Certa vez, Isaac Newton disse: “Se olhei mais longe, foi por estar de pé em ombros de gigantes”. E comigo não foi diferente. Na minha vida passam tantas pessoas que dariam um livro. Mas aqui quero destacar três homens que me influenciaram e não estão mais entre nós.

O primeiro foi o meu avô João. Lembro de quando eu era pequeno, o enorme carinho que ele tinha por mim. Dos muitos momentos que passei ao seu lado na usina, dos passeios que fiz no seu colo pelas ruas do Bom Retiro. Por algumas vezes fui congregado com ele ainda na minha infância. Nossa ligação era tanta que quando ele mudou para o interior, adoeci e precisei ir morar lá, conforme já contei.

Não era muito de contar a sua história, mas pelo pouco que sei, ele era diferente, tinha uma trajetória marcada por um duro golpe que o levou a ter um jeito todo especial de ser. Aos sete anos, morando em Pernambuco, assistiu o assassinato de seus pais a machadada. Daí por diante, foi atirado no mundo e passou a lutar pela sua própria sobrevivência e de seus irmãos mais novos. Trabalhou e foi enganado por vários fazendeiros até chegar a São Paulo. Entre muitos serviços, lutas por dias melhores e entre várias histórias de amores, entrou para o serviço

público estadual, permanecendo nele até se aposentar. Casou-se com minha avó Lourdes quando ela já tinha três filhos – sendo a segunda a minha mãe! – e com ela teve mais um: o tio Tadeu.

Certamente esse sofrimento e por vários anos e falta de instrução, a personalidade foi moldada como uma pessoa muito humilde e de um enorme coração. Talvez pela sua ingenuidade, cometia muitos erros, mas perdoáveis!!! Tínhamos que saber lidar e escolher as palavras certas para dialogar com ele, pois era muito sensível e se magoava com facilidade.

Tínhamos muitos diálogos. Por ser de Pernambuco, ele me contava muitas histórias de Lampião, a quem ele viu uma vez no sítio de seu avô, onde esse personagem lendário sempre passava com o seu bando para jantar. Foi nesse mesmo sítio que aconteceu uma passagem famosa. Durante um jantar, um cangaceiro reclamou com o outro que a comida estava sem sal. Lampião pediu um quilo de sal para a avó do vô João e fez com que o cangaceiro comesse tudo. Quando terminou, o capitão lhe disse: “Isso é para você aprender a quando comer de graça não reclamar da comida!” Por conta dessas histórias, passei a ler muita coisa e a gostar de pesquisar sobre esse personagem brasileiro. Herói ou bandido? Ainda não formei uma opinião...

Meu avô levava muito a sério a sua devoção a Deus por meio da Congregação Cristã no Brasil. Raramente perdia um culto. Nunca me cobrou nada, mas eu achava lindo vê-lo saindo de terno e gravata. Por várias vezes pensei: “Um dia ainda vou ser crente só para usar terno!” Em 1991, ele, que raramente ficava doente, caiu muito ruim: Estava com câncer. Ao ser operado, seu corpo já estava todo tomado. No seu último aniversário toda a nossa família reuniu-se em Bauru.

Em uma noite de sábado eu estava lendo um livro na sala e ele estava em seu quarto; um grupo de irmãos chegou para ungi-lo e o cooperador me cumprimentou com tanta simpatia que eu nunca mais esqueci. Foram exatamente três meses, mas



Deus o recompensou não permitindo que ele sentisse algum tipo de dor. Em uma madrugada, o tio Edson bateu na minha janela e fui abrir a porta da cozinha. Era ele e o tio Dolírio voltando do hospital. E, a exemplo daquela vez da minha bisavó Geralda, o tio Edson me comunicou em um olhar o seu falecimento. Tive que ser forte. Como sempre não chorei em lágrimas, pois esse negócio de morte sempre foi algo bem definido na minha cabeça, a noção que as pessoas têm um tempo para cumprir e, vencido, vão ter que partir.

Depois de dois anos, estava sentado no final de tarde na calçada, quando minha avó Lourdes saiu e desceu a rua sozinha rumo à Congregação. Lembrei-me do bom testemunho que meu avô deixou, do quanto ele era feliz por ser crente. Naquele momento senti que deveria ser companheiro da minha avó. E, aos 24 anos voltei a congregar, batizei-me um ano depois e nunca mais tirei meus pés da casa do Pai.

Tive a oportunidade de conhecer o Dr. Lot de Godoy em 1989 e de lá pra cá, ter uma convivência praticamente que diária com ele. Sempre em nossas conversas informais entre um advogado veterano e um jornalista novato, debatíamos as coisas do dia-a-dia, dentre outros temas. Comecei a admirá-lo no presente e ainda mais a sua história.

Nascido em Bauru em 04 de março de 1925, Dr. Lot sempre morou em sua terra natal. Descendente de família humilde, nunca desanimou diante das dificuldades, mantendo um ideal e lutando por ele: estudar! Atuando em várias atividades junto à família ou no comércio. Formado em Contabilidade, Magistério, Assistência Social e por último em Direito (o seu grande sonho), Dr. Lot dedicou 32 anos de sua vida exclusivamente à advocacia. Realizou muitos trabalhos, defendeu inúmeras teses perante tribunais, visando sempre buscar a justiça. Nunca abandonou o mais necessitado, estando sempre ao lado dos menos afortunados, pois para ele era mais importante ajudar do que somar!

Graças a sua dedicatória ao ofício que escolheu e abraçou desde 1958. Data que recebeu o seu diploma universitário, teve uma carreira coroada de glórias e êxitos. Era também o seu nome o primeiro a ser citado como exemplo de um bom profissional na Faculdade de Direito do Instituto Toledo de Ensino.

Dr. Lot esteve também presente em quase todos os segmentos sociais bauruenses. Presidiu várias entidades, como por exemplo, o Sesi e o Noroeste Clube, além de ajudar tantas outras. Homem de olhar calmo e atencioso, dono de tantos conhecimentos, marca de anos de sua experiência. Querido por todos que viviam ao seu redor, sempre em um bate-papo informal ou profissional, demonstrava toda – ou quase toda! – a sua sabedoria acumulada durante os anos. Seus estudos nunca pararam. Lia diariamente muitos jornais, revistas e publicações jurídicas, buscando sempre a atualização, teve durante quinze anos um professor particular de português, além de na juventude ter estudado inglês, sendo tradutor, homem erudito que falava fluentemente ambos os idiomas.

Em família foi uma pessoa carinhosa, emotiva, de personalidade determinada, conforme contam os seus três filhos Karla, Alexandre e Marcos. E segundo a sua esposa e companheira durante 33 anos, Dona Azize, ele tinha “traços de marido responsável e consciente de suas obrigações”.

No final de 1992, Dr. Lot descobriu-se com câncer. Quis se isolar de tudo e de todos. Mas o fato marcante foi que eu era o único amigo que ele recebia. Morava longe do centro e eu, a pé, subia ladeiras e ia até sua residência vê-lo. Com carinho, ele me recebia na sala ou em seu quarto e ali passávamos horas papeando. Ou quando ele estava hospitalizado, eu tinha livre acesso ao seu quarto a qualquer hora. E assim foi, durante três meses fui sua companhia quase que diária. Para mim, ele era a extensão do carinho do meu avô João falecido dois anos antes.

Quando o Dr. Lot faleceu em 17 de abril de 1993, sendo sepultado no Cemitério da Saudade, escrevi na “Folha da Cidade

de Bauru” um artigo e ao final eu afirmei: *“Mas o que ele fez, conquistou, e os ensinamentos que sameou, continuam firmes. É preciso que agora que a página se destacou da história atual cotidiana e foi no vento, seja recuperada e anexada como um capítulo no livro histórico bauruense. Ele foi uma personagem real e atuante na construção da Sem Limites. Sua memória não pode ser esquecida, mas sim, preservada para a posteridade. E Bauru lhe deve isto!”*

Um terceiro homem que marcou a minha caminhada foi o professor José Hamilton Ramos Nogueira. Embora ele fosse irmão do professor Maroca, passei a ter mais contato com ele na quinta série quando fui seu aluno de geografia. Nos anos posteriores, ele era o presidente da CEPBEM e diretor da “Folha de Guaraçai”, nossa relação aumentou demais. Aprendi muito com esse homem, grandes conselhos. Tamanha fora a confiança que ele tinha por mim, incentivou-me em inúmeras áreas, principalmente no jornalismo. Se hoje tenho o currículo que tenho, foi porque um dia ele abriu as páginas do jornal para um aspirante a redator. Emociona-me lembrar do carinho e admiração que via em seus olhos dirigidos para mim.

Só que a minha admiração por sua história também era grande. Nascido em Aparecida - SP, em 16 de março de 1932, era filho de um dos principais fundadores de Guaraçai, o farmacêutico e político Juventino Nogueira Ramos. Formado em Pedagogia, querido por todos seus ex-alunos, tanto em palestras quanto em suas aulas nunca vi tanta inteligência, tanta sabedoria para transmitir sua mensagem. Sua sabedoria era tanta, que chegava a ser simples.

Homem íntegro, atuou em várias atividades em Guaraçai e estava sempre pronto para auxiliar quem dele precisasse. Como político, conseguiu grandes conquistas para o município. Prefeito das grandes realizações. Não enriqueceu, viveu sempre do seu salário e trafegava por todas as ruas com a sua velha Brasília branca. Católico fervoroso, cumpria à risca os mandamentos bíblicos. Em família, sei que ele foi marido e pai exemplar.

Na noite do dia 28 de fevereiro de 2000, eu estava no meu escritório de casa em Bauru, quando o telefone tocou. Era o Helton, que me deu a notícia: “O Zé Hamilton acabou de morrer!” Senti que ali também morria uma das maiores referências da minha vida. Na época eu estava estudando Artes Plásticas. Na semana seguinte fiz uma exposição no Museu de História de Bauru que dediquei à memória dele. Em seguida, aproveitando uma foto dele que saiu no jornal, pintei uma tela a óleo com a sua face e presenteei sua família. Era o mínimo que eu poderia fazer por um homem que apostou tanto em mim!

Um educador altamente preocupado com o desenvolvimento da educação em Guaraçai. Como vice-prefeito construiu um Centro Educacional no Estacionamento da Prefeitura. Aquilo seria uma revolução na história da cidade, abrigando a Biblioteca Municipal, salas para cursos, auditório para convenções, dentre outras coisas. Um sonho de uma vida toda desse emérito professor. Mas foi só ele falecer, que o mesmo foi desativado para abrigar a Câmara Municipal. E para mim, esse ato foi uma grande falta de consideração por sua memória!!!

Quando eu era pequeno e ia de ônibus com minha mãe para a AACD, por algumas vezes na volta encontrava com minha prima de Guaraçai dentro da condução. Era fim de tarde e eu a encontrava após passar o dia no hospital com o seu marido José, operado do coração. Juntos tiveram um único filho, o Alan, que ao lado do Helton e do Rogério, são os meus melhores amigos até hoje. Mas voltando, durante as internações do pai dele, sua mãe ficava hospedada na casa da avó Lourdes. Só muito recentemente fiquei sabendo pela minha avó que na época o Zé Hamilton era o prefeito de Guaraçai e sempre quando vinha a São Paulo, passava em casa para visitar o José. Daí deduzi que, embora nunca tenha comentado, o professor Zé Hamilton já me conhecia desde criancinha. Fiquei feliz com isso. Infelizmente, o José faleceu do coração quando o Alan tinha um ano de idade.

Em suma, com o meu avô João, aprendi a ser bondoso, humilde e seguir o meu caminho espiritual. Com o Dr. Lot, aprendi a ponderar coisas na vida, ser sábio e paciente nas decisões e ter perseverança nos estudos. E com o José Hamilton, aprendi a ser ético, ser honesto em qualquer ocasião, acreditar nas pessoas e criar caminhos para que elas progridam, a viver com o que é meu por direito e, sobretudo, ter reserva moral!

## *Um primeiro encontro com a psicologia da arte*

**N**os últimos meses de 1999, eu estava com uma forte depressão. Cheguei a consultar um médico e ser medicado em São Paulo. Talvez o principal motivo dessa enfermidade tenha sido uma paixão recolhida e a vontade de ver meus projetos profissionais decolarem. Uma das motivações que me levou a escrever estas memórias, foi o fato de realizar uma autoanálise. Hoje, longe daquele momento, posso identificar vários motivos que me levaram a desenvolver uma depressão. Estava praticamente vivendo isolado em Bauru. Meus únicos amigos estavam em Guaraçai; minha mãe e irmãs viviam em São Paulo; meu pai vivia só para os seus interesses pessoais; minhas principais referências, meu avô João e Dr. Lot, haviam falecido, assim como o meu tio Edson assassinado em 1995 e com quem eu tinha muito diálogo; morava longe de tudo e de todos e, por isto, não tinha vida social e nem um tipo de lazer, isolado naquela periferia. Era muita carga emocional em cima de mim e, talvez, aquele amor era um modo de fuga como se ele pudesse resolver todos os meus problemas!!!

Fato é que como uma forma de expressão, comecei a pintar. Fui à Jalovi, comprei muitas cartolinas, tintas guache, descobri os lápis aquarela e papéis especiais. Desenhava ou pintava o dia inteiro no meu escritório de casa. Prendia os papéis com fitas

colantes na mesa e deixava a imaginação fluir. Fui descobrindo as tintas, suas tonalidades e misturas, o tipo e efeitos de cada pincel. Tudo de forma autodidática.

Lembrei-me de um casal amigo, Nadja e Adib que meses antes estiveram no lançamento do meu livro. Sabia que eles trabalhavam na Biblioteca Infantojuvenil/Brinquedoteca da Biblioteca “Municipal Rodrigues de Abreu”, no Centro Cultural Carlos Fernandes de Paiva, “Mestre Cirilo”, e Nadja era professora de artes. Mandei uma carta a eles e ela me convidou para fazer um curso lá com ela “Aventura da escrita – trabalhando temas desde a época das cavernas (desenhando até chegar na escrita”. Também levei para essas aulas um grande amigo e desenhista, o Wagner, meu irmão de fé na Congregação. Por inúmeras tardes, Wagner passava horas em minha casa pintando e desenhando comigo.

Minha parceria com a Nadja ia cada vez melhor. Ela e o Adib eram diretores e atores de teatro e me pediram para escrever um texto para apenas dois atores que eles gostariam de montar. Depois de vários dias com a ideia incubada, escrevi a comédia “Enfim, brigamos!!!” Esse texto ganhou o prêmio “O autor é você”!, primeiro lugar no concurso de textos teatrais promovido pela revista eletrônica Interpalco, de março. Por ter sido publicado, mais de vinte grupos teatrais já o montaram pelo país. Muitos deles me pedem autorização, peça-lhes que filmem e me mandem, mas nunca cumpriram o combinado. Até hoje não assisti a essa peça encenada.

Com a minha amiga realizei ainda a exposição “500 Anos de Brasil na Visão de Emílio Figueira & Nadja Goez” com painéis refletindo a história do país no Museu Histórico Municipal de Bauru. Participei em maio do “V Concurso Internacional Literário de Primavera”, ficando em terceiro lugar com o conto “O Caso da Mulher-Dama”. Foram 1469 trabalhos concorrentes de 10 países (Brasil, Argentina, México, Costa Rica, Portugal, El Salvador, Venezuela, Peru, Chile e EUA).

Na época viajei um dia para São Paulo ao lado do diretor do SENAI de Bauru. Ele me convidou para quando eu retornar à cidade, ir conhecer a escola. Fui e combinamos que eu iria pesquisar e escrever um original sobre a história do SENAI que estava perto do completar cinquenta anos. Acertamos os meus honorários, só que ele prometeu só me pagar ao término de tudo. Fiquei três meses naquele trabalho, cheguei a entregar os originais que estavam sendo revisados - “SENAI-BAURU 50 ANOS: Fragmentos de sua história, retalhos de sua realidade!” Documentário sobre a história da Escola SENAI “João Martins Coube” -, que estavam sendo revisados. A direção do SENAI mudou de uma maneira esquisita, ele foi transferido para outra cidade e, ao contrário do que muita gente pensou na época, eu nunca recebi nada por esse serviço prestado para uma instituição que tanto se vangloria.

Durante o período que fiquei no SENAI, um fato muito legal aconteceu. Eu descia do ônibus na avenida central e subia quatro quarteirões a pé até lá. No meio do caminho havia um velho sobrado cheio de desenhos e escrito “Ateliê González – cursos de pinturas”. Um dia tomei coragem, peguei a minha pasta de desenhos e pinturas e fui até lá. Toquei a companhia, mas como a porta estava aberta, entrei. Após alguns minutos, um rapaz com roupas sujas de tintas e bem cabeludo desceu pela escada de madeira. Confesso que num primeiro momento, olhamos assustados um para o outro. Disse-lhe que eu estava interessado em informações sobre o curso. Começamos a conversar e seu nome era Leandro González. Quando lhe mostrei meus trabalhos, ele ficou bastante empolgado com a minha produção, já fez minha matrícula e me passou a lista de material.

Comprei tudo na Jalovi e comecei a frequentar as aulas duas vezes por semana. Com o Leandro aprendi a fazer estudos, croquis com lápis preto, esboços à aquarela, depois pintar telas à tinta a óleo e a preparar e usar todo o material químico que



envolve essa técnica – óleo sobre tela! Confesso que nessa época tive que vencer um autopreconceito; sempre tinha na mente aquelas pinturas acadêmicas perfeitamente pintadas e sofria muito em pensar que a minha coordenação motora nunca me permitiria atingir esse nível. Mas com o tempo, fui descobrindo que havia outras formas de expressão com as quais eu poderia me desenvolver plenamente, como por exemplo, o expressionismo e o abstracionismo. Com o tempo, fui desenvolvendo o conceito de que a verdadeira arte não é a cópia fiel da realidade e sim a transcendência das criações artísticas. Interessante também foi notar que quanto mais eu pintava, mais a minha coordenação ia se afinando e meus traços ficando melhores e firmes. É dessa fase a pintura do meu autorretrato que ilustra a capa destas minhas memórias. E, dentre outras mais de cinquenta telas, pintei a face do professor José Hamilton e presenteei a sua família e pintei o retrato daquela moça que eu gostava na época que, embora eu o tenha como a minha melhor tela até hoje, nunca tive a oportunidade de entregar a ela, mesmo que fosse apenas um presente de amigo.

Leandro e eu desenvolvemos uma amizade muito forte, conversávamos e ríamos muito. Fora as aulas, passei a frequentar o seu ateliê diariamente junto com outros artistas e desenhistas; ali virou um ponto de encontro nosso. No final do ano, recebi o certificado “Estudo, esboço e pintura a óleo - iniciação” do Atelier Gonzalez e o Leandro promoveu a minha primeira exposição individual “EF - Primeiras pinceladas - Obras de óleo sobre tela”.

No Centrinho eu já não conseguia ser aceito em mais nenhum projeto, pois devido àquele meu estado de depressão, não conseguia fazer ou cumprir nenhuma tarefa. Só pintar. Por conta disso, afastei-me de lá (e até aproveitei para pedir desculpas às pessoas que confiavam e apostavam em mim, principalmente para o Tio Gastão e a Simone!). Mas por uma ironia do destino, no mo-

mento em que eu pintava um grande quadro em homenagem ao Hospital, que foi inteiramente desenhado, esboçado, riscado na tela e pintado por mim, recebi uma comunicação da “Fundação para o Estudo e Tratamento das Deformidades Crânio-Faciais-FUNCRAF”, de 26 de outubro 2000, desligando-me definitivamente do Centrinho por uma simples carta. Na ocasião enviei ao Tio Gastão um relatório de 13 páginas de todas as atividades que havia realizado lá entre 1994 e 2000 e uma carta de agradecimento. No aniversário do Centrinho, durante uma cerimônia em que o Leandro também esteve presente, entreguei o quadro ao Superintendente do Hospital. Durante todo momento eu era citado como um paciente do hospital que estava entregando um presente e isso, sou sincero em dizer que me deixou muito triste, pois senti como se aqueles anos de pesquisas, cinco monografias produzidas, vinte e um artigos científicos publicados no Brasil e exterior, não tinha significado nada para eles.

Em seguida, eu quis estudar computação gráfica. Entrei em uma conceituada escola de Bauru. Destaquei-me no curso e ganhei uma bolsa para continuar. Com essa nova motivação, peguei antigos textos infantis meus – alguns até da minha infância – e criei e illustrei vários livrinhos “O astronauta que vende bananas”, “O mergulhador e a vida” – infantil”, “Memórias de uma menina sapeca”, “O machado e a árvore”, “Os brinquedos”, “O prego e o martelo” e “O cano e a água”- mas ainda não cheguei a mostrar esses projetos a algum editor.

Em agosto de 2001, com a ajuda do Leandro, promovemos no seu ateliê a “Semana Emílio Figueira”, uma exposição das artes originais a carvão feitas exclusivamente para o livro “Traços de Interior” com minicrônicas e o projeto gráfico todo meu, além de onze telas pintadas a óleo. Nós tínhamos muitos planos de crescer ainda mais o que passamos a chamar de Gonzalez Comunidade Artística. Cheguei até a fazer a primeira edição do jornal chamado “O cavalete”.

Comecei a estudar História da Arte e História da Música no Instituto Contemporâneo de Arte – ICA, de Bauru. Como as aulas eram à noite, tive que achar uma forma mais segura de locomoção do que os ônibus coletivos. Acabei fazendo um acordo com um moto-taxista que morava no meu bairro. Ele passou a me levar e buscar de moto. Encostava bem na guia da calçada e eu conseguia subir e descer com facilidade da garupa da moto. Aqueles momentos eram muitos bons, o vento no rosto nas noites quentes bauruenses me dava sensação de liberdade.

As aulas no ICA me animavam muito a ponto de eu desejar realizar o sonho de infância de estudar música e a tocar piano. Cheguei até a combinar de entrar nas aulas de Teorias Musicais, mas não formaram novas turmas na época. Sempre digo que todo mundo deve ter pelo menos um grande sonho com a consciência de que nunca irá alcançar. Talvez a minha utopia seja tocar piano!!!

Durante todo esse período, além das aulas e de minha produção, eu lia muito sobre histórias e teorias artísticas. Comprei muitos livros, pesquisei muita coisa na internet. Passava as tardes na biblioteca municipal folheando livros com imagens dos artistas universais brasileiros, principalmente de nossos modernistas – Tarcila do Amaral, minha preferida – e dos paulistas do século XIX – Benedito Calixto e Almeida Junior. Troquei correspondências com inúmeros outros artistas e professores de arte. Comecei a escrever trabalhos científicos sobre artes que foram publicados em importantes revistas brasileiras: “O Vicente que virou Van Gogh”, “A presença da pessoa com deficiência na história da arte - Alguns apontamentos curiosos sobre artistas e personagens”, “Os dizeres de uma obra desconhecida - Proposta de análise isolada”, “A presença da pessoa com deficiência visual nas artes - Um panorama histórico e atual”, publicado em oito partes no site da Rede Saci e da união de um vasto material, produzi o “Pequeno inventário da arte e deficiência”, documentário de julho de 2002, que se encontra no acervo físico da Rede Saci.

Por um bom tempo acreditei que as artes plásticas seriam a minha profissão definitiva. Mas, talvez com a ajuda da pintura, talvez por ter estabelecido um novo ideal, a minha depressão acabou. Certo é que, daquele momento em diante, quase não consegui pintar. Percebi que a arte realmente tem funções psicológicas e terapêuticas. E isso me motivou ainda mais a ler e descobrir que no Brasil estava começando uma nova disciplina acadêmica chamada Psicologia da Arte e passei a juntar material sobre isto. Interessei-me também por arte-terapia. Fiquei sabendo que havia alguns cursos livres dessa técnica, mas na dúvida sobre suas validades, mandei um e-mail para o Conselho Regional de Psicologia, seção Bauru, perguntando sobre a regularidade desses cursos. O conselheiro na época, respondeu-me que não eram reconhecidos pelo CRP, aconselhando-me a cursar uma faculdade de Psicologia e depois me especializar em arte-terapia. Interessante que quem assinava o e-mail de resposta era Rinaldo Correr.

Em 1997, por intermédio de uma matéria de jornal, fiz contato e fiquei amigo da professora Doutora Maria de Lourdes Tabaquim, a querida “Malú”. Desde os primeiros momentos de nossa amizade, ela sempre me disse que eu tinha cara de psicólogo e que se um dia tentasse cursar Psicologia, iria gostar. Como já há sete anos tinha esse desejo, sempre dizia a ela que um dia eu iria pensar seriamente nesse desafio que ela me fazia. Recuperando o velho desejo brotado em 1990 na APIECE, o desafio da professora Malú e o conselho dado por e-mail pelo Rinaldo, peguei firme nesse propósito: cursar Psicologia e me especializar em Psicologia da Arte!

# *Um pouco sobre a morte do meu pai*

Com o objetivo de prestar o vestibular, comecei a estudar sozinho e com a ajuda de um grande amigo, o professor Duílio Duka, presidente da APEOESP de Bauru que me forneceu muitos livros. Minha amizade com o Duka vinha de muito longe, um batalhador nato das causas sociais, principalmente na educação. Em 1995, quando eu quis estudar sociologia, ele me deu um grande apoio, embora eu não chagasse a prestar o vestibular. Agora, como qualquer outra pessoa, escolhi primeiramente uma universidade pública, a UNESP - Bauru. Na época das inscrições, o manual do candidato dizia que alunos especiais deveriam entregar um laudo médico especificando a deficiência e dizendo qual o recurso necessário. Especifiquei que por causa da minha deficiência motora, não escrevia a mão e precisaria de um computador para fazer as provas.

Uma semana antes do vestibular, recebi uma carta da Fundação Vunesp comunicando que o meu pedido fora negado. Mas no mesmo dia, recebi um telefonema de um importante historiador bauruense do qual era muito fã e lia suas colunas em jornais e revistas, João Tidei de Lima. Ele me comunicava que seu filho Carlos Frederico também tinha paralisia cerebral, iria prestar vestibular para informática e havia tido o mesmo pedido negado.

Naquela mesma tarde meu pai e eu fomos à sua casa, o conheci pessoalmente e toda a sua família. Combinamos em entrar juntos com uma ação contra a Vunesp e a advogada do professor Tidei conseguiu uma audiência em caráter urgente com o Promotor do Grupo de Proteção às Pessoas Portadoras de Deficiência do Ministério Público de Bauru. O mesmo conseguiu garantir o nosso direito de prestar o vestibular.

Foram três dias de provas e o Duka me levou de carro. O Wagner e o Jony também estavam prestando vestibular esse ano.

A Vunesp preparou uma sala para mim e outra para o Carlos Frederico. Havia um computador sem nem um recurso com o qual poderíamos nos beneficiar, corretor ortográfico, por exemplo!!! Uma professora do curso de psicologia ficava comigo na sala dando as instruções e coordenando. Eu digitava as respostas no computador, imprimia, ela passava a caneta na folha de respostas oficial e depois conferíamos duas vezes juntos.

À porta ficava um segurança e só podia entrar na sala os coordenadores do vestibular. Quando a professora precisava sair para alguma coisa, era convocada outra para permanecer na sala. Quando eu precisava ir ao banheiro, o segurança me acompanhava e eu não podia falar com ninguém. Achava muito engraçado andar pela universidade com um segurança. Houve um momento que um grupo de estudantes estava no meio do pátio e ele ordenou num forte tom: “Pessoal, abre a área que o nosso candidato especial e querido precisa passar!”.

Um outro fato que julgo negativo e até demagogo ocorreu. No segundo dia de prova chegou um fotógrafo do “Jornal da Cidade” e pediu autorização para me fotografar fazendo prova no computador. Não vi nada de errado nisso e deixei. Na edição do dia seguinte, a minha foto com meia página e a seguinte manchete: “UNESP dá oportunidade aos deficientes”. Comigo e Carlos Frederico eram seis candidatos com deficiências prestando vestibular. Ora, aquilo não era nada de oportunidade. Estávamos sim,

exercendo um direito nosso. Aliás, um direito que tivemos que conquistar com um mandado judicial contra a Vunesp!!!

Em fevereiro de 2002 saiu o resultado. Para o curso de Psicologia havia sessenta vagas e quase novecentos candidatos. Fiquei quase em último e pensei com bom humor e ri sozinho: “Nossa, não pensei que eu era tão burro!” O Carlos Frederico também não passou. O jeito era continuar a estudar para o próximo ano...

Meu pai era um homem bem daquela cultura machista, adorava se exibir em público, fazer piadas e brincadeiras maliciosas. Por inúmeras vezes, ele me colocou em situações constrangedoras. Por várias vezes, ele ironizava a minha opção religiosa, queria me expor a ver coisas que eu desejava. Dentro de casa, ele estava sempre de cara feia e de mau humor; ao sair para rua, começava a rir e brincar com todo mundo. Fantasioso então, até demais. Na vila Garcia onde morávamos, todos os seus amigos lhe tinham como uma vítima, que foi expulso de casa por minha mãe, quando na verdade, no auge de seu egocentrismo, fora ele que abandonou a família em São Paulo, no momento em que minhas irmãs adolescentes mais precisavam dele.

Mesmo com as provocações de meu pai, as quais aprendi a ignorar, vivíamos pacificamente dentro de casa. Porém, ele sempre foi muito mulherengo. Fora uma antiga amante da capital, ele tinha uma mulher na nossa rua que só vinha em casa dormir com ele. Muitas vezes me constrangia com isso. Quando meu pai adoecia, eram a minha avó Lourdes e minha tia Maura que cuidavam e cozinhavam para ele. Essa mulher não fazia nada dentro da nossa casa e ainda o obrigava a alugar filmes pornográficos para eles assistirem. Com o tempo, ela viciou em jogo de bingo. Eles passavam quase a noite inteira na rua e depois vinham dormir em casa. Eu tinha que permanecer em silêncio dentro da minha própria residência por causa deles. Quantas vezes meu pai estava dormindo tranquilo em seu quarto, já altas horas ela ligava

e insistia para ele levá-la ao bingo. E isso era a semana toda. Com o tempo, fui vendo meu pai perdendo o vigor, tornando-se um homem abatido e desanimado.

Acredito que essa rotina de passar noites acordado, em um ambiente fechado, cheio de fumaça de cigarro, depois sair e pegar o sereno de fim da madrugada, acelerou um problema que ele tinha e nós não sabíamos, fora os problemas que ele já tinha no coração. Comecei a percebê-lo cada vez mais cansado e com dificuldades de respiração. Na madrugada de domingo para segunda-feira, ele passou mal no bingo e foi direto para uma UTI. Minhas irmãs e meu cunhado Márcio vieram de São Paulo. Um casal de tios meus veio do Rio de Janeiro. Meu pai estava com uma doença rara conhecida como “fungo do capim”, que cria caroços dentro dos pulmões e a pessoa morre em uma média de cinco dias. Na tarde de quarta-feira minhas irmãs e eu conseguimos autorização para visitá-lo rapidamente na UTI. Na madrugada seguinte ele faleceu. No seu velório tinha muita gente. Minha mãe, o Renato e meus tios – Zezinho e minha madrinha Maria Aparecida chegaram no meio do dia. Lembro-me que olhando aquele caixão e para a rua, veio-me um questionamento filosófico: “Como pode alguém nascer, viver durante algum tempo, morrer e o mundo continuar rodando como se nada tivesse acontecido?” Ao final da tarde, sepultamos meu pai no mesmo túmulo que já estavam meu avô João e meu tio Edson.

Para os meus tios do Rio de Janeiro, aquela mulher era a grande heroína que cuidou do meu pai nos últimos anos. Pelo menos, agora eles sabem da história oficial e algumas crônicas para frente saberão o quanto ela me prejudicou, tirando a única coisa que meu pai deixou para mim!

Minha vida teve que ser toda reorganizada. Fui passar uns dias em São Paulo e como minha meta era cursar uma faculdade, minha mãe contratou a minha prima Geiza que morava em frente a minha casa para cuidar de tudo, limpar, cozinhar e lavar



a minha roupa. Passei a morar sozinho, embora além da minha prima morar de frente, ao lado, minha avó Lourdes e a Tia Maurá - mãe da Geiza - morava ao lado.

Na ocasião da morte de meu pai em outubro de 2002, eu estava fazendo alguns cursos de composição artística no Centro Cultural de Bauru, tais como “Vertentes da arte abstrata e do movimento expressionista”, o qual eu estava curtindo muito, mas como fui passar umas semanas com minha mãe, tive que deixar. Também no mês anterior, setembro, prestei vestibular na UNIP e desde o começo eles me receberam muito bem e disponibilizaram todos os recursos de que eu precisava. Nesse ano eu passei em primeiro lugar, acho um bom progresso em um ano, não!?

## *Início da minha vida universitária*

**D**e volta a Bauru, decidi não tentar mais entrar na UNESP. Mandei um e-mail para a Universidade do Sagrado Coração - USC. Eles responderam de imediato que eu teria todos os recursos necessários para realizar a prova, bastava avisar no ato da inscrição. E assim foi. No dia do vestibular a USC estava lotada de candidatos e seus familiares. O meu amigo João Paulo me levou de carro e me deixou no portão. Confesso que ao ver aquela multidão, senti muita saudade da minha mãe e minhas irmãs. Tive um enorme desejo de que elas estivessem ali. Mas sempre fui assim, corro atrás das coisas que desejo, minhas conquistas são frutos dos meus esforços, mesmo que muitas vezes solitários. E ali eu não poderia fraquejar, pois mesmo ainda sem saber, estava começando a viver meus melhores anos em Bauru e a escrever um dos mais importantes capítulos da minha história!!!

Uma sala com computador e uma monitora estava preparada na Pró-Reitoria e havia até o meu nome escrito na porta. Durante a prova, alguns dirigentes da Universidade vieram me conhecer e cumprimentar. No momento que pedi para ir ao banheiro, o coordenadora me acompanhou até a porta. Fomos conversando, seu nome era Maria do Carmo, professora do curso de pedagogia e desejou-me muita sorte.

Ao sair o resultado na terça-feira, fui aprovado. O curso da UNIP era noturno e ela ficava na rodovia fora da cidade. Decidi cursar na USC, pois além de ser de dia e pago por credito, era mais perto de casa. No dia que eu estava na fila para entregar minha documentação, a Maria do Carmo apareceu e, ao me ver, ficou tão feliz que me deu um grande abraço. Aquilo foi o prenúncio do carinho que eu teria por todos os professores da USC!

No dia 03 de fevereiro de 2003, às 13h30min, estava sentado na sala E-16, em frente ao professor Luiz Carlos de Oliveira, se apresentando. Ainda não conhecia ninguém ali, eram todos mais jovens do que eu que transpirava e tremia muito pelo fato de estar realizando o grande sonho da minha vida. E me perguntava mentalmente: “Será que sou eu mesmo que estou aqui, sentado em uma classe universitária, iniciando um curso de Psicologia?” Sim, era...

Ao dar a hora do intervalo, saindo da sala, olhei para um rapaz moreno, disse que achava que o conhecia de algum lugar, mas logo vi que não. Ele me disse simpaticamente: “Tudo bem, o mundo só tem seis bilhões e meio de habitantes. Talvez você me confundiu com um deles!” Seu nome era Fernando e aquele foi um primeiro contato do que seria uma grande amizade. Descemos à rampa e no pátio havia enorme animação do pessoal que ainda estava se conhecendo e alguns alunos tocavam piano. Como estava ainda deslocado, sem conhecer ninguém, fui até a enorme biblioteca com mais de trezentos mil títulos, toda informatizada.

Às terças-feiras de manhã, eu tinha aulas de anatomia fisiológica com a professora Márcia. Nessas aulas aprendi muito sobre doenças do coração, renais, dentre outras. Parte do semestre íamos para o laboratório de anatomia e em várias banquetas lidávamos com cadáveres humanos inteiros ou em partes, pegávamos nas peças para estudar o corpo humano na prática. Gostava de usar o meu jaleco branco, estar ali lidando com aqueles restos

mortais. Embora soubesse que se tratava de moradores de rua que seriam sepultados como indigentes, mas foram doados para o laboratório das universidades. Eu sempre tinha essa curiosidade: Quem foram eles, onde viveram, quais foram suas histórias de vida? Por conta disso e movido pela curiosidade de sempre, pesquisei toda a história da anatomia humana.

Nas tardes de quinta-feira tínhamos aulas de estatística. Mesmo sendo um bom e competente aluno, aquilo me apavorava, pois sempre tive muita dificuldade com números e cálculos. Mas Gilberto nos explicava tão facilmente que com o tempo fui pegando o jeito.

Nas aulas do Luiz Carlos fui aprendendo a conceituar a psicologia, seu campo de atuação e história. Na terceira semana, entrou um novo aluno, o Ivan que se tornaria o meu parceiro de faculdades e de muitas conversas e trabalhos. A gente era uma dupla que funcionava muito bem nas pesquisas e trabalhos em grupo. Foram nessas aulas que conheci a Liriane e a Marina, sobre as quais ainda irei falar daqui pra frente.

Minha rotina passou a ser toda para a faculdade. Nas primeiras semanas ia e voltava de ônibus. Pegava um até o centro e outro até a USC. A volta para casa no fim de tarde era mais complicada, pois os coletivos em Bauru circulavam com horas marcadas. Os ônibus na USC passavam a cada uma hora e quarenta. Eu levava até duas horas para chegar à minha vila. Mas com o tempo, combinei um valor semanal com o meu amigo moto-taxista e ele passou a me levar e buscar.

Fora da universidade, a minha rotina passou a ser de estudos, leituras e elaboração de trabalhos. Também ia congregiar nos dias de culto na vila, frequentava todas as reuniões familiares de evangelização ali e nas redondezas e, às vezes, ia a outras Congregações quando era convidado pelos irmãos.

Eu tinha poucas matérias de acordo com o que podia pagar. Meus colegas tinham muito mais. Na segunda semana uma

colega comentou comigo que eles estavam fazendo uma disciplina chamada Trabalho de Metodologia da Ciência, ministrada pelo professor Mário Lázaro Camargo, onde eles aprendiam todas as etapas de uma pesquisa e como redigir uma monografia. Fiquei fascinado, era exatamente o que eu queria, pois estava estudando psicologia justamente para ser um cientista. Fiz alguns cálculos e vi que poderia também pegar aquela matéria. Fui até a secretaria acadêmica e consegui ser incluído. Mas depois um medo muito engraçado que nunca contei para ninguém entrou na minha cabeça. Imaginei, pelo nome da disciplina, que esse professor Mário deveria ser um velho chato e metódico. Como será que ele iria me receber, ainda mais entrando com algumas semanas de atraso?

No primeiro dia dessa aula, segui a minha turma. Estavam todos lá, a Juliana que era a primeira amiga mulher com quem eu tinha papo na faculdade, o Ivan, a Liriane e a Marina sentaram em minha volta. Maior papo, mas eu estava curioso em conhecer quem era o professor. De repente, entrou na sala um rapaz (que depois fiquei sabendo que era cinco anos mais novo do que eu!), olhou-me e disse em um sorriso: “Olha que bom, um aluno novo na minha sala! – Veio e me estendeu a mão, dizendo: - Muito prazer, sou o professor Mário e você quem é?” Apresentei-me, ele na hora incluiu o meu nome na lista de chamada. Só que nas próximas semanas meu nome não aparecia automaticamente nas listas. Ele pediu para ver o meu comprovante de matrícula e descobriu que eu não era daquela turma e sim de um outro professor que dava a mesma disciplina no mesmo horário. Como eu não sabia disso, segui os meus amigos e entrei na classe dele. Como éramos já amigos e eu estava adaptado ali, o outro professor concordou de eu continuar e ao final do semestre, o Mário lhe passou a minha nota e frequência. Hoje vejo isso como a grande mão de Deus para que o meu caminho se cruzasse com o dele.

Realmente as aulas de Mário eram muito enriquecedoras para mim. Em uma ocasião em que estávamos discutindo ética

na ciência, fiz-lhe um relato que ele pediu para ler na classe. Vou repeti-lo aqui, mas não vou citar nomes nem locais onde ocorreram. Pois quero apenas pincelar alguns fatos tristes de minha carreira. Certa vez, estava sentado na mesa de uma dita colega e, sem querer, olhei para o canto onde estava sua lata de lixo e algo provocou a minha atenção; estava lá dentro, um trabalho que no dia anterior eu havia deixado para ser entregue ao meu superior. Outras vezes, na equipe que eu participava teoricamente, mas era descaradamente discriminado por eles, eu dava ideias de trabalhos ou opiniões que eles achavam ridículas ou fingiam que nem me ouviam. Tempos depois alguns deles apresentavam as mesmas ideias aos nossos superiores como autores delas, recebendo os créditos.

Com relação às publicações científicas, também tenho algo a contar. Por várias vezes, deixei meus originais com meu orientador para ser revisado ou comentado. Algumas ele não me devolvia, alegando muito trabalho; ou quando devolvia, estavam todos riscados, fazendo-me acreditar que não tinha a mínima condição de serem publicados. Então, já que quase nunca eu poderia contar com meu orientador, tomei uma iniciativa, talvez até um pouco antiética. Estudei as normas de publicações, pesquisava as revistas científicas e encaminhava eu mesmo os meus trabalhos para publicação. No geral, 90% foram publicados nesse período; recebia muitas correspondências positivas de leitores e outros pesquisadores e meu orientador era o que mais me cumprimentava a cada publicação. Chegou vezes de doutores pegarem textos meus e publicar em nome deles. Todavia, aprendi como ninguém a conviver com o espírito da inveja científica. Meus ideais sempre estavam voltados para ajudar as pessoas para as quais eu pesquisava melhores condições de vida. Não me importava que outros recebam as autorias, pois os projetos estavam sendo desenvolvidos. Mesmo com toda a dificuldade que passei, eles podem até ter conseguido impedir alguns de meus ideais, mas não conseguiram impedir o

meu amadurecimento e minha produção intelectual. Hoje digo para quem deseje ingressar na carreira científica, tão importante ser um profissional ético, será preciso estar preparado para lidar com alguns profissionais antiéticos e tantos outros que usam o “estrelismo” como mecanismo de defesa para suas fragilidades. Quanto a esses que não aprenderam valores éticos nos bancos acadêmicos, um dia responderão pelos seus atos; seja pela punição do próprio meio de trabalho, seja pelas mãos e uma Força maior que sempre estará Além da Ciência!!!

Ao término da disciplina do Mário tínhamos que produzir um trabalho acadêmico em conjunto ou individual, o que escolhi. Aproveitando as pesquisas que eu já vinha realizando sobre Psicologia da Arte, escrevi um dos meus trabalhos mais significativos, a monografia “*Bases históricas para iniciação ao estudo do tema arte e loucura*”, de 119 folhas, recebendo elogios do professor e a nota 10 de média. Mandei encadernar o trabalho com capa dura para o meu acervo pessoal, mas pedi ao Mário para escrever uma mensagem na primeira folha para eu guardar de recordação. Ele escreveu: “*Emílio... Tê-lo como aluno foi um grande prazer. Não sei se mais ensinei ou se mais aprendi. Penso que o ideal da relação aluno seja esse: “ensinar e aprender mutuamente”. Obrigado pela oportunidade de tê-lo como aluno, mas principalmente por tê-lo como amigo!*”

Todavia, no segundo mês de faculdade tive uma surpresa muito grande e triste. Quando meu pai faleceu, como é por lei quando se tem um filho com deficiência, esse fica com meia pensão e a outra parte com a viúva legítima, no caso a minha mãe que há quase quarenta anos era casada com ele no documento. Mas ela deixou a parte dela também comigo e com esse dinheiro pagávamos a minha prima, as despesas da casa, a mensalidade da minha faculdade, o moto-taxista e outros materiais de estudo. Porém, na carta do INSS nos informou que aquela mulher que andava com meu pai requereu e ficou com setenta por cento da

pensão. Uma advogada e minha irmã Ana Luiza investigaram e descobriram que ela por ter trabalhado um tempo no mesmo hospital que meu pai morreu, teve acesso com a ajuda dos amigos, pegou documentos nos arquivos e com a ajuda de funcionários de dentro do INSS de Bauru, alegaram que ela deixou a sua vida para cuidar do meu pai e por isso tinha direito à pensão.

Com isso, eu não tinha mais como pagar a faculdade, fiquei inadimplente e era muito duro para mim que sempre fui correto com as minhas contas e compromissos. Comecei a mandar cartas para a reitora, Irmã Jacinta e outras freiras que administravam a USC pedindo bolsa e explicando o meu problema. Corri atrás de muitas autoridades, o Tio Gastão, o professor João Tidei, dentre outros, pedindo que intercedesse por mim. Meu rendimento despencou, sem concentração, e notas baixas. Explicava aos professores a minha situação e eles foram compreensíveis comigo.

As mensalidades foram acumulando. Cada vez mais eu via o meu sonho de vida de cursar uma universidade acabando. O semestre acabou e não poderia mais me matricular no próximo. Para mim, aquela já era uma página virada na minha vida. Mesmo assim estava confiando em Deus e sentia que alguma coisa poderia reverter aquela situação, como por exemplo, recuperar a pensão do meu pai. Mas Deus veio por outro caminho, tocou no coração da Reitora e principalmente da diretora do Departamento de Humanas, Irmã Evanira, e elas me concederam uma bolsa total para eu continuar minha graduação.

Fato é que até hoje estou aguardando o INSS resolver esse processo de fraude no posto de Bauru. Sinceramente falo de coração e não pelo dinheiro, mas para mim é uma grande injustiça meu pai ter trabalhado e contribuído por trinta e cinco anos e uma oportunista ficar com algo que ele certamente teria orgulho de estar ajudando a nossa família, o dinheiro que daria uma universidade ao seu filho, poderia estar ajudando de alguma forma minhas irmãs, já que minha mãe abria mão de sua parte





na pensão a nosso favor. Essa mulher simplesmente roubou de mim a única herança que meu pai, que sempre honrou e me deu exemplo de nunca dever para ninguém, havia me deixado. Só que ela não mexeu com qualquer um; ela mexeu com um servo do Deus altíssimo. E isso algum dia e de alguma forma terá consequência!!!



## *Um semestre em São Paulo*

**A**gora com a bolsa total, podia pegar mais disciplinas. Planejava os meus horários com matérias nos mesmos dias no período da manhã e tarde. O meu amigo João Paulo trabalhava perto da universidade. No segundo semestre combinamos de ir e voltar juntos. Eu levantava às cinco e meia da manhã, vestia-me e ia para o meu escritório ouvir um pouco da rádio Veritas (essa hora tocava as sertanejas de raiz!) e conferir e-mails. Perto da seis horas, quando abria a padaria, a Geiza vinha servir o meu café e preparar o lanche para eu levar. Vinte minutos depois o João passava e me deixava na USC perto das sete horas, quando abria a biblioteca. Lá eu pesquisava e pegava livros, ou subia para o primeiro andar onde ficava uma sala de leitura muito grande de muitas mesas. Ali, eu era sempre o primeiro a chegar, estudava e lia, preparava-me para as provas. Perto das oito e meia, caminhava para a sala de aula e via muitas colegas chegar com cara de sono, sendo que eu já estava há uma hora e meia na universidade.

Na hora do almoço, sentava-me em algum banco do pátio e comia minha marmita. E não tinha nenhuma vergonha de fazer isso em público, pois como sempre dizia, o meu país foi construído por operários que comiam de marmita! Muitas vezes, o Ivan me acompanhava nesses momentos. De vez em quando, apro-

veitávamos a hora do almoço para discutir ou fazer trabalhos. Depois íamos para mais um período de aula. Ainda aguardava quase uma hora no estacionamento o momento do João Paulo passar de volta, chegando a casa depois das seis. Era uma cansativa rotina de doze horas diárias na USC, três vezes por semana, que continuava com estudo e elaboração de trabalhos individuais em casa.

Um dos grandes privilégios que tive na minha vida foi ter estudado na Universidade do Sagrado Coração – a USC de Bauru. Para quem não conhece, é uma universidade comunitária católica, pertencente ao Vaticano – embora faça parte do território italiano, é considerado um país independente, ainda que muito pequeno. E por ser administrada por freiras, tem todas as características físicas e humanas das instituições europeias. Começando pelo seu tamanho de oito quarteirões quadrados. Há longos e floridos jardins desenhados pelos mais habilidosos jardineiros. Suas extensões são de encher os olhos, desde a frente da universidade e entre todos seus enormes blocos. Com o sol irradiante que faz em Bauru, eles ficam mais lindos ainda. À noite, a iluminação destaca o charme que muitos, na falsa ilusão de que quem corre tem melhores chances na vida, nem os percebiam. Por ali passeei muito com o Nando e Daniela, sua namorada na época. Conversávamos muito.

Nessa época eu era aluno de neurofisiologia da professora Malú (a mesma que me incentivou a estudar psicologia), de psicologia da aprendizagem da Maria do Carmo, de métodos e técnicas da pesquisa psicológica da professora Marilene, uma socióloga e marxista de carteirinha. Gostava e aprendia muito com ela que influenciou o meu pensamento sócio-interacionista. Nos trabalhos e artigos que tínhamos que desenvolver em sua disciplina, eu sempre abordava a psicologia da arte.

No semestre seguinte me matriculei na psicologia do desenvolvimento. Ainda não conhecia a professora. No primeiro dia de

aula, cheguei à porta da classe indicada e perguntei para uma moça que veio de encontro se ali eram as aulas de desenvolvimento. Ela disse que sim e pediu para eu ficar à vontade. Esse foi o meu primeiro contato com a professora Silvana. Uma apaixonada pela Psicanálise e por Freud que transmitia isso aos alunos. Seu domínio didático e explicativo era tamanho que quase todos os seus alunos se encantavam por suas aulas e assuntos abordados por ela.

Nessa época ouvia falar muito do professor Rinaldo, de sua intelectualidade e trabalho na área da Inclusão e quis conhecê-lo pessoalmente. Fui até a sala onde ele estava dando aula e marcamos um encontro para me apresentar e discutirmos os nossos projetos. Nascia ali uma bela amizade e muita parceria...

Um ano e meio se passou e aquela rotina de estudos, administrar uma casa e morar sozinho estava muito cansativa para mim. Uma solidão me invadia e, após conversar com minha mãe, tomei uma decisão radical; deixar Bauru e ir viver em São Paulo. Minha família estava se mudando para uma vila de sobrados no bairro da Água Branca. Na mesma época minha irmã caçula, Ana Luiza se casou e iria morar em um quarto com banheiro na parte de baixo e em cima havia um quarto para minha mãe e o Renato e outro para mim. Desmanchei a minha casa em Bauru, mas trouxe comigo o meu acervo de material de pesquisa e meus quase dois mil livros. Lembro do susto que minha mãe tomou quando o caminhão chegou. Levou um bom tempo até conseguirmos acomodar tudo.

Antes de sair da USC, a professora Marilene fez em sua aula uma despedida para mim. Fiz uma palestra para os meus amigos, trocamos presentes, tiramos muitas fotos. Mandei uma carta para a Irmã Evanira e outra para Irmã Jacinta, agradecendo o apoio e me despedindo. Dias depois, já em São Paulo, recebi uma carta da Marina com a foto da nossa turma e outra da Irmã Jacinta dizendo em um trecho: *“Foi com emoção que li a sua carta de despedida e então, busquei o seu livro de contos para uma relei-*

*tura dos seus textos. Você, certamente, é uma pessoa abençoada por Deus, pelo belo exemplo de vida que deixa pelos caminhos por onde anda. Que São Paulo o acolha e lhe proporcione todas as chances que você merece e lembre-se, estaremos sempre aqui”.*

Ao mesmo tempo em que estava totalmente integrado no convívio na USC, rompi esses laços, mergulhando rumo ao desconhecido. Trabalhando esse rompimento, precisava dar continuidade a minha formação acadêmica. Procurei quatro universidades na capital, mas todas fecharam-se para mim, sendo que duas chegaram dizer diretamente: “Não estamos preparados para ter alunos deficientes”. Era duro ver que cursos de psicologia pudessem promover tais discriminações. Em duas, ao estar saindo pelo portão, cheguei a olhar para trás e pensar comigo: “Mas eu sei que sou capaz”!

Só que esse semestre em São Paulo também teve um lado positivo. Reunindo quase todo o material que já havia levantado, pude escrever um livro-texto intitulado “*Iniciação à Psicologia da Arte*”. Isso graças a um importante curso que fiz nesse semestre que estava em São Paulo sobre como elaborar livros didáticos e científicos – durante três meses de aula, esse curso foi uma água divisória na minha carreira. Na solidão do meu quarto, elaborei esse projeto de livro dividido em quatro unidades e treze capítulos sobre aspectos históricos, filosóficos e sociológicos que contribuíram com o surgimento da Psicologia da Arte, revisão dos principais teóricos dessa temática dentre outras coisas, além de exercícios, dicas de pesquisas e debates, trechos de leituras complementares e indicação de obras, tudo documentado cientificamente. Elaborei esse material na intenção de introduzir novas pessoas neste campo.

Fiquei um bom tempo sem congregar. Até que por intermédio de um casal de irmãos amigos de minha mãe comunicou o Ministério da Congregação da Lapa e em uma tarde de sábado um irmão e várias irmãs vieram fazer uma visita em casa, canta-

mos alguns hinos e oramos. Era o irmão Décio que me contou que todas as segundas-feiras na comunidade que havia no fundo da vila onde eu morava havia uma reunião de evangelização fixa e a partir daquele momento ele passaria para me pegar. As reuniões eram na garagem de um sobrado, tinha bancos, tribuna, orquestra, só não era oficializada. Frequentava muita gente e eu não perdia mais nenhuma.

Também fiz curso de memorização e leitura dinâmica. Tentei vários contatos profissionais e de cursos na capital, mas todas as portas estavam fechadas para mim. Principalmente a continuação de minha graduação em psicologia e meus planos de me especializar em Psicologia da Arte. Conversando com minha mãe, cogitei a ideia de voltar para Bauru e concluir minha graduação. Ela concordou. Em novembro fui passear lá. Meus colegas ficaram muito felizes ao me ver, principalmente o Ivan, Marina, Liriane, Daniela e o Nando. Encontramos a Irmã Jacinta no pátio e ao contar-lhe o meu desejo de voltar, ela ficou muito contente, dizendo: “A sua bolsa continua a mesma coisa!” O caminho estava aberto para minha volta...

## *Volta à USC*

**N**ão obtendo sucesso acadêmico na capital, no primeiro semestre de 2005, voltei para terminar minha graduação na USC. Só que agora fui morar com a minha avó Lourdes e a tia Maura, pois minha casa já estava alugada. Na nossa rua só moravam evangélicos, a maioria da Congregação. Era um lugar muito tranquilo. Em frente de casa residia o Manuel, um ano mais velho do que eu e muito companheiro. Congregávamos muitas vezes juntos. Quando eu voltei, o nosso antigo cooperador de Jovens e Menores havia falecido e o Manuel foi nomeado para o seu lugar. Com o consentimento do nosso Ancião Irmão Dijma e do cooperador de adultos, Irmão Jurandir, fui para o ministério de Auxiliar de Jovens e Menores nos cultos de domingo de manhã. Às segundas-feiras de noite eu acompanhava o Manuel com a mocidade em visitas domiciliares a irmãos idosos ou enfermos, onde cantávamos hinos de louvor a Deus e orávamos; algumas vezes eu presidia essas reuniões.

Na época, os irmãos Hélio e Jurandi (não o cooperador) foram nomeados para presidirem reuniões de evangelização em residências de testemunhados ou de irmãos que por doença ou idade já não podiam congregar mais. Fui muito companheiro deles. Interessante dizer que o Hélio também tinha uma defici-

ência e não andava devido à paralisia infantil. Às vezes, ele vinha dirigindo o seu carro ou em sua cadeira de rodas. Era muito animado. Reuníamos nos mais diferentes lares, desde casas de bom nível social até em casebres de irmãos muito pobres e humildes, mas que nos recebiam com tanto amor e carinho. Aprendi demais sobre o ser humano nesse período, coisas e situações que certamente no futuro estarão nas entrelinhas de meus futuros romances e contos!

Enfim e feliz, eu estava de volta à USC. Agora tinha que recuperar um semestre perdido. Montei a minha grade com aulas nos períodos da manhã e tarde de segunda à sexta-feira e no sábado até o meio-dia. O Ivan tinha deixado a universidade, vindo estudar em São Paulo. Por conta disso, aproximei-me muito da Liriane e da Marina. E que amizade linda! Almoçávamos às vezes no restaurante da USC e elas preparavam tudo para mim, exigiam prato fundo e colher. Outras vezes íamos almoçar na pensão onde elas moravam bem em frente à USC; lá só podia entrar moças, mas a gente sempre dava um jeitinho de convencer o zelador e eu entrava. Também tinha a Joyce que nos acompanhava nesses momentos e elas tinham prazer em preparar o almoço para mim. Com o tempo, principalmente a Marina assumiu quase o papel de minha irmã caçula e eu de seu irmão mais velho. Saíamos para restaurantes e outros passeios. Quando eu tinha algum compromisso, tipo consulta médica, lá estava ela do meu lado. Eu a acompanhava quando ela tinha que ir ao mecânico ou borracheiro, pedia-me socorro. Fazíamos mercado juntos. Teve momentos que ela até implicava com meu modo de me vestir, dava uns toques.

Com o tempo passei a viajar com ela para sua cidade. Lá moram os seus pais, Dr. Amarante e Dona Ângela e seus irmãos Lucas e Patrícia. Ficamos tão amigos que até hoje volto à Catanduva, onde também mora a Joyce. É hilário lembrar de quando a Marina começou a gostar do Ronaldo, um rapaz que trabalhava



no Departamento de Humanas e não era do nosso círculo de amizade; sobrava-me achar motivos para irmos até lá e eles se verem. Até que veio o primeiro encontro, Marina também me colocou na roda, fazendo-me assistir ao pior filme da minha vida só para ter a desculpa dos três irem ao cinema. O resto deixei por conta deles e acabei sendo o Cupido dessa que julgo ser uma bonita história de amor e tem tudo para terminar nos Altares do Matrimônio...

Convidei a Irmã Jacinta para escrever o prefácio dos meus originais “Iniciação à Psicologia da Arte”. Essa obra caiu de imediato na simpatia dela que me pediu para publicar o livro pela editora da universidade. Só que, infelizmente, ocorreram mudanças administrativas na USC e o projeto não se concretizou. Só que pretendo reescrever esses originais e uma de minhas metas é ainda fazer uma pós-graduação em Psicologia da Arte, chegar a ser um cientista no campo psicológico, pois quero trabalhar em pesquisas sobre as contribuições que o fazer artístico pode dar nas recuperações de problemas mentais. Tenho lido muito sobre isto e estou cada vez mais fascinado com o assunto.

Nas aulas corria tudo bem. Eu sempre tive muito respeito por meus professores. Quando tinha que faltar, avisava antes ou depois mandava um e-mail justificando minha falta, embora fosse muito raro, pois na maioria das disciplinas tive cem por cento de presença. Quando eu tinha que sair um pouco antes do término da aula, ao contrário de muitas colegas, eu nunca me levantava e simplesmente saía; minutos antes de iniciar a aula, chegava à professora e comunicava que iria sair um pouco antes.

Do mesmo jeito, todas as vezes que surgia uma tarefa ou atividade que não era capaz de realizar, ia conversar com o professor, mas sempre levava uma solução junto; ou a realização de uma pesquisa, ou a elaboração de um artigo científico, por exemplo, do mesmo jeito que quando precisava, ia ao Departamento de Humanas, direto na sala da coordenadora do curso ou da Irmã

Evanira conversar com ela, que com o seu enorme coração bondoso, sempre tinha uma solução pra mim.

Com o tempo, fui sentindo necessidade de fazer algum tipo de terapia. Fui conversar com a Sílvia, esposa do Rinaldo e professora do curso de Fisioterapia da universidade. Ela me sugeriu fazer hidroterapia e me levou para conhecer os professores da disciplina. Comecei a fazer, chagava sete e quinze na clínica, trocava-me no vestiário e ficava até as oito e vinte, horário que começavam as minhas aulas. Mas conversava com os professores e eles não se importavam de eu entrar com dez minutos de atraso. Geralmente as aulas eram no mesmo bloco que a clínica, que ficava no subsolo. Era só me trocar e subir as escadas. Tenho até uma imagem bonita que no semestre que minha hidroterapia era antes das aulas de psicologia experimental do Luiz Carlos, quando chegava no laboratório, ele parava de falar, desejando-me: “Seja bem vindo à minha aula!”

Em maio tive a grande surpresa de receber uma carta dos alunos da quarta série da minha ex-escola em Guaraçai contando-me que eles estavam realizando um trabalho estudando a minha biografia e por conta disso eles também estavam escrevendo as deles. E seus desejos eram me conhecer pessoalmente. A cartinha era assinada pela professora e vinte e seis alunos. Respondi de imediato, dizendo que fiquei muito feliz com isso e que em uma oportunidade eu iria lá conhecê-los, pois eu estava na época de provas, entregas de trabalhos e relatórios na faculdade. Eles me mandaram outra, dizendo: *“Ficamos felizes e na expectativa para ler sua carta, pois percebemos que você é realmente uma pessoa maravilhosa. (...) Entendemos a sua dedicação aos estudos, insistimos para que olhe com carinho o nosso pedido. Aguardamos sua resposta e gostamos muito quando você nos chamou de amigos!!!”*

Senti que não tinha o direito de negar o pedido daquelas crianças em estar presente na sexta-feira, dia 16 de junho, no encerramento do projeto. Conversei com meus professores, todos

mudaram ou adiantaram as datas das minhas provas e me liberaram para viajar. Aproveitei e fui passar uma semana em Guaraçai.

É muito interessante ver que por mais que a gente progrida, sempre estamos encontrando com o nosso passado. E se estivemos bem resolvidos com ele, se plantamos coisas positivas, esse encontro sempre será agradável e com belas surpresas. Assim aconteceu comigo. Foram dias agradáveis, com muitos reencontros, conversas com antigos amigos, passeios. Vi o quanto a cidade está progredindo, vi minha geração ocupando os mais diversos cargos, comércios, trabalhos, posições; vi seus filhos crescendo, uma nova geração se formando, o futuro nas entrelinhas da evolução! Revivi algumas recordações só minhas, permitindo-me escrever algumas poesias, pois como cantava Tim Maia, “paixão antiga sempre mexe com a gente...!”.

A surpresa maior tive nas dependências da minha ex-escola, “Valeriano Fonseca”, na tarde de sexta-feira, no projeto pedagógico sobre curtas-biografias, motivo pelo qual estive na cidade. Os alunos da quarta série, orientados pela professora Cecília Sgarbi, por meio da minha biografia, acabaram desenvolvendo as deles. Por esta razão, quiseram me conhecer e me homenagear no fechamento do projeto. E foi uma sucessão de emoções.

A primeira foi já ao passear antes pela querida escola, ver o quanto ela evoluiu, quanta coisa nova. Inclusive, perante a arquibancada da quadra, cheguei a comentar com um dos muitos amigos queridos que me acompanhavam: na época de escola, quando éramos pequenos, essas pareciam tão grandes, agora estão ao nosso nível; isso é uma prova de que crescemos não só na estrutura, mas também na visão de mundo.

Caminhando por ali, entre tantos cumprimentos de jovens professores, experientes funcionários e das crianças, ao mesmo tempo as recordações iam libertando-se em minha memória.

De repente vi chegar meus ex-professores, Seu Mário (Maroca) da segunda série, Dona Antonieta da terceira série e o Seu

Irineu da quarta série. Eram os meus antigos mestres que ali estavam para me homenagear. A cerimônia iniciou-se com o Hino Nacional, o que achei fundamental, pois precisamos despertar no nosso povo valores de civismo, mas o verdadeiro e não o que era imposto pelo militarismo.

Ao ver trechos do meu livro “Noites Guaraçaienses” serem dramatizados e recitados pelos pequenos alunos, emocionei-me muito. Fiquei ali pensando que no próximo ano, essa obra iria completar vinte anos de publicação e aquilo para mim já era o início das comemorações. Essas crianças nem sonhavam em nascer; certamente, muitos de seus pais foram meus contemporâneos de adolescência, daquelas noites retratadas no livro. Ao ver aquelas representações, foi como me deparar comigo mesmo, ficar pensando que tudo o que eles diziam saiu da minha cabeça e dos meus sentimentos. São sensações que poucos podem viver.

Recebi um cartão de prata das mãos do Maroca com os seguintes dizeres: *“Emílio, somos solidários a você pela sua garra e determinação. Você soube transformar suas dificuldades em degraus e nos ensina a ver com os olhos do coração. Agradecemos sua participação.”* Foi maravilhoso, pois esse foi o meu terceiro da minha carreira de escritor e, por uma feliz coincidência, todos os três vieram por meio dessa mesma obra. Ouvi-lo em seu discurso, com recordações referentes à minha pessoa e todo o resto das homenagens foi muito gratificante, como também estar depois com meus amiguinhos conversando na sala de aula, tirando fotografias com eles e seus pais. A “Folha de Guaraça”, jornal do meu início de carreira, publicou no dia 17 de junho, sua primeira página inteira com uma reportagem e sete fotos com a manchete: “EMEF Valeriano Fonseca presta homenagem a Emílio Figueira”.

Posso afirmar que é muito bom quando só construímos coisas boas em nosso passado, escrevemos algo bom em nossa história pessoal. Assim, sempre quando quisermos voltar para visitá-lo, seremos recebidos de braços abertos!

# Meu bacharelado

**A**o voltar para USC, matriculei-me na matéria Psicologia do Excepcional I, ministrada pelo professor Mário. Aliás, nos anos que permaneci na universidade, todos os finais de semestre eu tinha que ir fazer palestra sobre a minha história e carreira para os seus alunos. Até brincava que de tanto me ouvir, o Mário já conhecia a minha trajetória melhor do que eu. Às vezes ele me lembrava de fatos que eu esquecia de contar. E não só fiz palestras para ele, mas para outros professores e até nas pós-graduações.

Em maio, durante a Jornada de Psicologia do Desenvolvimento, lancei o livro infantojuvenil “*Lembranças de um ano letivo*” e o Luiz Vitor fez uma palestra contando toda a minha trajetória.

Voltando à aula, baseado no curso e nos livros sobre a temática, notei algo que me intrigou. Pareciam ter o velho discurso de hoje e sempre! Mas eu sabia que muita coisa com relação às pessoas com deficiência já havia avançado, principalmente nos últimos dez anos. Antigamente a grande questão era definir o que são pessoas com deficiência; hoje deve ser a meta, discutir como elas podem participar e colaborar na construção de uma sociedade mais justa! Comecei a ter uma enorme vontade de fazer algo para melhorar, atualizar os conteúdos dessas disciplinas.

Ainda não tinha nada definido, mas já havia um desejo de escrever um livro-texto para ser adotado por essas disciplinas, o que poderia até ser uma utopia naquele momento. Cheguei, inclusive, a sugerir um projeto para o Mário, mas na época, por estar em término de seu mestrado, não contava com tempo livre para assumir em empreitada comigo.

Em seguida, levei a ideia para o professor Rinaldo Correr, com quem eu tinha aula de psicologia do desenvolvimento. Ele aceitou de imediato trabalhar comigo. Juntos, após alguns rascunhos, peneiradas, recortes, ele me sugeriu realizar um estudo em nível nacional, fazendo uma análise dos Conteúdos Programáticos das disciplinas Psicologia do Excepcional ou similares. Estava definido o plano de trabalho de minha monografia. Questionando a formação acadêmica de psicólogos, minha pesquisa analisou especificamente as Disciplinas “Psicologia do Excepcional” e/ou correlatas de 25 universidades brasileiras. Fiz uma revisão de literatura histórica da relação psicologia e pessoas com deficiência e suas questões atuais. Como bases teóricas e metodológicas utilizei a dialética, pesquisa qualitativa, análise de conteúdo. Nos resultados e discussões foquei cinco categorias: títulos/identificação das disciplinas, ementas, objetivos gerais e específicos, conteúdos ministrados, bibliografias utilizadas nessas disciplinas. Como conclusão, ficou notório que as disciplinas “Psicologia de Excepcional” e/ou correlatas não estão se atualizando frente aos desafios que psicólogos possam vir a ter diante dessa clientela formada por quase 15 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência. Parece permanecer em uma condição “fossilizada”, sem rupturas. Essa expressão de uma atividade formativa reacionária está em conflito com as dimensões atuais em que a formação do psicólogo deve estar voltada para a realidade que se transforma ininterruptamente.

Uma coisa interessante quero destacar: depois de um bom período de paquera, acabei por assumir minha paixão pela Psico-

logia Sócio-Histórica e entrar de cabeça no estudo da mesma. Seguindo essa linha, passei a estudar ainda mais a obra de Vygotsky e, quanto mais a lia, mais me identificava com sua teoria. Ele foi praticamente o convidado de honra de minha monografia. Todas as minhas férias, passadas em São Paulo, tive como hábito ficar reorganizando meus velhos arquivos e, no intervalo do último ano de faculdade, relendo todos os meus escritos – tantos os publicados desde 1983, quanto a grande montanha de inéditos, percebi algo fascinante; sempre escrevi e pensei como um autor sócio-histórico, mesmo sem saber ou ter um conhecimento teórico para me perceber um dialético!

Paralelamente, em outras disciplinas, também produzi outros trabalhos significativos, tais como: “O desenho infantil: história, evolução e as técnicas projetivas”, monografia apresentada à disciplina Técnicas do Exame Psicológico III, maio de 2005, orientada pela Professora e Supervisora Thelma. “O desenvolvimento histórico e o papel dos cientistas no campo da psicologia: primeiras investigações”, uma pesquisa teórica dentro da matéria Epistemologia, orientada pela Professora Maria do Carmo, com quem também apresentei o trabalho “O nascimento do livro de formação: reflexões preliminares para estimular produções de novas obras no campo da educação”, uma Comunicação Oral apresentada durante o I Simpósio Internacional de Educação Linguagens Educativas: Processo Pedagógico na Atualidade, promovido pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração. Bauru, 26 de outubro de 2005. Publiquei um Artigo científico desenvolvido na disciplina Psicologia Social I, “As deficiências representadas na mídia e o papel da psicologia social”, Revista Temas em Desenvolvimento.

Em outubro, o Mário me convidou para ir passar um dia com ele e ministrar palestra sobre minha pesquisa de bacharelado, em Lins, na faculdade Salesiano, onde ele também lecionava psicologia. Foi um dia muito feliz para mim que tanto gostava de

conviver e conversar com ele. Logo na viagem, fomos ouvindo muita moda de viola, chagamos até a cogitar em escrever um livro juntos analisando esse estilo de música à luz da fenomenologia. Ao chegar lá, fui recebido pela reitora, uma freira que fiquei sabendo que era amiga de infância da minha querida Irmã Jacinta. Era um prédio de dois andares praticamente histórico, com um lindo jardim central. Ao chegarmos ao laboratório de psicologia experimental, fora do dia e hora de aula alguns alunos faziam pesquisas com ratos; naquele momento senti uma pontada de vergonha em pensar que estudava em uma universidade de ponta com tantos recursos disponíveis e minhas colegas não tinham o mínimo interesse por isso, enquanto ali, em uma chuvosa e cinzenta, aqueles alunos se esforçando para aprender e produzir o conhecimento!

Almoçamos com uma outra professora e algumas de suas alunas. Em seguida fui conhecer a sua clínica naquela cidade e voltamos para a faculdade. Passei toda a tarde dando a minha palestra, usando os recursos audiovisuais. Outras professoras liberaram suas turmas e três classes foram ajuntadas para me assistir. À noite acompanhei uma aula do Mario e chegamos quase à meia-noite em Bauru. E no dia seguinte passamos oito horas em um curso de Psicologia Existencial-Humanista.

Quinze dias antes da minha formatura, fui passar uns dias em Guaraçai. No caminho me encontrei com o Helton e o Alan em Araçatuba e fomos para um restaurante que muitos se reuniam nos finais de tarde. A certa altura da conversa, perguntei-lhes se iam à minha formatura. O Helton me respondeu: “Claro, você foi o único de toda a nossa turma que se formou. Temos obrigação de ir!!” Naquele momento lembrei-me que há vários anos atrás eu tinha uma tristeza em pensar que eu era o único da turma que não teria condições de sair de Guaraçai para cursar uma faculdade. E, no entanto, a vida escreveu um outro destino muito diferente. Não que eu me gabe por isto, pois no fundo eu queria que todos eles tivessem um diploma universitário.



Aquela experiência em Lins foi o meu treinamento para a defesa do meu bacharelado, ocorrida no dia 13 de dezembro de 2006, na sala E-16, por uma feliz coincidência, a mesma sala onde tive o meu primeiro dia de aula. Estavam ali vários de meus professores, minha avó, minha mãe, o Renato e minha sobrinha Giulia. A família da Marina veio de Catanduva. Para minha banca examinadora, além do Rinaldo, convidei o Mário e o Luiz Carlos, por ter sido o meu primeiro e principal professor universitário. Durante vinte minutos, auxiliado pelo Nando no computador, apresentei toda a minha pesquisa à plateia, intitulada “Uma análise dos programas de psicologia do excepcional nos cursos de graduação em psicologia no Brasil”. Depois, auxiliado pela Marina, ouvi as considerações e orientações de todos os membros da mesa. Após a reunião secreta, eles voltaram e o Rinaldo, pedindo que todos se levantassem, proclamou: “Depois de conversarmos, decidimos que você foi aprovado. Em nome da Universidade do Sagrado Coração eu lhe concedo o título de Bacharel em Psicologia!”. Foi um momento de emoção para todos. Lembro-me da euforia do Helton que até chorava. Almoçamos todos no restaurante da USC e em seguida parti para São Paulo com minha mãe.

Enfim, vi o fim de minha graduação. E o que para muitos era momento de questionamento – “agora com o diploma na mão, o que fazer”? -, para mim foi a certeza de que trilhei o caminho certo! Pelo menos, saí da faculdade com três projetos de meus próximos passos que darei. Escrever três livros-textos: o primeiro “sobre a história da deficiência no Brasil”, pois quase nada há sobre isso e acredito que essa história poderá nos revelar muita coisa, inclusive como foi formada a mentalidade brasileira com relação a essa classe, nossos mecanismos de exclusão, dentre outros detalhes; o segundo “Psicologia Social e Deficiência no Brasil” e o terceiro sobre “Psicologia e Atuação do Psicólogo junto à Pessoa com Deficiência”; todas obras em uma abordagem

voltada para a realidade do nosso país, pois estamos muito presos às tendências que vêm de fora e não olhamos para a nossa própria realidade. Seriam obras com fundamentos teóricos, mas também falando como o psicólogo pode realizar sua intervenção e colaborar com essas pessoas. Nossos livros atuais descrevem muito sobre o que são as deficiências, mas quase nenhum fala sobre como o psicólogo pode atuar e quais suas possibilidades de trabalho junto às pessoas com deficiência. Interessante que em julho de 2006 – durante minhas últimas férias como universitário -, em São Paulo, li uma pilha muito grande de meus escritos que permanecem inéditos; percebi que muitas das partes desses futuros livros já vinha rascunhando ao longo desses anos de militância. Agora posso reescrevê-los, enriquecendo-os com uma nova visão: a de psicólogo!

Fora esses três trabalhos, também, no decorrer da faculdade, anotei e colecionei um bom material e várias ideias para escrever sobre outros temas ligados à Psicologia. E no fim da minha monografia eu dizia: *“Quem sabe, daqui a uma década, quando pretendo refazer essa pesquisa analisando novamente esses Programas de Conteúdos, eu possa achar meus escritos nas referências bibliográficas, dando suas colaborações na formação de novos profissionais de Psicologia. Mais uma utopia minha? Talvez.”*

# QUARTA PARTE

novamente São Paulo:  
um reencontro com a literatura  
e o nascimento do "eu-psicanalista"



## *Uma férias de vinte e seis anos*

**E**m dezembro, a tia Maura, a Geiza, o Alex e seus filhos se mudaram para Birigüi. A avó Lourdes ficaria sozinha em Bauru, pelo menos até julho quando meus tios voltariam do Japão para morar lá e assumir o mercado deles. Então fiquei alguns meses lhe fazendo companhia. Aproveitei para terminar as correções da minha monografia. Mas as coisas em Bauru pareciam ter se encerrado para mim, os amigos sumiram, até o moto-taxista que me transportava largou a profissão. Embora tenha aproveitado para fazer alguns dos meus últimos contatos e palestras na USC, estava totalmente isolado na Vila Garcia. Uma das coisas boas era que o Jurandi mandou a sua família para o Nordeste e enquanto ele terminava um serviço para entregar, ficou morando na edícula no fundo de casa e foi minha companhia nesse período de muitos diálogos. Foi também nessa ocasião que escrevi o meu livro “Caminhando em Silêncio”, conforme contarei em uma próxima crônica.

A vó Lourdes trouxe a minha prima Vera, de Tupi Paulista, para cuidar do mercado até meus tios voltarem do Japão. Nesse meio-tempo, apareceu um tumor no rim de minha mãe. Agora que Vera estava fazendo companhia à avó, eu poderia voltar de mudança para São Paulo. E aqui cheguei no dia 26 de abril de

2007, exatamente vinte seis anos depois da minha partida. Mas só que não voltei sozinho, trazendo na bagagem muitas experiências e vivências, uma extensa produção intelectual e o melhor: inúmeras histórias para contar!

Em abril recebi uma notícia muito triste. A tia Maura havia falecido. Perdi uma das minhas grandes companheiras de papos!

Além de acompanhar o tratamento de minha mãe, comecei a participar do processo seletivo do Mestrado de Psicologia da Educação da PUC/SP. Sempre contando com o apoio, companhia e transporte do meu cunhado Márcio. Desde os primeiros momentos tive da PUC todo o apoio e adaptações necessárias. Passei pela prova escrita, avaliação de currículo e entrevista. Fui aprovado. Estava dentro do mestrado, um sonho desde o primeiro ano de faculdade um dia estudar com professores renomados que trouxeram a Psicologia Sócio-Histórica para o Brasil, autores de livros que eu tanto lia na época. No segundo semestre de 2007 comecei nas aulas, passava a terça-feira inteira na PUC, com aulas em dois períodos. Só que diferente da faculdade, caí em uma turma muito desgastante, muitas guerras de egos e arrogâncias, tempos perdidos com assuntos que não nos enriqueciam em nada. Embora eu não comentasse nada, aquela rotina de passar um dia inteiro na universidade, alimentar-me mal, pagar uma fortuna de mensalidade para ficar ouvindo pessoas guerrearem com egos ou ver conteúdos em um mestrado de PUC que nada mais eram coisas de primeiro ano de qualquer faculdade, estava me deixando muito cansado. Sinceramente eu esperava mais dessa instituição. Só que como tinha esperança de conseguir uma bolsa e ter um Título de Mestre pela PUC, fui levando a coisa no banho-maria.

A operação da minha mãe foi um sucesso e acabou o seu problema. Agora morando em São Paulo, venci um grande conflito que estava me atormentando e me cansando há muito tem-

po; o fato de estar dividido, sempre dividido, entre aqui e Bauru, era como se eu não tivesse uma residência definida. Agora passei a conviver diretamente com minha mãe, o Renato, minhas irmãs Ana Paula e Ana Luiza, meus sobrinhos Giulia, Ana Laura e Felipe e meus cunhados Márcio e Alberto. Eles não imaginam o quanto eu almejava essa convivência e proteção! Do mesmo jeito, eu precisava me isolar dentro de casa onde me sentia realmente no meu lar para pensar, refletir sobre minha carreira e produzir. Esse é um privilégio de poucos. Olhando pelas ruas, vejo todos caminhando apressadamente. Carros incontáveis disputando espaços nas vias. Em todas as situações, todos estão correndo contra o tempo, cumprindo horários, tendo que ganhar a vida, pagar contas, sustentar casas, filhos. Muitas vezes, seus ganhos não são suficientes para as necessidades mais básicas. Quantos milhares de desempregados, muitos em situações de desespero, situações de fome e mesmo de miséria. O cotidiano dessas pessoas passou a ser uma forma mecânica de se viver; são como engrenagens humanas sem noção de si mesmas, com um psiquismo quase que adormecido, sem condições de amadurecer afetiva e cognitivamente. Porque estudar e progredir para a maioria dessas pessoas é uma verdadeira utopia alimentada por muitas formas de demagogias das esferas sociais e políticas.

Sim, eu costumo tirar férias do cotidiano. Esses períodos de reclusão são importantes, além de ser um bom exercício para se recuperar do estresse da vida moderna. Por várias vezes, paro, repenso minhas atividades, o que é bom, o que não é. O que vale a pena continuar fazendo, o que está sendo apenas como dar murro em ponta de faca. Com isso, já experimentei várias atividades: poeta, escritor, jornalista, divulgador científico, artista plástico, dramaturgo, cursei Psicologia, trabalhei por algum tempo como cientista. Experimentei até, mesmo de uma forma rápida, o gostinho de ser um professor universitário. E todas essas minhas “aventuras profissionais”, proporcionaram-me fazer

inúmeros cursos, conhecer e conviver com os mais variados tipos de seres humanos.

Confesso que em todas as atividades sempre atuei de forma apaixonada e intensa, como quem se entrega a um amor. Acho que é por isto que as pessoas gostam do que produzo. Certa vez, uma professora disse que sou um polímata! Fui procurar saber o que significa: polímata é quem se destaca em vários campos, particularmente nas artes e ciências ao mesmo tempo, fazendo ligações entre elas. Ainda bem, a professora não me chamou de homem das cavernas...

Conforme a época, essas profissões retornam ao meu cotidiano. Atualmente, volto ao jornalismo na função de cronista; mas também estou curtindo voltar a escrever contos e rascunhar meus futuros romances e novelas literárias. Com isso, posso passar o dia em paz na minha residência escrevendo, ouvindo uma boa música, refletindo, lendo livros e revistas. Não preciso sair no cotidiano, enfrentar trânsito, chefe e colegas de trabalho, cumprir horário. Uso o meu uniforme preferido de trabalho: camiseta leve, bermuda e chinelo. Meu computador fica na sala de estar. Mesmo tendo essas, digamos facilidades profissionais, tenho minha rotina de horários de atividades, pois sempre gostei de organização. Aliás, a melhor coisa que o Positivismo nos deu, foi a frase em nossa bandeira: “Ordem e progresso”!

Tenho a plena consciência de que sou um privilegiado por viver assim. Deus além de ter me abençoado com sabedoria para o meu desempenho profissional, deu-me também condições financeiras e uma ótima e carinhosa estrutura familiar para ter a vida que tenho. Por tudo isto, serei eternamente agradecido a Ele. Mas também tenho consciência que toda a multidão que descrevi acima, raramente terá a oportunidade ou a iniciativa de parar de vez em quando para reavaliar seu cotidiano, traçar novas metas, planejar meios de progredir, mudar ou deixar de lado as coisas que lhes fazem infelizes. Para eles, a grande engrenagem



continuará rodando freneticamente. E quem não acompanhar seu ritmo, será esmagado pela vida. Infelizmente! Somando tudo o que falei das minhas manias, acabo de confirmar o que o meu amigo Helton diz: “Cabeça de psicólogo e diferente mesmo!”

O fato de minha mãe ser professora e passar boa parte do dia fora de casa, tem sido muito bom para o meu desenvolvimento. Ela deixa a marmitta na geladeira. Na hora do almoço, tenho que esquentar, servir meu próprio almoço, arrumar e desarrumar a mesa, além de outras atividades, estimula ainda mais a minha independência. Essa é uma tendência mundial, pois quanto mais uma pessoa com deficiência precisar se virar sozinha, melhor será para sua autonomia.

## *A biblioteca com que sempre sonhei*

Conversando com uma conhecida, ela ficou espantada quando lhe contei que já possuía uma biblioteca particular de quase três mil volumes. Desde muito pequeno, fui fascinado em formar um acervo desses. Comecei juntando livros que foram da época de escola dos meus tios e mãe e que estavam perdidos em caixas com outros objetos guardados na casa da minha avó. Ganhava livros da Dona Encarnação, uma vizinha no prédio onde morávamos no Bom Retiro. Minha bisavó Geralda – com quem tive o prazer de conviver até meus 19 anos – também me deu vários. A minha biblioteca ia se formando, mesmo eu sem ainda ter planos para com eles e me definir profissionalmente. Mas uma certeza já tinha. Querer ter muitos livros. O prazer de senti-los nas mãos, folheá-los, sentir seu cheiro, marcar a página onde parei e poder voltar nele depois...

Além de ter os meus, tive por muito tempo o hábito de frequentar bibliotecas públicas, caminhar entre as estantes imaginando um dia ter uma biblioteca organizada em casa. Em Guaraçai, a biblioteca tinha para mim um atrativo a mais. A bibliotecária era minha prima Mira – com quem gosto de ter longos bate-papos até hoje. Além de nossas conversas, eu retirava os livros e, muitas vezes, ia ler no banco da praça municipal. Em 1986,

ainda morando lá, publiquei “Noites Guaraçaienses”, o meu primeiro livro de poesias. E até hoje tenho duas emoções; minha prima ainda é a bibliotecária e esse meu livro ainda é o mais lido na cidade. Quando vou passear por lá, ela me mostra com orgulho as fichas de retiradas, principalmente pelos pré-adolescentes. Não só ele, como os meus demais livros.

A formação de minha biblioteca sempre acompanhou cada momento de indecisões e escolhas profissionais que tive. E olha que foram muitos. Já morando em Bauru, frequentei a Jalo-vi, maior livraria da cidade diariamente durante quinze anos. Lá comprei muitas obras, convivi com livreiros, escritores e poetas. Também como um belo cara-de-pau, mandava cartas datilografadas a dois dedos às editoras pedindo doações de exemplares para divulgação. Claro que eu cumpria o combinado, escrevia sobre essas obras para jornais que tinha acesso. Com isso, ganhei mais de duzentas obras. Outro prazer que tive, foi de conhecer muitos poetas e escritores nos diversos movimentos e eventos de que participei durante os anos 90. Trocávamos muitos livros de nossas autorias. Hoje tenho perto de cem obras autografadas pelos próprios autores. E muitos deles têm as minhas com meus garranchos de dar inveja a qualquer letra de médico!

Em 1994, meu pai foi morar em Bauru, construindo uma casa ao lado da casa da minha avó, com quem eu morava. Passei a morar com ele. Com o tempo, montei o meu escritório particular no que era para ser um quarto para visita. Meus livros saíram das caixas e foram distribuídos em armários e estantes. Nas paredes, quadros pintados por mim. Ali foi por muitos anos o meu local de estudo e produção. Tinha muito prazer em sempre reorganizá-los, limpá-los. Sonhando mais alto, passei a imaginar como seria se um dia me casasse. Deixaria sem nenhum problema a esposa decorar toda a casa, escolher os móveis ao seu gosto, valendo-se do título de “dona de casa”! Mas o escritório da minha residência, eu iria planejar do meu jeito, com uma parede de cima abaixo com

todos os livros que me acompanhavam desde a infância. Afinal, quem iria trabalhar nele para sustentar a família era eu. Ou pelo menos me refugiar lá quando ela estivesse naqueles dias.

Em 2002, meu pai faleceu. Como havia acabado de entrar na universidade, permaneci morando sozinho, cursando um ano e meio de Psicologia. Em seguida, resolvi vir morar com minha mãe em São Paulo. Minha biblioteca veio junto. Lembro-me do susto dela quando chegou quase meio caminhão de caixas de livros. Encheram um grande e antigo bufê que há na sala de jantar. No ano seguinte, voltei para Bauru, visando concluir minha graduação. Mas fui sozinho, sem a minha biblioteca.

No final da faculdade, ao olhar a biblioteca da USC com seus mais de 350 mil volumes, onde passei muitas horas caminhando entre eles, comecei a refletir que muitos dos meus três mil livros não tinham naquele acervo. Em seguida, assistindo a algumas entrevistas do grande bibliógrafo brasileiro José Mandarim que doou 60 mil livros de sua biblioteca para a USP, cheguei a conclusão de que meu acervo era quase injusto permanecer somente para uma pessoa. Estudei uma forma de colocá-los à disposição de um número cada vez maior de pessoas, a serviço do aprender. E me deu um enorme e feliz desejo: doar grande parte à Biblioteca “Cor Jesu” e saber que futuras gerações de alunos dos mais variados cursos da USC poderão se beneficiar deles.

Digo isto, porque minha biblioteca era formada por obras bem variadas: História, Sociologia, Psicologia, Artes e História da Arte, Literatura geral (clássicos, romances, contos, poesias, a obra quase completa de Érico Veríssimo, crônicas), Teorias literárias, Comunicação Social (jornalismo, manuais de redação, publicidade, relações públicas), Teatro (dramaturgia, roteiros de cinema, crítica), Português e Literatura, Dicionários de curiosidades, Coleções (vários números da “Série Princípios” da Ática e 70 livros da “Primeiros Passos”), Alguns documentos históricos, coleções de selos, dinheiros antigos e moedas.

Quando estava catalogando todos em um inventário de doação, percebi o quanto essas obras foram importantes na minha formação. Permitiram-me absorver um pouco de conhecimentos de áreas variadas que somando tudo, hoje tenho condições de me desenvolver em várias áreas, principalmente na escrita. Elas contavam um pouco da minha trajetória como intelectual.

Essa não foi a primeira vez que fiz isso. Durante toda a minha vida, sempre levei o material que não me interessava às mais diversas bibliotecas. Em 1997, depois de passar um tempo reunindo livros e outros materiais sobre pessoas com deficiência, doei um acervo especializado com mais de 115 títulos à Unidade de Ensino e Pesquisa do Hospital de Reabilitação de Lesões Crânio Faciais (USP/Bauru), onde eu era cientista bolsista. E nos anos que ainda permaneci por lá, cansei de ver estudantes, profissionais e pesquisadores pelas mesas daquela Unidade se utilizando dos livros que eu guardava em casa só para mim. Do mesmo jeito, embora há três anos que não vou à USC, fico imaginando quantas e quantas pessoas estão se beneficiando do que doei. E isso é muito gratificante. O que desejava ter só para mim, hoje serve para muitos. Colaboram na formação de futuros profissionais que também vão ajudar a muitos.

De certo que ainda estou solteiro e nem formei a biblioteca que sonhei em ter na vida de casado. Mas ainda estou no jogo, disponível no mercado. E não perdi o entusiasmo. Voltei a formar uma nova biblioteca. Já tenho em torno de 150 livros!

## *Projetos de livros e correspondências com as editoras*

**B**em pouca gente ficou sabendo, mas tive uma grande paixão platônica no último ano de faculdade. Já morando em São Paulo, fui revivendo esse sentimento dentro de mim. Uma importante necessidade para um escritor ou poeta ter motivação para escrever. E desse processo um romance inteiro se formou em minha mente e enquanto não o escrevi, não tive sossego e alívio. Nascia “O homem que amava em silêncio”. Nele, dois fatos fundamentais notei: primeiro, percebi que já estava preparado para me aventurar como romancista; segundo, em seu contexto surgiram vários traços de um pensamento psicanalítico.

Pensando no meu projeto de oferecer uma reforma para as “Psicologias do Excepcional”, redigi a primeira versão de meu futuro livro “Psicologia e Deficiência – Bases para um novo relacionamento”. E semanas antes de eu começar na PUC, reescrevi os meus originais do “Iniciação à Psicologia da Arte” e mandei para uma importante editora; ele foi quase aprovado, mas ainda faltava alguma coisa. Agora me preparo para reescrevê-lo pela terceira vez.

Ao longo desses anos, foram inúmeras as correspondências, envios e devoluções de originais entre as editoras e eu. Essa é uma história que tem uma data fixa de início. Em junho de

1988, com a ajuda de meu amigo Carlos Tripa, em Guaraçai, fui até uma pequena empresa que ele tinha e levei o rascunho de uma carta padrão que rascunhei, mas como o meu modo de datilografar era com muitos retrocessos para corrigir erros, Carlos datilografou-a sem erros. Nela, eu pedia uma oportunidade às editoras para apresentar-lhes meus trabalhos. A carta foi xerocada e enviada para várias. Dias depois, recebi uma resposta da Editora Moderna dizendo que eu poderia enviar-lhes meus originais. Já conhecia os trabalhos dessa editora e sonhava em ser publicado por ela. Aquele momento, talvez por ser ainda adolescente, aquilo teve um grande significado para mim, como se estivesse diante da grande oportunidade da minha vida. Na inocência da idade, enviei-lhes os primeiros originais de “Quando o verão chegar”, datilografado por mim, cheio de erros, com uma redação altamente defeituosa e pobre, mas para o meu entender de livro na época, tratava-se de uma grande obra com tudo para ser publicada e fazer muito sucesso. Claro que não foi assim, o mesmo foi devolvido meses depois e hoje dou graças a Deus.

Em seguida, iniciei correspondências referentes à obra “Lembranças de um ano letivo”. Em maio de 1991, enviei ao editor de Editora de Brasil um envelope contendo a proposta de escrever uma obra infantojuvenil romanceada e descontraída sobre a realidade das pessoas com deficiência, pois sendo uma editora que se preocupava com temas sobre comportamento humano e realidade social, acreditei ter chances. Junto à carta ao editor, estava uma sinopse contendo o objetivo, características do livro, cenários onde iria passar o enredo e as características de cada personagem, além de meu currículo resumido. O título provisório seria “Sociedade dos Deficientes Vivos” e tudo foi datilografado pelo Sérgio, secretário do Dr. Lot. Um mês depois, a editora me respondeu ter interesse por uma obra dessa natureza, estimulando-me a escrever e enviar para um parecer final.

Comecei a escrevê-la, mesmo com pouca experiência e

amadurecimento para elaborar uma obra como essa. Ao terminá-la, pedi um parecer ao Professor Luiz Vitor Martinello, para quem criei o personagem-narrador em sua homenagem; em sua apreciação apontou o meu erro de variar a narração em primeira e terceira pessoa, que as personagens mudavam bruscamente de opinião como um passe de mágica sem uma preparação lógica e tempo, recomendando-me descrever mais os cenários, gestos e sentimentos entre os diálogos. Escrevi a segunda versão do meu texto e no dia 21 de outubro enviei os originais à editora. O mesmo me foi devolvido em 23 de dezembro e, segundo a carta do editor, eles resolveram dar prioridade aos lançamentos de originais destinados à faixa infantil.

Mesmo antes da devolução dos originais, enviei uma cópia ao amigo João Baptista Cintra Ribas, pois eu queria desenvolver um texto com abordagem correta e recorri ao seu parecer; ele me respondeu em abril de 1992, com sete pontos de observação referentes à obra; iniciou dizendo que de uma maneira geral era um texto de boa qualidade, fácil leitura, leve o objetivo; sugeriu, dentre outras coisas, a troca do título, falar mais sobre a história de vida dos personagens que lutavam por suas primeiras paixões – amorosas ou existenciais; da pieguice de um final feliz para todos o que não acontece na vida real; recomendou-me o exercício de no ato de escrever, também me colocar no lugar do leitor. A partir daí, comecei a terceira versão da obra, a qual foi enviada para mais editora (Moderna, Atual, Paulinas) já com o título “Lembranças de um Ano Letivo” e não aprovada para publicação. Entre esses envios, elaborei a quarta versão, enviada em julho de 1994 à Coordenadoria Nacional para Integração de Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE/Brasília) a pedido deles, mas sem nunca ter recebido uma resposta ou parecer. Até chegar a uma agência literária...

Outra obra de destaque sobre muitas correspondências, foi “Segredos do Bug Amarelo!”. Eu já tinha o sonho de um dia ser



publicado pela editora Moderna. Por meio de um contato telefônico, consegui no final de 1990 ser recebido pela Agente Editorial da casa e entregar em mãos os originais dessa obra. O mesmo, não aprovado, foi-me devolvido em março do próximo ano e depois enviado para a Editora do Brasil e a FTD e devolvido. Em abril de 1992, tinha um compromisso em São Paulo e escrevi ao Caio Graco Prado, da Editora Brasileira, pedindo o agendamento de um horário com ele para expor algumas de minhas ideias e lhe entregar esses originais. Caio teria um encontro profissional em Minas Gerais, mas me pediu para lhe enviar tudo por escrito. Cheguei a escrever uma carta datada de 18 de junho de 1992 com todas as ideias de livros que eu iria lhe propor, mas como estava com uma viagem a passeio para Guaraçai, deixei para pôr nos correios na minha volta. Mas para minha surpresa, quando estava tomando o café da manhã dois dias depois na casa do Helton, li uma manchete na Folha de S.Paulo: “Caio Graco é enterrado em São Paulo”. Ele havia falecido em um acidente de moto em MG. Não mais enviei esse meu projeto para a Brasiliense. Posteriormente cheguei a tentar algumas editoras particulares, mas elas eram muito caras.

Em 1997 eu ia muito para São Paulo. Pequei uma amizade muito forte com o Jorge Guerra que era filho da Dona Encarnação, proprietários do prédio onde minha mãe e irmãs moravam. Conversávamos sobre muitas coisas e ele me dava muitos conselhos. Ocasão que decidi encarar de vez a carreira de escritor. Peguei três longos textos meus e formei um original intitulado “Folhetins Modernos”, no qual eu propunha uma nova linguagem literária de forma experimental de narração. Em seguida, submeti-o à avaliação de agência literária, mas o mesmo não foi aprovado para ser agenciado junto às editoras. Hoje concluo que ainda tinha muito que aprender e desenvolver para me considerar realmente um escritor!

Referente às outras obras (“Do chocolate, ao primeiro beijo!”, “Não é fácil...”, “Coleção Diálogos”, “Deficiências???”), “O

astronauta que vende banana”, dentre outras), foram dezenas e dezenas de envios às editoras e muitas recusas: Atual, FTD, Scipione, Saraiva, Brasil, Companhia das Letras, Loyola e a Moderna (a quem já mandei mais de doze obras para avaliação). O mesmo aconteceu com alguns de meus estudos literários que desejava publicar em forma de livros. Foram devolvidos por: Cortez, Vozes, EDUSC, Ática, Annablume, Summus, EDUSP, Casa do Psicólogo. O assunto pessoas com deficiência sempre era o foco principal dessas obras.

## *Caminhando em silêncio: autor e personagem*

Um bom pesquisador é movido pela curiosidade. Eu sempre quis conhecer mais sobre o passado da minha classe de pessoas. Foi assim que nasceu a minha obra “Caminhando em Silêncio - Uma introdução à trajetória da pessoa com deficiência na história do Brasil”, publicada no momento quando o tema Inclusão Social e Escolar está em voga. Tracei em suas 184 páginas o percurso das pessoas com deficiência na História do Brasil, passando pelos indígenas, os jesuítas, a escravidão, o Império, o surgimento da medicina brasileira, a República, os momentos da Educação Especial, chegando à consciência e aos movimentos políticos dessas pessoas e sua autonomia iniciada em 1981, focando ainda a temática “deficiência” dentro de nossas lendas, literatura e artes em geral.

Fruto de uma pesquisa sistemática durante dez anos, procurei reforçar em seu contexto a teoria de que a maioria das questões que envolvem as pessoas com deficiência no Brasil – por exemplo, mecanismos de exclusão, políticas de assistencialismo, sentimentos de piedade, caridade, inferioridade, oportunismo, dentre outras -, foram construídas culturalmente. E, questões culturais demoram a serem revertidas, além de necessitarem de estratégias bem elaboradas. Na organização dos capítulos há uma

forma didática e multidisciplinar, visando colaborar com várias áreas como Psicologia, Pedagogia, Sociologia, História, Medicina, Artes e afins. Realizando uma pesquisa sistemática e metodológica, busquei dar foco às pessoas com deficiência em quase todas as fases de nossa história.

No fundo sei que sou um dos personagens anônimos da caminhada narrada em meu livro. E com meus passos atravessei as três fases em quarenta anos de minha existência. Na década de setenta, eu estava lá, semi-interno na AACD, experienciando os últimos anos da institucionalização total que se promoviam em torno das pessoas com deficiência. As expectativas com relação ao meu futuro, certamente eram mínimas!

No início dos anos oitenta, quando ocorreu o lendário Ano Internacional da Pessoa Deficiente (1981), um marco de muitas rupturas de conceitos, deixei a capital e fui me isolar em uma pequena cidade do interior paulista. Mas foi lá, fora dos padrões convencionais das instituições, entre tantos amigos sem deficiências e estudando em uma escola comum, que realmente o meu desenvolvimento ocorreu. Certamente o padrão de normalidade deles me estimularam a isso, uma vez que eu desejava fazer tudo o que meus amigos faziam. Foi também nessa fase que começou a minha produção intelectual, principalmente a literária e jornalística. Isso porque aquela sociedade me deu oportunidade e criou caminho para isso!

Anos noventa, e lá estava eu em Bauru, uma das maiores cidades do interior paulista. Isto me obrigou a me superar mais uma vez a aprender a andar sozinho, tomar ônibus, frequentar comércios, conhecer gente e a buscar o meu espaço. Estávamos vivendo a segunda fase brasileira com relação às pessoas com deficiência. A chamada Integração Social, embora essa ainda trazia em suas entrelinhas o modelo médico. Foi nessa época que me despertou a consciência política. Por ser jornalista, foram incontáveis as matérias e artigos de opinião escritos e publicados nos

mais variados órgãos. Por meio da extinta Revista Integração, tive a minha projeção nacional. Foram centenas de correspondências trocadas com outras pessoas com deficiência, profissionais e pesquisadores da área. Formei um enorme acervo sobre essa temática.

A partir de meados dos anos noventa, ser bolsista do Centrinho, possibilitou-me refinar e me desenvolver ainda mais como pesquisador, iniciando uma fase de muitas monografias e publicações de artigos científicos. Refinamento esse que ganhou corpo e forma com a minha entrada na faculdade de Psicologia. Ali realmente ocorreu o meu refinamento enquanto cientista. Aprendi que poderia desenvolver minhas próprias teorias, conceitos, conhecimentos. Se enquanto jornalista eu fiz circular o conhecimento e a informação, agora como acadêmico, posso emitir as minhas próprias opiniões e visões de mundo. Tanto que dentro da Psicologia uma das minhas principais metas é criar e oferecer modelos para modernizar a chamada “Psicologia do Excepcional”!

Nos últimos quinze anos vi nascer e desenvolver o terceiro conceito com relação às pessoas com deficiência: a Inclusão Social e Escolar. Esse rompe com os dois conceitos anteriores pautados em modelos médicos. Agora é toda a sociedade que se envolve na questão. Esse conceito ganha cada vez mais campo e ações na prática. Acredito que a internet tem uma grande parcela nesse processo, pois nunca tantas pessoas se comunicaram e trocaram ideias sobre o assunto. As antigas reuniões e movimentos de pequenos grupos hoje se dão nos ambientes virtuais e o que é melhor, ao alcance de todos e democraticamente. Hoje o mercado de trabalho nunca absorveu tantos profissionais com deficiência; a inclusão escolar é uma realidade cada vez mais concreta; nos meios de comunicação de massa dia-a-dia falam e mostram essas questões. No campo das ciências, o desenvolvimento da biomecânica, as pesquisas e os resultados preliminares com

células-tronco e tantos outros estudo também me fazem ficar bastante animado com a reabilitação física e a cura de doenças de muitas pessoas.

Concordo que há vários pontos a serem melhorados. Mas se fizermos uma avaliação histórica, veremos que caminhamos muito e, se antes em silêncio, hoje temos voz e vez. Por isto, eu odeio quando certas pessoas, talvez amarguradas de coração, dizem que nada muda em relação às pessoas com deficiência. Mesmo tendo minha visão sempre otimista, não posso deixar de citar alguns pontos negativos que me incomodam. Infelizmente em nosso meio temos uma minoria de oportunistas; tanto algumas poucas entidades, quanto algumas pessoas com deficiência que se mantém na condição de coitadinhos para se beneficiarem financeiramente da caridade alheia. Do mesmo jeito, conheço algumas poucas pessoas que encontraram no discurso da Inclusão Social e Escolar uma oportunidade de emprego e/ou meio de se promoverem socialmente e, longe de um compromisso ideológico, vêem as pessoas com deficiência como mera mercadoria de trabalho. Tenho até um caso a relatar. No início dos anos noventa, conheci um rapaz que havia adquirido uma paraplegia devido a um acidente de carro. Ele me pedia ajuda para entrar nos Movimentos Sociais das nossas questões. Durante um bom tempo o orientei e ele tomou um rumo político no Movimento, assumiu importantes cargos em entidades e instituições e se projetou internacionalmente. No primeiro semestre de 2007, já morando em São Paulo, parado e sem nenhuma perspectiva de trabalho, mas incomodado por não estar sendo útil às ideologias que acredito, mandei um e-mail a ele pedindo uma ajuda, oferecendo os meus serviços. Ele me respondeu simplesmente: “Estou muito ocupado, se algum dia eu tiver um tempo lhe dou atenção!!!”

Como bem acentuei, essas pessoas são uma minoria em nosso meio. Infelizmente, em qualquer segmento da raça humana, sempre haverá os oportunistas. Mas, felizmente, nós, com com-

promissos leais e ideológicos com a Inclusão Social e Escolar somos imensamente maiores que eles e nossa meta de construir uma sociedade inclusiva a todos já é um fato visível aos nossos olhos!

Outro ponto eu quero tocar, até mesmo como uma forma de chamar a atenção. Durante muito tempo nos congressos e seminários sobre pessoas com deficiência só autoridades médicas e técnicas tinham participação e voz. Com o tempo, pessoas com deficiência ganharam espaço e voz nesses eventos; mas aquelas com alguma posição acadêmica ou de militância política. Em todos que participei, nunca vi uma pessoa com deficiência, moradora das regiões mais pobres do país, moradoras de favelas e de regiões altamente carentes, ser convidada a palestrar, falar de sua realidade e necessidade. Raramente vi tocar nessas questões. Precisamos criar pesquisas e políticas para conhecer e trazer a realidade dessa parcela de pessoas com deficiência para o nosso círculo de discussão e, com o tempo, elaborar planos e trabalhos para também sanar tais necessidades. Aí sim, estaremos praticando o conceito de Inclusão Plena de fato!

A Inclusão Social e Escolar hoje é uma realidade. São inúmeras as pessoas que recorrem a mim pedindo ajuda, orientações, materiais, principalmente por meio do meu site. Mas ao longo da minha trajetória, colaborei com muitos, distribuí muito material e conhecimento e digo, não para me vangloriar, mas porque é verdade, nunca cobreí ou recebi nada por isso. Sempre me vi dentro de um compromisso ideológico – e porque também não dizer missão espiritual! - dada por Deus. Um misto entre as experiências empíricas de alguém que adquiriu uma deficiência durante o parto e um amante das letras e da ciência que por meio de seus escritos faz circular conhecimentos. Autor e personagem de um mesmo enredo social e escolar!!!

## *Os faxineiros da USC*

**N**a época da USC poucos percebiam dois senhores bem humildes e uniformizados que faziam faxina no primeiro bloco. Ali passavam o dia varrendo o chão do pátio, corredores, rampas, limpando vidraças das salas de aulas e atividades que lhes cabiam. A USC tinha na época perto de quatro mil alunos somando os três períodos de aulas. Cansei de observar alunos, professores, funcionários, dirigentes passarem por esses senhores sem ao menos esboçar-lhes um cumprimento. Talvez eu tenha colocado reparo nisso, porque desde o começo sempre passei por eles e dei um bom dia, uma boa tarde e um sorriso. No começo eles estranhavam, pois quase ninguém fazia isso. Mas com o tempo, eles me retribuíaam com sorrisos. Sempre que possível, eu parava e trocávamos algumas palavras. Havia momentos que estava em plena aula, eles limpando as vidraças pelo lado de fora, davam-me uma acenada. Às vezes quando estava me aproximando, eram eles que tomavam a iniciativa de me cumprimentar, até perguntar algo mais do tipo “como vai, doutorzinho?”, pois às vezes eu estava com o meu jaleco de aluno de Psicologia. De certo que até hoje não sou um Doutor, mas na simples visão de pessoas como eles, quem cursa uma universidade é. Principalmente na visão do povo do interior.



A recordação desses dois faxineiros me chama para refletir sobre as relações humanas que estamos vivendo atualmente. Pelo menos as mais básicas. O fato de cumprimentá-los não fazia de mim uma pessoa melhor que ninguém. Desde pequeno tive como hábito ver todos por igual, ter amigos de todas as profissões e níveis sociais. Só para continuar focado no período que morei em Bauru, residia em um bairro bem de periferia, rua ainda de terra, esburacada. A casa de minha avó tinha uma grande varanda coberta, com confortáveis cadeiras. No começo da noite sentava-me lá. Meus vizinhos, faxineiros, garis, pedreiros, caminhoneiros, cortadores de cana, iam chegando, sentando e a gente formava rodas de bate-papos. Como era bom ouvi-los falar, contar suas rotinas, histórias de vidas, superação de obstáculos, sonhos, angústias, desejos. Muitas narrações engraçadas. Meu Deus, como eram enriquecedores aqueles momentos. Era o encontro natural das duas classes de intelectuais. Eu, um intelectual acadêmico que adquiri todo o meu conhecimento por meio de livros e estudos em materiais produzidos por outros pensadores. E eles, os intelectuais orgânicos que adquiriram seus conhecimentos no dia-a-dia da lida com a vida; conhecimentos esses que com certeza nunca encontrarei em nenhuma biblioteca do mundo.

Ainda em Bauru, andei muito tempo sozinho de ônibus coletivo. Ao entrar pela porta da frente, sempre cumprimentava o motorista e o cobrador. Com o tempo, fui pegando amizade com todos eles. Conhecíamos-nos pelos nomes, conversas pelo caminho. Sou bastante sincero em dizer que nunca faço isso com intenção de me beneficiar, mas sim pelo prazer de ser simpático com o meu próximo, seja ele quem for. Só que com o tempo, esses motoristas quando me viam no ponto, já encostavam os ônibus bem na guia para eu tanto subir, como para descer. Às vezes, perguntavam-me onde eu ia ficar, paravam fora dos pontos mais pertos dos locais. Houve momentos que eu caminhava pelas avenidas, eles paravam os ônibus e perguntavam se eu queria uma carona.

Também eu era simpático e fazia amizades com vendedores de lojas, atendentes de lanchonetes e restaurantes. Uma vez a Marina passou um fim de semana em Bauru e pediu-me para acompanhá-la nas compras no sábado. De repente, ela disse estar espantada, pois nos lugares que entrávamos, o pessoal me conhecia pelo nome. À noite, fomos a um evento cultural e o prefeito, vereadores, artistas, jornalistas e outras pessoas vieram me cumprimentar. No restaurante em que fomos jantar escolhido por ela, os garçons eram todos meus irmãos na fé, saudei um por um e a comida já veio toda cortada, com pratos e talheres do jeito que preciso para me alimentar sozinho. O cozinheiro lá dentro também era meu chegado. Até brinquei com ela, dizendo: “Isso que dá ser amiga de um escritor!”

Na minha trajetória, Deus me deu a oportunidade de conhecer e conviver com pessoas de todos os níveis e, sobretudo, reconhecer a importância e o papel social e humano de cada um. Talvez uma das primeiras lições que tive sobre essa convivência igualitária, foi no início da adolescência. O pai do meu melhor amigo era um forte criador de gado. Na hora do almoço, ele fazia questão que todos os seus empregados, tanto da casa como da lida do campo, sentassem à mesa com sua família. Mesmo que houvesse visitas importantes. Eu achava isto lindo. Foi numa dessas ocasiões que conheci Moura Andrade – o verdadeiro Rei do Gado da moda de viola! Aliás, a pequena cidade do interior me ensinou muito sobre conviver em comunidade sem distinção. Um exemplo, nos anos 80 não havia em Guaraçá escolas particulares. Todos, ricos ou pobres, estudávamos no grupo estadual. E as amizades geradas nos bancos escolares estendiam-se para toda a vivência em qualquer situação social ou comercial.

De volta à USC, lá também tive outra experiência que vale a pena relatar. Antes do atual restaurante, nos meus três primeiros anos, havia um refeitório menor com mesas de quatro lugares. Servíamos as nossas bandejas, íamos procurar uma cadeira vaga

para nos sentarmos, mesmo com as demais ocupadas. Ou outras pessoas vinham se sentar quando alguém se levantava da nossa mesa. Com isso, almoçávamos à mesa com colegas de outros cursos, funcionários, professores de todos os cursos, coordenadores, pacientes e seus familiares, dirigentes. Tudo numa ciranda diária de companhias. A refeição, algo sagrado, servia como um exercício de igualdade e o nascimento de muitas amizades.

Repito, não sou melhor do que ninguém por ser simpático e atencioso com todos. Apenas talvez um antiquado que gosta de cultivar expressões como “bom dia, como vai?, tudo bem com você?, posso ajudá-lo?, conte comigo, por favor, por gentileza, muito obrigado” e tantas outras palavras mágicas que enriquecem e tornam mais bonita a arte de conviver com o próximo. Mas que infelizmente, o individualismo riscou-as dos vocabulários de muitos. E talvez por não ter ambições na vida, é que aprendi ser feliz nas oportunidades à minha volta, respeitando e enxergando belezas em cada pessoa que entra e sai do meu cotidiano.

## *Resultados de um processo de individuação*

Por ocasião da minha mudança para São Paulo, tive que deixar o meu cargo na Congregação Cristã no Brasil após dois anos. No dia 01 de abril de 2007, encaminhei uma carta ao Ministério, dizendo após as saudações: “Devido a minha mudança para a cidade de São Paulo por motivo de trabalho e estudo, venho por meio desta comunicar-lhes que a partir da presente data, deixo de exercer o cargo de Auxiliar de Jovens e Menores na minha comum Congregação na Vila Garcia. Louvo e agradeço a Deus por ter me ajudado e abençoado nesses quase dois anos que permaneci no cargo! Que Deus, em sua infinita bondade, abençoe a todos...”

Aqui na capital, além de continuar frequentando as reuniões das segundas-feiras na comunidade perto de casa sempre levado pelo irmão Décio, passei a ir todos os domingos pela manhã na Congregação da Lapa, agora minha comum. Ali, além do privilégio de conviver e ouvir os conselhos e histórias de um dos anciãos mais antigos, irmão Natanael, construo a cada dia grandes amizades como com o ancião Arquimédes, os diáconos Oswaldo e João Carlos, o cooperador Arão (que também preside as reuniões de segundas-feiras), os irmãos Luiz, Sérgio, Fábio e tantos outros que minha lista aumenta a cada dia. E sou recebido

e tratado por eles com tanto carinho, atenção e apoio que, às vezes, até me comovo. Uma relação de muito amor mútuo!

Em novembro de 2007, uma coisa muito interessante aconteceu. Descobri na internet um site chamado “Amor em Cristo” para que evangélicos solteiros de todas as denominações religiosas se conheçam e encontrem o seu par. Acreditando que fazer os primeiros contatos no mundo virtual para depois se conhecer pessoalmente, amenizaria o impacto inicial de quem vê uma pessoa pela primeira vez. Acabei até escrevendo um bom artigo sobre isso intitulado “Relacionamentos virtuais rumo aos amores reais”! Cadastrei-me no site e comecei a mandar mensagens para algumas moças. Mas só no segundo contato eu revelava a minha deficiência e contava que tinha um site que contava a minha história pessoal e profissional. Foram mais de sessenta contatos. Resultado, a grande maioria nunca mais me respondia. Uma pequena parcela me elogiava, mas deixava claro só o desejo da amizade. Houve algumas que, sabendo que eu era psicólogo, começaram desabafar e pedir conselhos e, quando se sentiam bem, não mais me retornavam.

Essa experiência de pouco mais de nove meses me despertou uma curiosidade científica. Por que a pessoa com deficiência encontra tantas dificuldades no campo dos relacionamentos sentimentais? Só que eu não queria mais ficar naquele velho chavão em dizer “o deficiente é um rejeitado” como pensava na época em que andava com o Zé Baixinho. Agora buscava respostas concretas. Em meus levantamentos preliminares vi que como uma regra geral e cultural, uma pessoa com deficiência em público pode incomodar muita gente. Mas não de forma consciente. Sua imagem mexe com os conceitos de um corpo perfeito tão almejado por muitos. No inconsciente das pessoas despertam ameaças, medos de que, talvez, por meio de acidentes possam adquirir uma deficiência e ficar também naquele estado. Ou a figura da deficiência pode não despertar medo desse tipo propriamente

dito, mas submergir outros tipos de deficiências que as pessoas ocultam dentro de si, temendo-os. Há também a questão do *status* social. Surgem as rejeições. Só que muitas vezes, os preconceitos nada mais são do que mecanismos de defesas culturais contra a ameaça da considerada imperfeição. E, com relação ao campo sentimental, essa bagagem cultural que trazemos no inconsciente coletivo, causa impactos iniciais que bloqueiam o erotismo da atração entre pessoas com e sem deficiência. (Mas esse é um tema que pretendo me aprofundar muito durante ou depois da minha Formação de Psicanalista!)

Foi nessa fase que passei a ter consciência da minha própria deficiência. Do que significa ter uma paralisia cerebral. Uma deficiência cujo estigma é muito maior do que sua própria consequência. Estigma de ser tratado a todo momento em lugares públicos como alguém que porta uma grave deficiência mental e raramente as pessoas se dirigem diretamente a você, mas sim à pessoa que lhe acompanha. Uma deficiência onde as pessoas que não lhe conhecem, já lhe recebem cheias de escudos e mecanismos de defesa. E tenho a plena consciência de que foi esse estigma que não me permitiu me realizar sentimentalmente. Das moças eu só consigo ter o título de grande amigo, o gênio, um grande escritor, o velho preconceito do “deficiente super-herói”. De certa maneira, também tenho uma parcela de culpa nisto, pois tive poquíssima vida social na vida, quase nenhuma oportunidade para conhecer e conviver com moças; mas também minha caminhada por várias circunstâncias não me permitiu isso...

Recentemente, comentei com uma amiga que, às vezes, sinto-me prisioneiro em uma prisão sem grades (o estigma), condenado por um crime que não cometi. E é dessa amiga que começo a falar agora, um fato fundamental aconteceu na minha vida. Uma moça chamada Sara, enviou-me uma mensagem pelo Amor em Cristo. Trocamos vários e-mails e ela pediu para me conhecer pessoalmente. Foi a primeira vez que uma moça demons-

trou interesse por mim. No final de dezembro de 2007, marcamos um encontro na manhã do domingo na Congregação da Lapa. Depois ela veio almoçar com a minha família e passamos algumas horas conversando na pracinha do meu condomínio. Eu estava encantado, pois Sara era exatamente do jeito de moça que sempre sonhei em ter como esposa, tanto no corpo, quanto na personalidade e “papo-cabeça”. Foi também a primeira vez que me interessei por uma moça da minha religião. Cheguei a acreditar que ela seria a esposa que Deus me prometeu que um dia me dará. Só que ela foi buscar a Palavra e Deus não confirmou o nosso namoro e um futuro casamento. Obedientes, não temamos com Ele. Mas uma amizade muito forte nasceu entre nós.

No início de 2008, por falta de bolsa, eu não consegui me matricular no segundo semestre do mestrado. Tentei de todo jeito, conversei com algumas autoridades da PUC. Para um cheguei até oferecer meus serviços em troca da bolsa, mas ele riu na minha cara. Foi a primeira vez que senti na pele o que realmente significava o termo “equiparação de oportunidade” que tanto eu defendia nos meus escritos. Meus colegas de classe eram professores universitários ou da rede estadual de ensino; eles por não nascerem com deficiência, puderam estudar no tempo correto e entrar no mercado do trabalho e desenvolverem normalmente em suas carreiras; agora chegavam ao mestrado bem empregados e podendo arcar com as despesas; eu não, devido a minha história, só pude entrar em uma universidade com mais de 33 anos, ainda não tinha conquistado meu espaço no mercado de trabalho. E, por conta disto, não pude cursar o mestrado, sem uma bolsa e me equiparar a eles! (Mas trago uma recordação bonita dessa época, a oportunidade de conviver com duas grandes professoras: a minha orientadora Mitsuko Aparecida Makino Antunes, a Mimi, uma das mais importantes historiadoras da psicologia brasileira e a Cláudia Davis, um dos grandes nomes da educação em nosso país!)

Era o fim do meu sonho de estudar a Psicologia Sócio-Histórica no ninho. Meu sentimento era de um casamento que chegou ao fim entre eu e o mundo científico. Aquele projeto de conseguir reformular as disciplinas “Psicologia do Excepcional” nas faculdades do país tinha morrido. Pelo menos naquele momento. Sentia-me perdido, pois o meu projeto profissional parecia não mais existir. Buscando um novo rumo, tentei me aproximar do pessoal da Psicologia Existencial-Humanista, percebendo que esse namoro não daria certo!

Por conselho de minha mãe para não ficar parado, procurei um curso de pós-graduação à distância. Achei um de Inclusão Escolar pela Faculdade de Tecnologia e Ciência – FTC da Bahia. Nessa pós-graduação desenvolvi com conclusão a monografia “A deficiência dialogando com a arte: Dos fatos históricos à inclusão escolar e social”, onde abordo o fazer artístico em três áreas interligadas: psicológica, interação escolar e inclusão social (mercado de trabalho), sendo orientado pela professora Luciene Souza Santos.

Acabei me apaixonando por esse estilo da aprendizagem. A gente estuda em casa, sem intervenção de colegas de classe com assuntos que muitas vezes fogem ao conteúdo. A gente não precisa se locomover, enfrentar trânsito, gastar com transporte e alimentação, chegar estressado à aula. Vendo estatísticas do MEC, nos últimos anos a aprendizagem à distância tem resultados no mesmo nível dos ensinamentos presenciais. Por outro lado, em um país onde as faculdades estão concentradas só em trinta por cento dos municípios, o ensino a distância permite que os outros setenta por cento tenham acesso ao ensino superior. E, puxando a sardinha para a minha área, é uma grande oportunidade para que pessoas com deficiência se qualifiquem. Hoje sou um grande defensor do ensino a distância! E disso, descobri uma nova possibilidade profissional: ser professor (tutor) no ensino a distância. Tenho feito cursos de formação nessa Docência e também adaptado várias de minhas pesquisas e escritos em cursos para ministrar!



Foi nesse período que, unindo os meus conhecimentos em artes gráficas, comecei a fazer e-Books de alguns antigos originais meus e distribuir gratuitamente na internet. Também peguei alguns textos meus e montei alguns cursos que estou ministrando como tutor em escolas virtuais.

Iniciei um processo de reflexão na minha vida. Cheguei a uma conclusão inicial: Escrever! Talvez esse seja o grande barato da minha existência. Remonto aos meus primórdios e, criança, já estava com lápis e muito papel à minha volta. Aos 12 anos, entrei para o mundo do jornalismo, escrevendo muito mais por impulsão e idealismo. Durante toda a adolescência, foram incontáveis rascunhos de originais de livros que não tinham estruturas para sobreviver, mais de quinhentas poesias e poemas, textos para jornais e revistas. Foram tantos os cursos e encontros literários, mais de dez anos de encontros mensais com o professor e filósofo Luiz Vitor Martinello para discussões, análises e correções de minhas produções. Por opção, uma vivência sem vida social, intermináveis fins de semana trabalhando a máquina de escrever, na velha rotina de pôr e tirar papel, empurrar o carro ao final de cada linha, escrever embalado pelo som das teclas batendo na fita, imprimindo letras na folha; hoje essas lembranças têm gosto de romantismo!

Fora da PUC e visando tomar o meu tempo, fui retomando a carreira de escritor, comecei a rascunhar uns romances e contos. Considerando que durante mais de vinte anos, li semanalmente na “Folha de Guaraça” as crônicas de um querido amigo, Ângelo Humberto Ancilotto, sua produção me fez aprender esse estilo de texto. Por muitos anos planejei me iniciar nesse tipo de escrita e até anotei várias ideias no meu caderno, principalmente durante a faculdade. E, no momento que me “divorciei” da ciência, comecei a escrever crônicas semanais para três sites. Só que meus textos passaram a ter um elemento a mais. Por meio da chamada Crônica Narrativo-Descritiva – que explora a caracterização de

seres, descrevendo-os, ao mesmo tempo mostra fatos cotidianos, comecei a usar a Psicologia e seus conceitos para explicar comportamentos e relações interpessoais contemporâneos. De repente, relendo esses meus escritos, comecei a notar neles muito do pensamento da Psicanálise. Passei a ler mais Freud e sua teoria, mas ler com prazer, sem obrigação de uma aula ou prova. E quanto mais leio, mais me identifico com o pensamento psicanalítico. Não só Freud, também outros teóricos da Psicologia; e dessas leituras, criei a um Boteco imaginário, onde dialogo com eles, tragos para dentro de minhas crônicas como personagens.

Uma recordação bonita me veio. Quando ingressei na faculdade de Psicologia, tinha o objetivo do mundo da pesquisa tão forte, que abri mão da Formação de Psicólogo, concentrando-me apenas no Bacharelado. Mas uma coisa muito forte me marcou nesses quatro anos de graduação; as aulas da professora Silvana Nunes Garcia Bormio, uma apaixonada pela Psicanálise. Suas aulas eram tão envolventes e claras, que ela conseguia repassar essa paixão para nós alunos. Até eu – que na época era adepto da teoria sócio-interacionista –, passei a gostar do pensamento freudiano com as aulas dela.

Fora isto, nesse período, fiz várias amigas no Amor em Cristo. Em nossas conversas, sempre desabafavam comigo, pediam conselhos. Eu deixava claro a elas que não era um psicoterapeuta, que não poderia fazer terapia, pois minha formação não era clínica; mesmo assim, às vezes, sentia-me a vontade em dar uns toques. E sentia que as ajudava.

Volto a falar de Sara, com quem tive muitos diálogos, troquei muitas ideias, dividimos frustrações, angústias, planos e objetivos de vida; ela, mesmo sem saber, ensinou-me muitas coisas, estimulou-me a enxergar outras, inspirou-me alguns temas, deu-me confiança para buscar mais na vida! Na verdade, por nós dois termos a mesma idade, estávamos vivenciando a fase que Carl Jung denominou de “individuação”, entre os 35 e 40 anos de

idade. Segundo ele, nesse período a pessoa deseja já ter realizado três etapas da vida: estabilidade profissional, casamento e filhos. Por já ter realizado esses três estágios, suas buscas da primeira fase da vida foram cumpridas, mas a pessoa ainda está cheia de energia e precisará encontrar outras metas para canalizá-las. De certo, Sara e eu ainda não havíamos atingido os estágios do casamento e filhos. E como é comum nessa fase, temos a falsa e grande sensação que não dará mais tempo de realizar os nossos desejos. Principalmente para mim que vivi muitos anos em cidades do interior onde as pessoas, por não terem o projeto de vida como eu de estudo e carreira, casam-se cedo, têm um emprego e vivem uma vidinha rotineira que para eles é o suficiente para serem felizes. Eu me sentia em desvantagem em relação a eles. Hoje penso diferente: estou bem encaminhado profissionalmente e sei o que quero da vida. E se o casamento chegar – e sei que vai chegar porque é promessa de Deus! – sinto que estou suficientemente maduro para receber uma esposa, respeitá-la, ser muito companheiro e compreensível e fazê-la feliz até o fim dos nossos dias...

Nos comentários de Sara e de outros leitores, eu sentia que escrevendo é uma forma de se praticar a Psicologia. Também é uma forma de expressão que me proporciona autoconfiança, onde criei a metáfora “A Prática de escrita como Divã” – pois a leitura desses teóricos com prazer e a redação de meus textos, traz-me a sensação que finalmente estou entendendo o que é Psicologia. São textos que não morreram em si, mas que pretendo reescrevê-los de tempos em tempos, acrescentando algo a mais – pois uma coisa que aprendi com Luiz Vitor, é que literatura é a arte de lapidar textos. E esses, além de poder “acender raios de esperança nas pessoas” (como diz Ancillotto), possibilitando-me realizar uma autoanálise, redescobrir enquanto profissional, um novo encontro com o meu eu! Um eu de novas possibilidades... E desse conjunto de crônicas com um eixo entre a Psicologia e a Filosofia, publiquei recentemente um e-Book que intitulei de

*Psicocronicando*, o mesmo nome do meu blog e o qual dediquei com muito carinho para a Sara!

Por conta dessa mistura de escritas, leituras e diálogos, passei a ter muita vontade de fazer cursos na área de Psicanálise, sentindo que posso me desenvolver muito mais profissionalmente. Quem sabe, um dia chegar a clinicar, já que muita gente tem me procurado com essa intenção, dizem que confiam em mim, no meu carisma e inteligência e na minha capacidade de ajudá-las; mas ficam decepcionadas quando digo que não sou clínico. E no fundo, sinto que com uma formação correta, um dia serei capaz de praticar a clínica. Também sinto que a Psicanálise pode ajudar muito no meu modo de escrever. Principalmente escrever romances e contos que já povoam a minha mente e estão ganhando forma no meu caderno de anotações de ideias.

Durante toda a minha existência, foram inúmeras influências que sofri e pratiquei tanto como profissional, mas principalmente quanto pessoa. Dessas quatro influências aqui destacadas – as aulas literárias de Luiz Vitor, a paixão pela Psicanálise nas aulas da Silvana, a leitura das crônicas do Ângelo e a amizade e diálogos com Sara – possibilitaram-me definir os dois eixos que norteiam meus caminhos daqui pra frente: Psicanálise, com possibilidade tanto da clínica, como por meio das minhas observações e estudos, retomar a minha produção e atividades científicas principalmente no campo da Psicologia da Arte e, sobretudo, livre das amarras acadêmicas. E a retomada da minha carreira de escritor; mesmo tendo a noção de que um autor nunca estará completo e que literatura é um processo de contínua construção, sinto que após uma faculdade de Psicologia e o curso de Formação em Psicanálise, finalmente estarei preparado para a principal meta da minha existência: o ato de escrever!!!

# *Autobriografia ou memória de um eterno tipógrafo?*

**F**ascinava-me quando, em 1983, entrei para a tipografia e ficava observando meus colegas ajuntar tipos (letras) móveis no componidor, formando frases, parágrafos, montando chapas de textos e artes cujo resultado final era a impressão em papel com diversas finalidades. Fazendo uma metáfora, minha vida também tem sido conduzida assim: o ajuntar de tantos “eus” que resultam em inúmeras produções que agradam e ajudam a muitos. Uma eterna composição estimulada por muitos desafios.

Por muitos anos sempre me pediram para escrever a minha autobiografia. Foram mais de vinte palestras onde contei o resumo de minha caminhada. Até que, aos 39 anos, senti a necessidade de escrever esta obra que me consumiu completamente nos últimos quatro meses. Certamente essa necessidade surgiu de uma vontade de fazer uma autoanálise da minha trajetória. E desse processo pude me autodividir em quatro fases: São Paulo (de 0 aos 11 anos), fase dos tratamentos e escolarização; Guaraçai (dos 11 aos 19 anos), fase dos reais desenvolvimentos e sociabilização; Bauru (dos 19 aos 37 anos), fase dos experimentalismos, descobertas e aperfeiçoamentos profissionais; novamente São Paulo (a partir dos 37 anos), fase das autoanálises e individuação.

Todavia, em vez de escrever uma autobiografia, optei por escrever memórias. A diferença é que a primeira se trata de uma narrativa sistemática, contínua e organizada de forma cronológica. Memórias são recordações de fatos que o autor deseja contar. Aqui, embora eu mantenha uma narrativa organizada em sequência, escolhi a forma da crônica como linguagem. Muitos fatos e pessoas com as quais convivi podem ter ficado de fora. Mas certamente serão aproveitadas em futuras narrativas de contos e romances. Isto porque continuarei utilizando o meu compôndor imaginário, ajuntando letras, formando textos como um velho tipógrafo que coloca profundo amor em sua atividade. Continuarei atuando em minha tipografia solitária, mas repleta de possibilidades. Muitos sonhos, desejos e ideias ainda tenho por perseguir e realizar. Planejo a minha aposentadoria só diante do meu túmulo. Quando será isso? Só o meu bondoso Deus tem a resposta!

*Emílio Figueira*  
*São Paulo, inverno de 2009.*

---

Agradeço ao meu grande amigo Dr. José Carlos Rodrigues Amarantes por suas observações e correções nesta nova reimpressão.





Se você gostou deste livro  
indique-o para um amigo!

Esta obra foi composta em fonte Electra LT Std 11,5/14,4  
e impressa em papel Cartão Supremo 250 g/m2 [capa]  
e em papel Alta Alvura 75 g/m2 [miolo].